



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

MARISA TRINDADE CARROMBA GRANJA SIMÃO GAGO

**A Defesa da Dignidade Humana como Expressão da
Misericórdia**
Reflexão e proposta pedagógica para o Programa de EMRC

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutora Teresa Messias
Mestre Cristina Sá Carvalho

Lisboa
2019

DEDICATÓRIA

Ao Jorge pelo seu amor e apoio incondicional, à Eva, Simão Pedro e Maria *fruto das minhas entranhas* que amo em absoluto.

AGRADECIMENTOS

Aos docentes deste Mestrado em Ciências Religiosas do Instituto Universitário de Ciências Religiosas que tornaram real este projeto, em particular às Professoras Doutora Teresa Messias e Mestre Cristina Sá Carvalho que aceitaram orientá-lo, encorajando e dando ânimo para que seguisse em frente, contribuindo decisivamente para que pudesse evoluir até ao resultado final. Ao professor Mestre Juan Ambrósio, pelo interesse e apoio demonstrado.

Aos amigos, José Carlos Martins, Sónia Pagarete, Ana Mafalda Henriques, Ana Filipa Nobre cúmplices desta jornada, nos momentos de felicidade e de deserto.

À família, pilar que sustentou esta longa caminhada, sempre presente para auxiliar. À minha mãe Ângela e ao José Carlos Martins pela ajuda na revisão dos textos, pelo apoio e estímulo. Ao Jorge, Eva, Simão e Maria, pelos laços de misericórdia que nos unem para a vida toda, que com o seu sacrifício e paciência me permitiram encontrar um porto seguro para trabalhar neste projeto.

«Não deixes que a noite interrompa as tuas obras de misericórdia; não ponhas intervalo algum entre o teu bom propósito e o seu cumprimento. Só a prática do bem não admite adiamento».

Gregório de Nazianzo, Séc. IV¹

¹ GREGÓRIO NAZIANZO, SANTO, Oratio 14.º *De pauperum amore*, 38.40: PG 35, 907.910 cit in *Liturgia das Horas segundo o Rito Romano*, Volume II, Quaresma e Tempo Pascal, Gráfica de Coimbra, 1999⁴, 248.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo abordar o tema da defesa da Dignidade Humana como expressão da Misericórdia e especificamente da Misericórdia no atual Programa da disciplina curricular de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). Ele nasce da constatação de uma insuficiente abordagem de tão importante tema no Programa.

Compreender que a Misericórdia é o principal atributo de Deus e que Jesus é o rosto da Misericórdia do Pai são objetivos deste trabalho. Consequentemente, apresenta-se a noção de Misericórdia como chave de leitura para aferir quem são os que adotam um estilo de vida cristão.

Este trabalho aborda o tema nuclear da Misericórdia nos seus aspetos fundamentais a partir dos fundamentos bíblicos do Antigo e Novo Testamentos e também dos documentos do Magistério, nomeadamente a *Carta Encíclica Dives in Misericordia* de João Paulo II e a *Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia: Misericordiae vultus* de Francisco.

No final faz-se a análise ao atual Programa da disciplina com o objetivo de averiguar em que medida este tema está nele presente e termina com a proposta pedagógica de criação de uma nova Unidade Letiva intitulada: *A Misericórdia*.

Palavras-chave:

Dignidade Humana, Misericórdia, Educação Moral e Religiosa Católica, Programa Curricular.

ABSTRACT

The purpose of this work is to approach and defend the subject of human dignity as an expression of Mercy, specifically of Mercy as it is developed in the present curricular program of the Catholic Religious and Moral Education. It arises from the realization of an insufficient approach of such a relevant and important topic in this programme of studies.

The goals of this work are to understand that Mercy is God's main attribute and that Jesus is the face of the Father's Mercy. Consequentially, the notion of Mercy is presented key word in order to gauge who are those who adopt a Christian lifestyle.

This work addresses nuclear topic of Mercy in its' fundamental aspects, starting from the biblical foundations of Old and New Testaments as well as the Teaching Authority documents, namely John Paul II's Encyclical Letter *Dives in Misericordia* and the Bull of Indiction of the Extraordinary Jubilee of Mercy, *Misericordiae vultus* of Francis.

Finally, we analyse the current curricula Catholic Religious and Moral Education program with the purpose of ascertaining the extent to which this theme is herein present and we finish presenting a pedagogical proposal that is the creation of a new learning unit entitled: Mercy.

Keywords:

Human Dignity, Mercy, Catholic Religious and Moral Education, Subject's programme of study.

SIGLAS E ABREVIATURAS

<i>Misericordiae vultus</i>	FRANCISCO, <i>O rosto da misericórdia (Misericordiae vultus): Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia</i> , Paulinas Editora - Secretariado Geral do Episcopado, Prior Velho, 2016.
<i>A Misericórdia</i>	W. KASPER, <i>A Misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã</i> , Lucerna, Cascais, 2015.
«A misericórdia de Deus»	A. MARTINS, «A misericórdia de Deus num mundo de violência», <i>Bíblica: série científica</i> 15 (2006) 1-9.
«Espiritualidade cristã e identidade crente»	T. MESSIAS, «Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis», <i>Communio</i> XXIX (2012) 113-128.
«Existencia estética e identidad cristiana»	M. BONGARDT, «Existencia estética e identidad cristiana: sobre la posible forma del cristianismo en la sociedad de la vivencia», <i>Concilium</i> 282 (1999) 639-651.
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica.
Colab.	Colaboradores.
<i>Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014</i>	SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, (Colab.) C. S. CARVALHO, D. PEDRINHO, E. URBANO, F. MOITA, J. AMBRÓSIO, <i>Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos, edição de 2014</i> , Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2014.
<i>Aprender a Ensinar</i>	R. ARENDS, <i>Aprender a Ensinar</i> , McGraw-Hill, Madrid, 2008.
Ed.	Editor.

«O valor “vida”»	S. PRIVITERA, «O valor “vida”: Dom de Deus – Responsabilidade do Homem», in J. CUNHA e W. OSSWALD (Ed.), <i>Ética da vida: Vitalidade da ética</i> , Universidade Católica, Porto, 1997, 5-12.
<i>Declaração sobre o aborto provocado</i>	CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, <i>Declaração sobre o aborto provocado</i> , Cidade do Vaticano, 18.11.1974, in http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19741118_declaration-abortion_po.html .
<i>Evangelium Vitae</i>	JOÃO PAULO II, <i>Carta Encíclica Evangelium Vitae</i> , Cidade do Vaticano, 25.3.1995, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html .
<i>Introducción a la antropología teológica</i>	L. LADARIA, <i>Introducción a la antropología teológica</i> , Verbo Divino, Navarra, 2011 ⁹ .
<i>Carta dos Profissionais de Saúde</i>	CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DA SAÚDE, <i>Carta dos Profissionais de Saúde</i> , Paulinas, Lisboa, 1995.
Coord.	Coordenador.
«Interrupção voluntaria da gravidez»	S. LEONE, «Interrupção voluntaria da gravidez», in S. LEONE e S. PRIVITERA, J. CUNHA (Coords.), <i>Dicionário de Bioética</i> , Editorial Perpétuo Socorro, Vila Nova de Gaia, 2001.
<i>Quero Ser</i>	SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, (Colab.) A. CORDEIRO, F. MOITA, J. L. DIAS, M. PORTUGAL, <i>Manual do aluno Educação Moral e Religiosa Católica 9.º ano do Ensino Básico: Quero Ser</i> , Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2015.
«As provocações dos Homens à misericórdia»	V. PINTO, «As provocações dos Homens à misericórdia de Deus», <i>Bíblica: série científica</i> 15 (2006) 165-177.

- «Jesus: rosto da misericórdia» A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 104-123.
- «A Misericórdia “Chave” de leitura e de ação da vida cristã» J. AMBROSIO, «A Misericórdia “Chave” de leitura e de ação da vida cristã», in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 9-26.
- «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus» J. LOURENÇO, «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus», in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 27-50.
- Dives in Misericordia* JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Dives in Misericordia*, Cidade do Vaticano, 30.11.1980, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html.
- LXX Setenta: versão grega da Escritura.
- «Fixar o olhar na Misericórdia» L. RODRIGUES, «Fixar o olhar na Misericórdia, ser sinal eficaz do agir do Pai», *Pastoral Catequética* 34/35 (2006) 107-117.
- «Misericórdia» C. JULES – X. LÉON-DUFOUR, «Misericórdia», in X. LÉON-DUFOUR (Ed.), *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Vozes, Petrópolis, 1992, 594-598.
- «Dinamismos de misericórdia» L. ALMENDRA, «Dinamismos de misericórdia no coração e nas palavras dos sábios de Israel», in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 84-103.

- «Os Cantos do Servo» J. LOURENÇO, «Os Cantos do Servo. O grito da Misericórdia de Yahwé», in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 61-83.
- «Do Deus da justiça ao Deus da misericórdia» J. CARVALHO, «Do Deus da justiça ao Deus da misericórdia», *Bíblica: série científica* 15 (2006) 65-98.
- Salmos para a vida* I. LARRAÑAGA, *Salmos para a vida*, Paulinas, Lisboa, 2001.
- «Prefiro a misericórdia ao sacrifício» B. DOMINGUES, «Prefiro a misericórdia ao sacrifício», *Bíblica: série científica* 15 (2006) 99-111.
- As Parábolas da Misericórdia* CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, Paulus, Lisboa, 2015.
- As Obras de Misericórdia* CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Obras de Misericórdia Corporais e Espirituais*, Paulus, Lisboa, 2015.
- Catecismo da Igreja Católica* *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999².
- Angelus* FRANCISCO, *Angelus*, Cidade do Vaticano, 24.9.2017, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papa-francesco_angelus_20170924.html.
- «O Bom Samaritano» R. D. B. de MENESES, «Teologia aplicada O Bom Samaritano (Lc 10,25-37): pelo caminho da principiologia», *Revista de Cultura Teológica* 61 (2007) 1-9.
- «Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai» A. VAZ, «Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai», *Bíblica: série científica* 15 (2006) 113-130.
- a.C. Antes de Cristo.
- GE CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração sobre a Educação Cristã (Gravissimum Educationis)*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002, 613-632.

- EMRC: Um valioso contributo para a formação da personalidade*
- «Finalidade, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares»
- «Sobre as Finalidades da EMRC»
- «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular»
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2006, 7-16.
- J. AMBROSIO, «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares: Programa de EMRC, edição de 2014», *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 63-81.
- T. S. NUNES, «Sobre as Finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica», *Pastoral Catequética* 5 (2006) 75-80.
- C. S. CARVALHO, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição de 2014», *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 29-61.

INTRODUÇÃO

Ao longo da vida tenho tido contacto com realidades distintas de acordo com os diferentes meios em que tenho desenvolvido a atividade profissional. Procurando chegar a todos os que me procuram dentro da sala de aula e não só, também àqueles que fora dela cruzam o meu caminho, que trocam um olhar, tenho vivido envolvida nesta missão de dar mais do que receber, do saber acolher todos e de procurar transmitir o que é realmente essencial.

Foi dentro desta azáfama que é ser professora, e especificamente dentro do desafio de educar e transmitir a Educação Moral e Religiosa Católica, que foi crescendo em mim o desejo de aprofundar junto dos alunos o tema da Misericórdia. Pelas diversas escolas em que passei existiram sempre constrangimentos, a maior parte motivados pelo ambiente sociocultural em que as escolas estavam inseridas. Olhando para os diversos contextos com que os alunos hoje se deparam, creio ser esta uma temática a aprofundar, pela sua centralidade e importância enquanto formadora de personalidades e um alerta para as consciências adormecidas. Também eu me senti convocada pelo Papa Francisco, não só a atravessar o Jubileu da Misericórdia, decretado para o ano de 2016, mas a torná-lo basilar na vida de todos nós, a saborear a alegria, serenidade e paz que vêm deste mistério que é a Misericórdia. Impõe-se a necessidade de compartilhá-la com todos os que cruzam o meu caminho de acordo com o desejo do Papa. Ele menciona que não deve ser apenas no ano do Jubileu, mas também nos anos futuros que «a todos, crentes e afastados, possa chegar o bálsamo da misericórdia como sinal do Reino de Deus já presente no meio de nós»².

² FRANCISCO, *O rosto da Misericórdia (Misericordiae vultus): Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, 5, Paulinas Editora - Secretariado Geral do Episcopado, Prior Velho, 2016.

Olhando para o passado, mais longínquo ou recente, encontramos marcas de destruição que ainda hoje assombram a nossa existência, sejam as guerras mundiais do século XX, ou as ameaças do terrorismo e ataques que fazem manchete nos noticiários todos os dias.

A partir do tema da dignidade da vida humana percebemos que a vida é um dom fundamental e primordial que Deus nos dá. A criação, ato livre do amor de Deus, tem a sua intencionalidade num gesto de misericórdia de Deus para conosco. Mas olhando para o mundo deparamo-nos com situações de pobreza extrema, a situação das populações refugiadas, onde os mais fracos como são as crianças e idosos são as principais vítimas de tudo isto.

Obedecendo ao chamamento que o Papa Francisco nos faz, e em particular na vivência do ano Jubilar da Misericórdia, surge este trabalho que visa manter presente a importância do tema fundamental da Misericórdia, ela que «é condição da nossa salvação»³, conservando acesa a sua chama para que não haja a tentação de cair no esquecimento como alertava o Cardeal W. Kasper no seu livro sobre a Misericórdia.

O trabalho tem como eixo central a Misericórdia, um tema muito atual, pertinente e simultaneamente estruturante, para o qual o Papa Francisco tem tido um papel pró-ativo, procurando chamar a atenção da Igreja em particular e de todo o mundo em geral.

Durante a experiência pedagógica de lecionação deparamo-nos com a situação concreta de os alunos não saberem o que é a Misericórdia. Trabalham e conseguem definir o que é o amor, a paz, a liberdade, mas não a Misericórdia. Desta constatação resultou a interrogação de saber como é feita a abordagem da Misericórdia ao longo do Programa da disciplina. Posta a formulação do problema, propôs-se a realização de uma atividade de pesquisa que examinasse no Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica onde é que a Misericórdia é abordada.

³ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 2.

Neste contexto, é objetivo deste trabalho apresentar uma nova forma de propor a Misericórdia em EMRC, através da criação de uma Unidade Letiva que não consta do atual Programa da disciplina. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica procura levar os alunos a crescerem como pessoas e acreditamos que o tema da Misericórdia é estruturante e que pode fomentar a formação integral dos alunos.

Por conseguinte estruturamos o trabalho em quatro capítulos. Primeiramente apresentamos uma abordagem ao tema da Dignidade da Vida Humana, tema que foi desenvolvido na Prática de Ensino Supervisionada. Nesse capítulo fazemos uma reflexão no contexto da Prática Letiva, caracterizamos o universo da escola e da turma onde decorreu o estágio e as razões que fundamentaram a escolha da Unidade Letiva 1: *Dignidade da vida Humana*. Detivemo-nos na compreensão da importância da defesa da Dignidade Humana como expressão da Misericórdia que a promove e restaura, mostrando como é sob o seu desígnio que se desenvolve toda história da Salvação.

Na segunda parte exploramos o conceito da Misericórdia, sustentando teoricamente o enquadramento teológico do tema. Procuramos aprofundar as diferentes aceções da palavra Misericórdia como ponto de partida. Perscrutamos depois todo um caminho através da Bíblia, desde o Antigo Testamento, onde se revelou a Misericórdia enquanto principal atributo de Deus, passando depois para o Novo Testamento, onde encontramos a mensagem messiânica da Misericórdia divina, encarnada em Jesus Cristo como revelação do rosto misericordioso de Deus para com a Humanidade. Em seguida, procuramos apresentar a Igreja alicerçada como sacramento do amor e da misericórdia.

Na terceira parte fazemos uma reflexão sobre a educação, o ensino religioso escolar, o ensino da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica e a metodologia e estrutura que integram o atual Programa em vigor, seguidamente procuramos situar no Programa as referências à Misericórdia, onde ela aparece, nomeadamente os conteúdos onde esta temática é abordada. A partir da análise feita concluímos que as referências à Misericórdia são

insuficientes. Em consequência sentimos a necessidade de propor um novo caminho para perscrutarmos a Misericórdia. Por fim, no quarto capítulo, propomos uma nova Unidade Letiva intitulada *A Misericórdia* e faremos a sua estruturação programática.

Com este contributo de criar uma nova Unidade Letiva propomos a criação de um novo itinerário que leve os alunos a contactarem com a Misericórdia, procurando ajudá-los a viver e anunciar, que esta «é o caminho que une Deus e o homem»⁴. É dentro deste caminho que podemos contemplar o nosso Deus que é um Deus de Misericórdia, que se fez e continua a fazer próximo e mantém uma relação de amor, que se multiplica em múltiplos sinais, tendo o seu expoente máximo em Jesus Cristo que «é o rosto da misericórdia do Pai»⁵.

⁴ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 2.

⁵ *Ibidem*, 1.

CAPÍTULO I

A FONTE DA DIGNIDADE HUMANA

A vida encontra-se em todos os seres vivos. A sua característica mais importante para os cientistas é a sua capacidade de reprodução. De todas as espécies que existem, a humana é a que mais se distingue pela sua capacidade racional e volitiva que não partilha com os outros seres vivos⁶. Podemos dizer que possui características únicas e exclusivas como a memória e a autoconsciência da sua própria subjetividade.

O ser humano enquanto ser pensante quer saber sempre mais e desde sempre em cada povo e cada cultura têm sido levantadas questões fundamentais sobre a existência humana. Encontram-se respostas em todas as culturas e em todas as religiões. Também através das ciências se têm investigado e descoberto pistas que permitem responder a algumas dúvidas sobre o surgimento da vida e do ser humano, nomeadamente através da teoria da evolução das espécies de Darwin, que defende o aparecimento de espécies mais completas devido à evolução de espécies mais simples. No entanto, persistem ainda questões sobre as origens a que os dados empírico-científicos não conseguem dar resposta, para as quais é preciso procurar outras explicações e perspectivas, nomeadamente recorrendo à dimensão do transcendente.

Na perspectiva religiosa das três grandes religiões do Livro, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, a vida surge pelo poder amoroso de Deus, mas desenvolve-se através dos mecanismos naturais, os elementos da criação queridos por Deus. A perspectiva cristã (católica) narra o sentido da vida humana e do Universo no contexto da relação íntima com Deus, aceita a teoria da evolução das espécies, como hipótese científica credível, mas sem que

⁶ Cf. S. PRIVITERA, «O valor “vida”: Dom de Deus – Responsabilidade do Homem», in J. CUNHA e W. OSSWALD (Ed.), *Ética da vida: Vitalidade da ética*, Universidade Católica, Porto, 1997, 5.

ela contradiga a origem radical dos seres vivos vinculada à ação do Espírito vivificante do criador. Entende que Deus criador é o autor de tudo o que existe e a origem da vida.

O reconhecimento da vida humana enquanto dom fundamental revelou-se um marco na história da civilização humana. O dom da vida, «valor primordial que é preciso proteger e promover»⁷, foi reconhecido não só pelas religiões como também pelas civilizações ao longo da história da humanidade. No entanto, ao longo das épocas, esse dom de respeitar e preservar tem sido posto em causa de diversas formas, em contextos de violência, como as guerras, escravatura, atentados, preconceito, racismo, xenofobia e nazismo.

Pelas diversas razões que atentaram contra a vida humana ao longo do tempo, esta viu-se seriamente comprometida, havendo por isso a necessidade de elaborar leis e códigos escritos onde se certifica a defesa da vida humana, como por exemplo a Declaração Universal dos Direitos Humanos redigida pela Organização das Nações Unidas após a Segunda Guerra Mundial. Essa consciência dos povos que foi evoluindo, teve a sua origem nos valores cristãos e hoje reconhece também os direitos das crianças, inclusive das não nascidas, mas já geradas, direitos próprios desde a sua conceção e que não dependem da vontade dos adultos.

1. Reflexão no contexto da Prática Letiva

A Prática Letiva ocorreu na Escola Básica 2/3 de D. Fernando II que se situa na vila de Sintra (rua António Cunha), numa zona classificada pela UNESCO como Paisagem Cultural e Património da Humanidade desde 6 de Dezembro de 1995.

Desde o ano letivo 2012/2013 que a Escola Básica 2/3 D. Fernando II faz parte do Agrupamento de Escolas Monte da Lua juntamente com mais uma Escola Básica 2/3, uma

⁷ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaração sobre o aborto provocado*, 1, Cidade do Vaticano, 18.11.1974, in http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19741118_declaration-abortion_po.html (consultado a 9.8.2017).

Escola Secundária, sete Escolas Básicas 1/Jardim de Infância e um Jardim de Infância, agrupadas em três unidades locais de gestão pedagógica.

A Escola Básica 2/3 de D. Fernando II albergando 744 alunos, 70 professores, possuía 85 turmas do ensino regular, duas das quais com percurso curricular alternativo e uma turma de curso vocacional básico de 3º ciclo. Todas as turmas da escola tinham alunos inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, numa percentagem que rondava os cinquenta por cento.

Os alunos que frequentavam a escola são oriundos tanto do meio urbano como rural, e também provenientes de comunidades/culturas diversas. Estas circunstâncias originam uma multiculturalidade, que faz com que os educadores, onde também estão inseridos os professores, devam assegurar que todos os jovens tenham as mesmas oportunidades de aprender, como nos diz Richard Arends⁸.

O corpo docente apresenta-se estável e experiente, uma vez que é muito reduzido o número de docentes contratados e foi claramente perceptível observar através dos trabalhos expostos, dos cartazes de sensibilização e das campanhas que se encontram em todos os corredores, que os professores se preocupam com os seus alunos e que se sentem responsáveis pela sua aprendizagem, fazendo com que estes sejam independentes e autorregulados. Como refere Arends, o ensino baseia-se nas experiências dos professores e na sabedoria da prática e acrescenta que «a tarefa de ensinar os jovens é demasiado importante e complexa para ser deixada à mercê dos pais ou das estruturas informais de tempos passados. A sociedade moderna precisa de escolas dotadas de professores competentes que instruam e cuidem das crianças enquanto os pais trabalham»⁹. Este aspeto faz toda a diferença no processo de organização e vivência da escola e no processo de ensino-aprendizagem.

⁸ Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 2008, 44.

⁹ *Ibidem*, 4.

De referir ainda a preocupação da Escola em dar visibilidade à disciplina de EMRC, que tem inclusivamente um cantinho muito alegre onde estão retratados os melhores momentos passados nas atividades realizadas com e para os alunos e dinamizadas pelos docentes da disciplina.

Apesar dos edifícios não serem já muito novos, a escola está bem equipada ao nível das tecnologias, havendo em todas as salas de aula um computador e um projetor.

São todos estes pormenores que refletem o entusiasmo e o dinamismo que move e que se vive na escola e que nos faz sentir bem acolhidos e parte integrante desta comunidade educativa.

Através da caracterização da turma foi possível conhecer o universo socioeconómico e motivacional dos alunos. A turma lecionada foi a B do 9.º ano de escolaridade, constituída por vinte e um alunos, sendo maioritariamente feminina, composta por quinze raparigas (setenta e um por cento) e seis rapazes (vinte e nove por cento). A média das idades dos alunos era catorze e meio e a moda catorze. Estavam inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica dezassete alunos. A maioria dos alunos havia transitado em bloco do ano anterior para esta turma, dezasseis alunos (setenta e seis por cento), tendo-se registado cinco novas entradas: duas por mudança de turma, duas provenientes de retenções e uma por mudança de estabelecimento de ensino.

A nível académico apresentava oito alunos (trinta e oito por cento) que já tinham ficado retidos durante o seu percurso escolar, estando três deles a repetir o nono ano. Diante do historial de retenções a escola disponibilizou a quatro destes alunos um acompanhamento tutorial por parte de um professor e cinco deles passaram a integrar o projeto EPIS, projeto que tem como objetivo principal lutar contra o abandono e insucesso escolar. No final do ano letivo transato treze alunos (setenta e dois por cento) haviam obtido níveis inferiores a «três» em uma ou mais disciplinas, sendo maioritariamente às disciplinas de Matemática e História.

Constatou-se que o percurso escolar destes alunos havia sido irregular e que estes, no geral, manifestavam algumas dificuldades.

A maioria dos alunos integrava um agregado familiar de tipologia monoparental, um total de quinze alunos (setenta e um por cento), sendo que nesta tipologia existia um aluno adotado, e seis que integravam um agregado familiar de tipologia reconstruída (vinte e nove por cento), vivendo com madrasta e/ou padrasto. A maioria dos alunos tinha irmãos, um total de dezasseis alunos e apenas cinco alunos eram filhos únicos.

Existiam oito alunos (trinta e oito por cento) com cuidados de saúde especiais, para além dos visuais, destes, quatro (dezanove por cento) tinham necessidades educativas especiais. Salienta-se que existiam na turma três alunos que estiveram ao longo da sua vida escolar expostos a situações de *bullying*. Dois dos alunos com necessidades educativas especiais encontravam-se inscritos na disciplina de EMRC e beneficiaram de diversas medidas que podemos avaliar como estando adequadas e a surtir efeito, uma vez que ambos os alunos participavam com muito empenho nas atividades propostas, estavam atentos, intervinham quando lhes era solicitado e tomavam também a iniciativa de pedir para colaborar.

A vivência comunitária dos dezasseis alunos que frequentavam a disciplina resumia-se à frequência catequética de três alunos, sendo que um deles exercia também o serviço de acólito. Na turma estava inscrita uma aluna cristã evangélica. Perante esta realidade, podemos constatar que o Ensino Religioso Escolar era valorizado pelos pais e alunos, pois apesar de a maioria dos alunos não ter envolvimento pastoral, os pais continuavam a inscrever os filhos na disciplina de EMRC e certamente a ver nela um fator importante para a formação pessoal, social e humanitária dos seus filhos.

Hoje são tantas as situações que parecem clamar por justiça que levam muitos a questionar a posição de Deus. Como pode um Deus tão poderoso permitir que se destrua a obra da sua criação? Conforme nos diz o Cardeal W. Kasper «o sofrimento no mundo é,

provavelmente, o argumento de maior peso do ateísmo moderno»¹⁰. Este é um dos principais fundamentos que serve de base ao ateísmo, justificando que tudo o que de mal acontece, só tem lugar porque Deus, na forma como os crentes o anunciam e creem, não existe. O facto de se questionar a existência de Deus não é por si só um ponto negativo, porque através deste exercício de indagação, o ser humano não se torna indiferente. Ele procurará respostas às suas inquietações e isso fará com que seja levado a investigar e refletir, por si próprio, tal como o jovem Martinho Lutero se interrogava como poderia encontrar um Deus misericordioso.

«A questão “como encontro eu um Deus misericordioso?” suscitou durante muito tempo temores de consciência, até se dar conta de que, segundo a Bíblia, a justiça divina não é a justiça castigadora, mas sim a justiça justificadora e, por conseguinte, a misericórdia de Deus»¹¹.

Os sofrimentos e dores de que o mundo padece, são de ordem física e corporal, como as guerras onde se tentam encontrar desculpas para justificar os crimes de morte, violação ou roubo. Mas também se juntam a eles a violência psicológica e moral com que se atenta contra os direitos e a dignidade da pessoa humana, atuando com desrespeito e desprezo, atentados que alastram provocando aflições de ordem espiritual, desorientação e falta de sentido para a vida. Pode afirmar-se que estes são frutos que aparecem «sempre que os homens privilegiam o “ter” em detrimento do “ser”»¹².

O mal, a violência e o sofrimento parecem ter sempre existido e é comum encontrar em todas as religiões interpretações para a sua origem, o porquê da sua existência, qual o seu sentido. No atual ambiente em que muitos «se sentem desalentados, sem esperança e desorientados, a mensagem da misericórdia divina deveria fazer-se valer enquanto mensagem de confiança e de esperança»¹³. Não se pense que está desaparecida a busca pelo

¹⁰ W. KASPER, *A Misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, Lucerna, Cascais, 2015, 11.

¹¹ *Ibidem*, 24.

¹² A. MARTINS, «A misericórdia de Deus num mundo de violência», *Bíblica: série científica* 15 (2006) 2.

¹³ W. KASPER, *A Misericórdia*, 21.

transcendente. Hoje muitos continuam a procurar a sua identidade, procuram respostas interiores de liberdade e sentido. Nessa abertura ao transcendente, dá-se uma busca de sentido para a vida, que não tem obrigatoriamente de estar relacionada com o religioso, pode estar ligada a outras experiências humanas. Esta abertura ao transcendente tem como foco a realização de uma experiência plena da pessoa, que busca uma identidade mais profunda de si mesma, o seu «*self*»¹⁴.

Nesta busca da felicidade, a pessoa procura uma forma de satisfação que a leva muitas vezes a tomar por fontes de felicidade, formas mundanas e objetos finitos criados que possam possuir, procura uma forma de satisfação imprópria a que Kierkegaard chama disfrute. Tomo como exemplos os que M. Bongardt utiliza citando S. Kierkegaard para ilustrar algumas destas situações: o dinheiro que é necessário acumular, a beleza cultivada com vaidade, os talentos ostentados de forma arrogante¹⁵, «essas pessoas partem do pressuposto que, por meio do usufruto, a sua vida pode adquirir forma e conteúdo»¹⁶.

Ao deixar-se dominar por essa busca e pelos objetos do seu desejo a pessoa incorre no risco de se perder no que é essencial. Essa desordem afetiva constitui um dos problemas da existência. As relações que se estabelecem possuem sempre um caráter provisório e fugaz, só de forma transitória é possível possuir os objetos e a sensação de precariedade pode levar à perdição. Aqueles que optam por esta forma de vida supõem, erroneamente, que através do usufruto dos objetos conseguem estruturar e dar sentido às suas vidas¹⁷. Bongardt caracteriza esta sociedade como «sociedade da vivência» e refere que a nova estrutura económica e social se desenvolve em torno do seguinte princípio: «Experimenta algo! Experimenta-te a ti

¹⁴ Cf. T. MESSIAS, «Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis», *Communio* XXIX (2012) 113-114.

¹⁵ Cf. M. BONGARDT, «Existencia estética e identidad cristiana: sobre la posible forma del cristianismo en la sociedad de la vivencia», *Concilium* 282 (1999) 640-641.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Cf. *Ibidem*.

mesmo»¹⁸ e todos aqueles que se ajustam a esta exigência deixam-se arrastar para um mercado que só valoriza a vivência, orientado para o que é moda¹⁹.

Nas sociedades de hoje muitos procuram obter a satisfação imediata, movendo-se num ciclo insaciável. Angariam no exterior uma forma de colmatar o «vazio interior» de si mesmos. Quando se encontram em situações críticas têm tendência para escolher um novo incentivo ou optam por algo instantâneo que seja capaz de satisfazer a sua situação atual. No entanto é preciso ver que, para que possam afirmar-se e encontrar uma identidade mais profunda da pessoa humana e conseguirem obter a realização pessoal que dá sentido à vida, é necessário possuírem perspectivas de vida com sentido e principalmente orientação transcendente. Ao fazer a escolha errada são quase sempre conduzidos ao ateísmo quotidiano e ao abismo do vazio interior.

Importa ter presente que a identidade cristã não é incompatível com as exigências estéticas. Não pode, por isso, o cristianismo ser negligente e deve de forma perceptível dar um rosto à conversão amorosa em Deus, apresentar uma via sensível, para orientar o homem a fazer escolhas livres que lhe permitam moldar a sua verdadeira identidade. A atitude a adotar passa pelo reconhecimento crítico de que a vida na sociedade atual do bem-estar possui limites e possibilidades. O homem, ao assumi-las, cria condições que lhe possibilitam ter uma existência digna e cristã²⁰. Nesta condição deve alargar os seus horizontes e tem a missão de ajudar o seu próximo a enfrentar os vícios da «sociedade da vivência»²¹ como a caracteriza M. Bongardt e a alcançar a libertação que lhe permita fazer as escolhas de aceitação ou recusa perante os testemunhos de fé cristãos. Esta experiência existencial, o cristianismo «vive-a, redescobre-a e propõe-na»²².

¹⁸ *Ibidem*, 646.

¹⁹ Cf. *Ibidem*, 646.

²⁰ Cf. *Ibidem*, 646-647.

²¹ *Ibidem*, 646.

²² T. MESSIAS, «Espiritualidade cristã e identidade crente», 119.

Neste mundo onde a violência parece predominar em todos os setores, é obrigação do cristianismo apresentar esperança e confiança num Deus clemente, misericordioso, onipotente que tudo renova, um Deus vivo. Esta resposta fundamental deve ser valorizada de forma a permitir viver uma vida eclesial com sentido. Negá-la implica não só negar-se a si próprio como negar a Deus, negar a consciência que dá sentido à vida e atribui a dignidade ao ser humano. Conscientes disso temos de ser promotores da Misericórdia, «capazes de anunciar de uma forma nova a mensagem da Misericórdia divina às pessoas que padecem de aflição corporal e espiritual»²³.

Urge, então, a necessidade de reconhecer a dignidade da vida humana como dom fundamental, dom de Deus, e a Misericórdia divina como origem do mundo e da salvação. Só assim se conseguirá responder aos desafios levantados pelas fragilidades da atual sociedade. Essa é a chave para restabelecer e promover a importância da Dignidade Humana, que tantas vezes e de tão variadas formas foi e continua sendo ameaçada ao longo do tempo.

Conscientes desta realidade que continua a assombrar a vida humana percebemos que a Unidade Letiva 1 do 9.º Ano intitulada «Dignidade da Vida Humana» é uma temática muito atual e pertinente. Consideramos vital a sua lecionação no Programa da disciplina de EMRC, essencialmente no momento crítico de formação da identidade de cada jovem. Esta unidade estimula e desafia os alunos a adotarem uma reflexão crítica sobre a Dignidade da Vida Humana e fomenta a tomada de consciência para assumir o compromisso de defesa deste valor, que se revelará essencial quando, ao longo da vida, forem confrontados a tomar uma decisão e a fazer uma escolha.

Ao lecionar esta unidade, sentimos que vai muito ao encontro do Projeto Educativo da Escola D. Fernando II, que pretende «Educar em todo o seu Ser», o que significa que professores e alunos se impliquem na totalidade na arte de transmissão e descoberta do saber. Durante a lecionação procurámos ser fiéis a este chamamento, estabelecendo relações

²³ W. KASPER, *A Misericórdia*, 15.

humanas, laços de afetividade com os alunos e colegas, organizando com rigor a investigação, planificação e produção de materiais, de acordo com o programa de EMRC e o manual do aluno, conscientes de que «uma boa planificação, que é sempre indispensável, exige que o docente adquira conhecimento sobre as turmas e os alunos, de modo a adaptar a leção tanto aos Objetivos e Conteúdos como à população discente»²⁴.

Escolheram-se métodos de ensino que considerámos adequados e delinearam-se estratégias motivadoras para os alunos em virtude das suas diferenças e dos seus contextos sociais e culturais, sabendo que «o ensino eficaz requer uma reflexão profunda e cuidada sobre as ações de um professor e os efeitos destas na aprendizagem académica e social dos alunos»²⁵. Encontrámos alunos que apresentavam alguma destruturação familiar e onde a escola tem muitas vezes de assumir o papel do educador, particularmente o professor. A todas essas situações estivemos atentos, correlacionando as vivências e as realidades concretas dos alunos aos conhecimentos a transmitir, motivando-os para o ensino, empenhando-nos na produtividade e criatividade das aulas e partilhando com eles experiências e situações que marcam para a vida e que criam laços de amizade. Diz-nos Arends que «uma boa planificação envolve a distribuição do tempo, a escolha dos métodos de ensino adequados à criação de interesses nos alunos e a construção de um ambiente de aprendizagem produtivo»²⁶.

Ao longo de cada aula houve sempre a preocupação de criar um ambiente de respeito e valorização, procurando através de reforços positivos e elogios fortalecer a autoestima e a motivação dos alunos, incentivando-os à exploração do mundo que encontram para além da casa e da escola.

As aulas iniciavam-se com um momento de revisão que permitia que se fizesse um enquadramento do que havia sido dado na aula anterior. Depois desse momento em que os

²⁴ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, (Colab.) C. S. CARVALHO, D. PEDRINHO, E. URBANO, F. MOITA, J. AMBRÓSIO, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos, edição de 2014*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2014, 159.

²⁵ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 20.

²⁶ *Ibidem*, 92.

alunos despertavam para os conteúdos já trabalhados e após estarem motivados e atentos eram-lhes apresentados os novos conteúdos, criando neles o desejo e interesse para aprender. Procurámos proporcionar aulas mais centradas nos alunos, onde eles passaram a ter o papel principal no processo de ensino aprendizagem; as estratégias de debate, julgamento, dramatização, jogos, música tocada e cantada ao vivo são exemplos disso. Os alunos manifestavam interesse e entusiasmo em aprender e tomavam a iniciativa quando lhes era dada oportunidade. As aulas terminavam com uma pequena síntese como súmula conclusiva do que haviam aprendido nessa aula, muitas vezes ditada pelos alunos.

A avaliação foi implementada diariamente em sala de aula, de forma contínua, o que permitiu que os alunos se pudessem confrontar perante o seu desempenho e simultaneamente ao receberem o *feedback* corrigirem e melhorarem as suas trajetórias.

Em diversos momentos de lecionação, ao dar conteúdos como a vida como dádiva de Deus, a Parábola do Bom Samaritano, a atenção e o cuidar da vida dos mais necessitados no contexto em que se vive, verificámos que se tornava distante a apreensão da noção de Misericórdia. Verificámos que se determinados conteúdos que implicitamente abordavam a Misericórdia se pudessem prolongar, isso seria uma mais-valia para a aprendizagem dos alunos. Quando esta constatação foi surgindo, através dessa experiência com a turma, entendemos que a construção desse tipo de chaves de leitura da Misericórdia seria uma meta a alcançar e a aplicar no futuro, para proporcionar uma maior apreensão e aprendizagem de todas as dimensões que envolvem a Misericórdia.

2. A vida humana, imagem e semelhança de Deus

Foi nos relatos da criação presentes no livro de Génesis que as três grandes religiões monoteístas se apoiaram para fundamentar a origem da vida atribuída a Deus. «Deus disse:

“Faça-se a luz.” E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa... Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o primeiro dia.» (Gn 1,3-5) Deus criou o ser humano à Sua imagem e semelhança: «Depois Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança...”» (Gn 1,26a) «Quando Deus criou o ser humano, fê-lo à semelhança de Deus» (Gn 5,1b), por isso desde a concepção existe o ser humano de alma e corpo, vértice da criação em unidade fundamental com o criador, cuja imagem é a do Deus vivo sobre a terra. É importante reter da concepção bíblica da criação do Homem, que cada ser humano deve a sua existência não a ações ou planos humanos, mas sim à ação criadora de Deus e por isso é livre desde a sua origem²⁷. É em Deus que se encontra a plenitude da existência.

O primeiro dom que Deus nos dá torna-nos seres viventes, seres humanos a quem Deus dá vida enquanto dom supremo e inestimável. Somos seres amados e queridos por Deus. Ele quis que existíssemos e por isso temos para com Ele uma enorme dívida de gratidão. Devemos agradecer a Deus pela nossa vida. Escreveu S. João Paulo II:

«A vida que Deus dá ao homem é diversa e original, se comparada com a de qualquer outra criatura viva, dado que ele, apesar de emparentado com o pó da terra (cf. Gn 2, 7; 3, 19; Job 34, 15; Sal 103 102, 14; 104 103, 29), é, no mundo, manifestação de Deus, sinal da sua presença, vestígio da sua glória (cf. Gn 1, 26-27; Sal 8, 6).»²⁸

«Deus não fez a morte, nem se alegra que pereçam os vivos» (Sab 1,13), por isso reconhecemos Deus como autor da vida e da vida humana, uma vida criada em relação com o próprio Deus, como nos é descrito em Génesis: «Deus criou então o ser humano à sua imagem; criou-o como verdadeira imagem de Deus» (Gn 1,27). Uma relação paternal de puro amor, que forma o homem e a mulher para serem felizes. Esta ligação originária entre o Criador e o homem que é criado, que é constituído à imagem e semelhança de Deus, mostra

²⁷ Cf. E. SCHOCKENHOFF, *Ética de la vida*, Herder, Barcelona, 2012, 518.

²⁸ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Evangelium Vitae*, 34, Cidade do Vaticano, 25.3.1995, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html (consultado a 9.8.2017).

que cada vida é chamada à existência por Deus, cada uma possui uma vocação essencial, encontra um sentido último, em cada uma há um desígnio que a espera. No Salmo 8 afirma-se a dignidade do ser humano como obra-prima da criação: «deste-lhe poder sobre a obra das tuas mãos, tudo colocaste debaixo dos seus pés.» (Sl 8,7) Perante todas as maravilhas da criação, a pessoa humana merece especial atenção. Deus, na sua imensidão, cria o mundo capaz de gerar e transmitir a vida de maneira espontânea, instintiva e cria o ser humano capaz de agir, um ser quase divino, revestido de grande dignidade e com poder de colaborar no projeto criador de Deus, contribuindo através da procriação da vida Humana e na autorregeneração humana²⁹. O ser humano tem a missão de aperfeiçoar o mundo e fazer dele um paraíso: «Abençoando-os, Deus disse-lhes: “Crescei, multiplicai-vos, enchei e submetei a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.”» (Gn 1,28) Afirma o Papa João Paulo II: «Diante da imensidão do universo, coisa bem pequena é o homem; mas é precisamente este contraste que faz sobressair a sua grandeza»³⁰.

Este dom que recebemos de Deus, a vida, deve ser contemplada, por ela devemos dar graças a Deus, mas também deve traduzir-se em ação. O homem deve intervir ativamente no processo histórico evolutivo do próprio valor da vida³¹. Na Carta aos Romanos, S. Paulo evoca as dores de parto da criação que o homem deve suportar e refere a nossa condição filial, de quem espera o momento de estar junto do Pai totalmente livre, com corpo redimido, condição que começamos já a experimentar sobre a terra:

«Bem sabemos que até agora o mundo todo geme e sofre como se fossem dores de parto. Não é só o universo, mas também nós que já começamos a receber os dons do Espírito. Nós sofremos e esperamos a hora de sermos adotados como filhos de Deus, a redenção do nosso corpo.» (Rm 8,22-23)

²⁹ Cf. S. PRIVITERA, «O valor “vida”», 7.

³⁰ JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae*, 35.

³¹ Cf. S. PRIVITERA, «O valor “vida”», 10.

Por isso o homem deve garantir, proteger e promover o valor da vida presente desde a criação de Deus, defendendo-a em todas as suas fases, desde o primeiro ao último instante³². A alegria do nascimento é a expressão mais bela da criação. Diz-nos o mandamento de Deus «Não matarás» (Ex 20,13) pois a vida é um dom e «ao mesmo tempo que é um dom, a vida é também uma responsabilidade»³³. Essa é também a missão da Igreja, «faz parte da sua vocação defender o homem contra tudo aquilo que porventura poderia corrompê-lo ou rebaixá-lo: por isso mesmo o Filho de Deus se fez homem»³⁴.

3. O Homem unidade corpo - alma

O ser humano é, segundo a visão judaico-cristã, um ser criado à imagem e semelhança de Deus, um ser relacional e que nas suas diferentes dimensões manifesta esta condição. Foi sob influência helénica, a qual defendia que o ser humano era composto por corpo e alma ou espírito, que o pensamento cristão se desenvolveu. No entanto, esta visão foi reinterpretada para dar lugar ao atual pensamento cristão sobre a concepção do homem segundo a qual as duas realidades, corpo e alma, são inseparáveis. Existe pois uma unidade corpo-alma: ambos constituem o homem, são o próprio homem³⁵. No pensamento teológico atual insiste-se em que «o homem não tem uma alma e um corpo, mas sim que é alma e é corpo»³⁶. O homem é corpo, existe no espaço e no tempo, faz parte do cosmo e é atingido pela morte. O homem é alma, transcende os condicionalismos deste mundo, partilha da vida divina. «Imediatamente criada por Deus, a sua alma é espiritual e, por isso, imortal»³⁷.

³² Cf. *Ibidem*, 10-11.

³³ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaração sobre o aborto provocado*, 5.

³⁴ *Ibidem*, 1.

³⁵ Cf. L. LADARIA, *Introducción a la antropología teológica*, Verbo Divino, Navarra, 2011⁹, 83.

³⁶ *Ibidem*, 86.

³⁷ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaração sobre o aborto provocado*, 8.

Sendo um ser para Deus, o homem é chamado a comunicar com Ele em Cristo. Por isso a vida humana possui esta condição de unidade corpo-alma desde o primeiro instante, ela determina todo o seu ser em todas as suas dimensões³⁸. É desde esse primeiro instante que a vida humana deve ser respeitada, protegida e cuidada pela sua condição de suprema dignidade e valor único³⁹.

O homem não é apenas um elemento da criação, mas um ser superior, que questiona o mundo e tudo o que o rodeia, que se interroga «sobre o sentido mais autêntico da sua existência»⁴⁰, sobre quem é, um ser de relação desde o primeiro instante, um ser único e irrepetível. O ser humano nunca é apenas um mero indivíduo da espécie, uma vez que tudo foi criado em função do homem, que por sua vez foi criado à imagem e semelhança de Deus⁴¹. «Constituído por uma natureza racional, o homem é um sujeito pessoal, capaz de refletir sobre si próprio e de decidir dos seus próprios atos»⁴². Detentor de uma dimensão corporal e espiritual, possui estas duas dimensões em união, por isso o seu corpo humano não pode ser encarado como algo descartável, pensado como um conjunto de tecidos, órgãos e funções, conforme referiu o Papa S. João Paulo II: «O ser humano, na sua singularidade absoluta, não é apenas constituído pelo espírito, mas também pelo corpo, de tal modo que, no corpo e pelo corpo, se atinge o indivíduo na sua realidade concreta»⁴³.

O homem, ao sofrer no plano biológico intervenções físicas, é afetado em todas as dimensões do seu ser. Devido ao caráter unitário do ser humano, um ato como o aborto ou a eutanásia afetam o «sujeito» em todas as suas dimensões. São gestos de morte corporal que se refletem na dimensão biológica, social e espiritual da pessoa, mas também na dimensão social

³⁸ Cf. L. LADARIA, *Introducción a la antropología teológica*, 87.

³⁹ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DA SAÚDE, *Carta dos Profissionais de Saúde*, 38, Paulinas, Lisboa, 1995.

⁴⁰ JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae*, 22.

⁴¹ Cf. L. LADARIA, *Introducción a la antropología teológica*, 89-90.

⁴² CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaração sobre o aborto provocado*, 8.

⁴³ JOÃO PAULO II, *Discurso aos participantes na Assembleia da Associação Médica Mundial sobre o tema «O médico e os Direitos do Homem»*, 6, Roma, 29.10.1983, cit in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DA SAÚDE, *Carta dos Profissionais de Saúde*, 39.

e espiritual dos outros. O que acontece no corpo, acontece em todo o ser, corporal e espiritual e é «algo que assume uma importância ética: o indicativo-imperativo do agir»⁴⁴.

4. Dignidade da vida humana

A vida humana é um valor primordial, necessita de ser cuidada. Este constitui o primeiro conteúdo abordado no Programa de EMRC na Unidade da «Dignidade da Vida Humana»⁴⁵.

Ao longo da história houve necessidade de orientar a ação política, económica e pessoal para este princípio que é dignidade da pessoa humana, porque nem sempre as condutas em relação a ela foram as melhores. Podemos afirmar que a consciência ética humana nem sempre consegue distinguir entre o bem e o mal em si. Por vezes o próprio contexto em que vivemos faz-nos captar a realidade moral de forma diferente. Mas a moral cristã baseia-se em princípios plenamente humanos de realização, alguns deles comuns a qualquer ética humana. Por essa razão, o facto dos princípios cristãos promoverem a ética e a realização do ser humano, tem levado a que se desenvolvam códigos jurídicos que colocam a vida humana sob proteção desde o seu estado mais frágil, desde a sua conceção.

Embora seja um valor primeiro, a vida humana não é um valor absoluto. Este é outro dos conteúdos trabalhos no Programa⁴⁶. É um valor fundamental, uma vez que podem existir outros valores mais importantes que a vida, que colidam com outros valores fundamentais e que tornem legítimo ou necessário arriscá-la, como por exemplo a ação heroica em que, com dignidade, alguém entrega a sua própria vida para salvar outros como no caso da Santa Gianna Beretta Molla ou o caso dos mártires que sacrificam a vida em prol da fé⁴⁷. Também

⁴⁴ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DA SAÚDE, *Carta dos Profissionais de Saúde*, 41.

⁴⁵ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 95.

⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁷ Cf. S. LEONE, «Interrupção voluntária da gravidez», in S. LEONE e S. PRIVITERA, J. CUNHA (Coords.), *Dicionário de Bioética*, Editorial Perpétuo Socorro, Vila Nova de Gaia, 2001, 606.

nos conteúdos do Programa se faz referência a dar a própria vida pelo outro⁴⁸. No entanto, é preciso insistir em que a eliminação da vida humana por outros ou tirar a própria vida é sempre um mal objetivo. A morte natural, enquanto acontecimento humano inerente à sua condição temporal e finita é própria do ciclo da vida. A vida como dom de Deus deve ser cuidada com responsabilidade. Ela exige o devido respeito e deve ser defendida desde o primeiro instante de existência, desde a fase de embrião, enquanto vida concebida e não nascida⁴⁹, até ao seu término, independentemente das condições biológicas ou sociais em que essa vida se encontre.

Como já foi referido, a vida humana é dom de Deus, é Ele o criador. No entanto nós também temos alguma responsabilidade, devemos cuidá-la e defendê-la no exercício que fazemos da nossa liberdade. Tendo sido criados à imagem e semelhança de Deus fazemos parte da realidade criada que é em si mesma boa. Devemos por isso afirmar a dignidade inerente a todo o ser humano, atribuir-lhe a qualidade de sujeito moral, reconhecer a sua capacidade de autodeterminação e respeitar a sua subjetividade.

Na pessoa humana encontramos o bem e o mal. Estas forças coabitam no coração e fazem parte da conceção unitária do ser humano nas suas três dimensões fundamentais (biológica, social e espiritual). Enquanto seres humanos possuímos a capacidade de distinguir entre o bem e o mal, de tomar decisões livres e responsáveis agindo sobre a realidade que nos rodeia. Tantas vezes e de tantas formas tem sido ameaçada a dignidade da vida humana, com maus tratos, principalmente nos mais fragilizados da sociedade, crianças, jovens e idosos. Ser capaz de interpretar criticamente fatos sociais sobre a situação de grupos minoritários em desvantagem social é explicitamente o terceiro objetivo da Unidade Letiva da Dignidade da Vida Humana⁵⁰. Conforme mencionado anteriormente, todas as perseguições e guerras em

⁴⁸ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 95.

⁴⁹ Cf. S. LEONE, «Interrupção voluntária da gravidez», 605.

⁵⁰ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 95.

nome das religiões e de interesses minoritários, resultam em atentados que não respeitam a pessoa humana. A história da humanidade é testemunha de como o ser humano fez muitas vezes mau uso das capacidades que lhe foram dadas por Deus, usando-as desregradamente para propagar o mal, a discórdia e instituir o sofrimento da Humanidade. No entanto, também assistimos ao progresso na compreensão e no reconhecimento do valor inalienável e da dignidade da pessoa humana⁵¹.

A consciência ética vigente exige o respeito pela pessoa e pelos seus direitos. As questões morais dependem de uma racionalidade, as suas conceções não estão fechadas e nem sempre é fácil medir e elaborar os juízos morais. Quando o fazemos devemos procurar a potencialização da pessoa e da sua dignidade integrando todas as suas dimensões numa linha orientada pelos valores éticos e pela capacidade de análise da realidade.

A Igreja apela ao respeito pela pessoa humana procurando levar a que cada pessoa considere o próximo como «outro eu», qualquer que seja a sua origem, lutando contra qualquer forma de discriminação, defendendo a igualdade de todas as vidas e fundamentando as suas atitudes no amor ao próximo. Conhecer a posição da Igreja Católica face à dignidade da vida humana é o quarto objetivo da Unidade lecionada⁵². A Igreja fá-lo, segundo os ensinamentos de Jesus, ao jeito da Parábola do bom Samaritano, reconhecendo em todos e em cada um a dignidade da vida humana⁵³. Também esta Parábola faz parte dos Conteúdos da Unidade Letiva e foi trabalhada numa das aulas lecionadas. «Onde não há reconhecimento da dignidade, não há humanidade. Daí que a dignidade humana exija a responsabilidade de cada um pelo seu próximo.»⁵⁴

⁵¹ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, (Colab.) A. CORDEIRO, F. MOITA, J. L. DIAS, M. PORTUGAL, *Manual do aluno Educação Moral e Religiosa Católica 9.º ano do Ensino Básico: Quero Ser*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2015, 21-26.

⁵² SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 95.

⁵³ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Quero Ser*, 30.

⁵⁴ *Ibidem*, 34.

Na sociedade vigente têm surgido proibições éticas e jurídico-políticas que testemunham o reconhecimento do valor e dignidade de cada ser humano, como por exemplo a abolição da escravidão ou da pena de morte e estes são sinais de um autêntico progresso.

Não obstante os diferentes modelos de avaliação ética, é importante reafirmar que, desde o primeiro instante da concepção, se deve falar de vida humana, vida que deve ter proteção social e jurídica, mas também vida que veja reconhecida e respeitada a sua dignidade enquanto verdadeira pessoa humana, juntamente com o reconhecimento dos seus demais direitos⁵⁵. «Proteger a vida não nascida significa a afirmação do valor humano ainda que nas condições mais débeis e discutíveis»⁵⁶.

5. Dignidade ferida e reparada

Sabemos que o ser humano é um ser eternamente insatisfeito, a sua vida é uma busca constante para alcançar respostas que o satisfaçam. Nessa procura tenta descobrir Deus, mesmo que de forma inconsciente, e espera conseguir alcançá-lo para poder encontrar e dar sentido ao caminho da vida, que sem Ele se revela vazio e sem nada para dar. Quando o ser humano descobre Deus a sua vida ganha sentido, sente-se fortalecido, é capaz de superar as dificuldades. Reinicia um caminho com a certeza que nunca mais estará só, pois tem consigo Deus que é Pai, um Deus próximo como foi revelado por Jesus: «Quem me vê, vê o Pai.» (Jo 14,9)

Tendo sido criado em liberdade, num ato de verdadeiro amor, o ser humano alberga a missão de colaborar no projeto da criação. Mas muitas vezes continua a esquecer-se de Deus. Chega mesmo a revoltar-se contra o Criador. São inúmeros os momentos em que os homens «querem emancipar-se d'Ele, querem afirmar uma total liberdade perante Deus, de quem não

⁵⁵ Cf. A. AUTIERO, «Autodeterminação para o aborto», in S. LEONE e S. PRIVITERA, J. CUNHA (Coords.), *Dicionário de Bioética*, Editorial Perpétuo Socorro, Vila Nova de Gaia, 2001, 71.

⁵⁶ J. GAFO, *Bioética*, Paulus Editora, Lisboa, 2011, 191.

querem depender»⁵⁷. Deus «que por pura misericórdia nos elegeu e chamou à vida»⁵⁸, por respeito à nossa liberdade não se impõe, não nos ignora, mas deixa-nos escolher e a decisão que tomamos é uma decisão que dá vida ou morte.

Quando escolhe afastar-se de Deus, quase sempre o ser humano incorre no pecado, provocando a sua autodestruição. É difícil perceber porque razão é que o ser humano faz tanto mal a si próprio ou aos outros, provocando esta onda de violência interna, usando a sua liberdade para fazer o mal em vez do bem, indo livre e conscientemente contra a vontade de Deus. O pecado, atentado ao amor e à dignidade humana, leva ao engano, cria a ilusão apresentando um certo tipo de felicidade que mais tarde se revela como fracasso, tanto para o próprio como para os que o rodeiam. Ele é ameaça do mal à vida humana, a ponto de Jesus afirmar «se a tua mão direita for para ti origem de pecado, corta-a e lança-a fora.» (Mt 5,30) Jesus procura com esta imagem forte realçar a gravidade do pecado e exortar à conversão interior. Procura chamar a atenção para quão prejudicial é o pecado, um engano ilusório, um drama da vida humana que devemos ter a coragem de «cortar». Jesus utiliza este exemplo no sentido figurativo, com carácter hiperbólico e não literal, cortar o pecado e não a mão.

No entanto a humanidade não permanece perdida sob o efeito deste mal, uma vez que esta ameaça é vencida e reparada por Deus. «A mensagem da misericórdia divina significa que Deus toma a seu cargo a nossa pobreza original e fundamental»⁵⁹. Pelo seu amor e misericórdia, toma a decisão salvífica de encarnar como ser humano, deixa-se tocar, e é o próprio Deus quem, na Pessoa do seu Filho, se aproxima dos homens e entrega a sua vida para sofrer um castigo destinado a outros, para salvar a humanidade caída no pecado. Movido pela sua misericórdia, Deus quer desde toda a eternidade a salvação de todos os seres humanos em Jesus Cristo, perdoando no Filho o pecado que fere e provoca a destruição humana. Deus responde com a sua misericórdia perante a gravidade do pecado, a sua

⁵⁷ V. PINTO, «As provocações dos Homens à misericórdia de Deus», *Bíblica: série científica* 15 (2006) 167.

⁵⁸ W. KASPER, *A Misericórdia*, 130.

⁵⁹ *Ibidem*, 121.

«misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa»⁶⁰. Em consonância com as palavras do Cardeal Walter Kasper a respeito da interpretação que São Tomás de Aquino faz dos salmos 24 (25) e 50 (51), podemos afirmar que a misericórdia divina é resposta, sobretudo, para a pobreza verdadeira, que «consiste no afastamento de Deus em resultado do pecado»⁶¹. A misericórdia divina promove e restaura a dignidade humana, ela significa felicidade, alegria, esperança e «permite gozar desde já, por antecipação, a beatitude eterna»⁶².

⁶⁰ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 3.

⁶¹ W. KASPER, *A Misericórdia*, 121.

⁶² *Ibidem*, 121.

CAPÍTULO II A MISERICÓRDIA COMO DOM E MISSÃO

Sabemos que Deus não desiste do ser humano e continua sempre a chamá-lo à sua presença. Lança-lhe o convite para que se converta, incentiva à mudança de vida e a que se comprometa no seu dia a dia a ser testemunho vivo da misericórdia do Senhor, seja na família, no trabalho, na convivência económica, social e política.

É inegável que o tema da misericórdia é de fundamental importância para a Bíblia, para a teologia e também para a atualidade, não só da Igreja - onde assistimos recentemente à proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia pelo Papa Francisco - como também para a experiência contemporânea da realidade universal. «Ao falarmos de misericórdia estamos-nos a referir a algo nuclear»⁶³. No entanto, este tema permaneceu em abandono durante épocas, como por exemplo na escolástica, onde a misericórdia não encontrou o lugar que lhe correspondia⁶⁴. Podemos também constatar que «tanto nos manuais tradicionais de teologia dogmática como nos mais recentes, a misericórdia de Deus é tratada unicamente como mais um dos atributos que resultam da essência metafísica do mesmo Deus. Deste modo [...] não desempenha nenhum papel determinante em todo o sistema.»⁶⁵ O esquecimento da misericórdia de Deus como tema fundamental em toda a mensagem bíblica (tanto no Antigo como no Novo Testamento) e central para a Teologia, teve diversas consequências. Como por exemplo a de se ter difundido uma compreensão bíblica de Deus desacertada segundo a ideia de que «o Deus veterotestamentário é vingativo e irado, enquanto que no Novo Testamento é bom e misericordioso»⁶⁶. Afirmações como esta levaram a que se

⁶³ A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 104.

⁶⁴ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia*, 112. Veja-se também a este respeito o ponto I.3 da obra citada.

⁶⁵ W. KASPER, *A Misericórdia*, 20. Vejam-se os exemplos referidos na nota de rodapé 35 da obra citada.

⁶⁶ W. KASPER, *A Misericórdia*, 58.

infundisse medo da justiça e vingança de Deus ou que se olhasse para Deus de forma minimizadora, como um Deus «bonzinho» que tudo perdoa, sinal de fraqueza de quem é brando, que não tem coragem de levar até ao fim o justo castigo⁶⁷ e não toma a sério a santidade divina. Sabemos que não existe uma descontinuidade em Deus. O Deus de Jesus Cristo é o mesmo do Antigo e do Novo Testamento, «os dois testamentos dão testemunho de um mesmo Deus»⁶⁸. É necessário repor a correta imagem de Deus, um Pai bondoso e compassivo que Jesus nos anunciou, cuja justiça é a sua misericórdia⁶⁹.

Olhando a misericórdia também como um problema social, percebemos que a eliminação da misericórdia e da religião da sociedade conduzem a situações de dor e pobreza que produzem sofrimento, como são exemplo os «testemunhos comoventes dos cumes de miséria humana e desconsolo a que o mundo ateu e desapiadado do comunismo estalinista, carente de qualquer misericórdia conduziu»⁷⁰.

Ao esquecer-se da misericórdia, tanto do ponto de vista teológico como social, a humanidade é conduzida a situações onde o medo impera, tem como princípio orientador seguir o que é moda, onde predominam as tendências da globalização criando um mundo cada vez mais desigual, onde vencem os mais fortes em detrimento dos pobres e fracos. No entanto subsistem arautos de esperança que se traduzem em demonstração de atitudes e condutas de misericórdia e compaixão ou empatia como lhe preferem chamar na atualidade⁷¹.

⁶⁷ Cf. J. AMBROSIO, «A Misericórdia “Chave” de leitura e de ação da vida cristã», in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 17.

⁶⁸ W. KASPER, *A Misericórdia*, 58.

⁶⁹ Cf. *Ibidem*, 24.

⁷⁰ *Ibidem*, 26.

⁷¹ Cf. *Ibidem*, 28.

1. Diferentes aceções do termo misericórdia presentes na cultura bíblica

A misericórdia na linguagem bíblica está associada a diferentes aceções que nos ajudam a perceber o seu significado. No entanto, esta perceção nem sempre é fácil de alcançar, fruto do sentido que a palavra misericórdia foi assumindo «nas nossas línguas de matriz ocidental, onde se perdeu o sentido e a representatividade que os termos tinham [...] na cultura hebraica»⁷². As traduções vernáculas da palavra oscilam entre misericórdia, amor, ternura, piedade, compaixão, clemência, bondade, graça⁷³.

Temos como exemplo o vocábulo «*hesed* (que poderíamos traduzir por bondade) que os LXX traduzem por *éleos* e a Vulgata adotou como *miserecordiam*»⁷⁴.

O termo hebraico *hesed* «indica um comportamento (do homem ou de Deus) inspirado numa relação de reciprocidade»⁷⁵, significa «favor imerecido, afabilidade, benevolência e, por conseguinte, também designa a graça e a misericórdia divinas»⁷⁶. É utilizado para definir a misericórdia numa atitude de bondade e justiça, «a relação que une dois seres e implica fidelidade»⁷⁷. Neste conceito relacional exercido ao longo do tempo, as partes «passam a ser, não apenas benévolas uma para com a outra, mas também reciprocamente fiéis por força de um compromisso interior, portanto, também em virtude de uma fidelidade para consigo próprias.»⁷⁸ Cria-se uma relação com carácter moral, mas também jurídico entre os seus membros, «não se trata, de todo, de um modo de sentir, mas sim dum ato (ajuda) como resposta a uma relação de fidelidade»⁷⁹. Um «querer bem e fazer bem: fazer misericórdia, atos

⁷² J. LOURENÇO, «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus», in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 28.

⁷³ Cf. C. JULES – X. LÉON-DUFOUR, «Misericórdia», in X. LÉON-DUFOUR (Ed.), *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Vozes, Petrópolis, 1992, 594.

⁷⁴ L. RODRIGUES, «Fixar o olhar na Misericórdia, ser sinal eficaz do agir do Pai», *Pastoral Catequética* 34/35 (2006) 109.

⁷⁵ J. LOURENÇO, «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus», 28.

⁷⁶ R. BULTMANN, «Éleos», in *Yh WNT*, 2, 474-482, cit in W. KASPER, *A Misericórdia*, 60.

⁷⁷ V. PINTO, «As provocações dos Homens à misericórdia», 171.

⁷⁸ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Dives in Misericordia*, nota 52, Cidade do Vaticano, 30.11.1980, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html (consultado a 13.9.2017).

⁷⁹ J. LOURENÇO, «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus», 29.

misericordiosos... Mais do que boa vontade para ajudar os outros, *hesed* parece implicar um esquecimento de si mesmo e uma devoção ao outro na radicalidade da entrega»⁸⁰.

Quando se refere a Deus no Antigo Testamento *hesed* alude à Aliança que Deus fez com Israel, «esta Aliança foi da parte de Deus um dom e uma graça para Israel»⁸¹, por isso a *hesed* está também relacionada com a salvação e o amor, «a ideia de *hesed* e a ideia de aliança estão intrinsecamente unidas, são inseparáveis»⁸², e através dela Deus promete uma ajuda misericordiosa.

«Este vocabulário ocupa um espaço muito importante na teologia da aliança, porque condensa um atributo único e essencial do Senhor: a sua bondade que é afeto interno de uma compaixão espontânea orientada para o perdão e para fazer sempre o bem ao homem, de forma perseverante e gratuita»⁸³

No entanto a mensagem da Bíblia manifesta um aspeto mais profundo contido no mistério de Deus, o termo «expressa um dom inesperado e imerecido da graça divina que transcende toda a relação mútua de fidelidade, que ultrapassa todas as expectativas e categorias humanas»⁸⁴.

O termo hebreu *hesed* foi traduzido para o grego *éleos*, «que originariamente, designava um afeto de enternecimento, mas que, mais tarde, se converteu na tradução do termo propriamente hebreu *hesed*, ou também *hien*»⁸⁵.

Dentro desta definição de misericórdia, já dentro do Novo Testamento, encontramos o desvelo livre e benevolente de Deus que doa o seu amor infinito ao homem infiel, concedendo não sete, mas setenta vezes sete vezes o perdão dos pecados. Deus relaciona-se com o Homem

⁸⁰ L. RODRIGUES, «Fixar o olhar na Misericórdia», 110.

⁸¹ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, nota 52.

⁸² J. LOURENÇO, «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus», 29.

⁸³ Cf. J. BLENKINSOPP, «Deuteronomio», in R. BROWN (Coord.), *Comentario Bíblico “San Jerónimo”, Tomo I Antigo Testamento I*, Cristiandad, Madrid, 1971, 156-157, cit in L. RODRIGUES, «Fixar o olhar na Misericórdia», 110.

⁸⁴ W. KASPER, *A Misericórdia*, 60.

⁸⁵ *Ibidem*, 58.

ao estender a sua mão para proporcionar uma ajuda misericordiosa pela graça aos que clamam «*kyrie eleison*»⁸⁶. Deus abre-nos sempre a porta porque Ele é misericórdia infinita que ultrapassa a compreensão humana.

A segunda expressão mais utilizada na Bíblia para definir misericórdia refere-se à palavra hebraica *rahamîm* (ou *viscera misericordiae* em Latim) que é utilizada para compaixão e misericórdia, «quer dizer apego instintivo de um ser a outro ser»⁸⁷, ou «amor maternal que se agarra às entranhas»⁸⁸ que se traduz numa relação íntima e penetrante «que se faz ativa, empenhada e comprometida»⁸⁹. Esta palavra «expressa em primeiro lugar, uma realidade física, em segundo lugar, uma atitude psicológica e, em terceiro lugar, uma ideia geral»⁹⁰. A raiz da palavra *rahamîm* é *rehem* que denomina o seio materno, o lugar físico onde principia a vida. Este vínculo, quando relacionado com o seio materno, chama-se *rehem* e quando se refere às entranhas de uma pessoa tem o nome de *rehamim*⁹¹ (*splánchna* em grego). A utilização da «simbólica do “ventre materno” como expressão e centro da afetividade, oferece-nos uma dimensão totalmente diversa naquilo que diz respeito à relação entre Deus e o Seu povo»⁹². O seio materno alude ao amor maternal, aí começa o vínculo que une mãe e filho. O primeiro elo de ligação onde principia a relação de intimidade e doação gratuita entre os dois, união que nasce e cresce, sem fronteiras ou limites, sem que lhes seja possível quebrar essa ligação particular que os une. Um amor «que toca todo o ser da mãe que ama o filho, fruto das suas entranhas»⁹³.

O termo *rahamîm* dá origem a uma série de sentimentos (sentido psicológico), «entre os quais a bondade e a ternura, a paciência e a compreensão, que o mesmo é dizer a prontidão

⁸⁶ Senhor tem piedade.

⁸⁷ V. PINTO, «As provocações dos Homens à misericórdia», 171.

⁸⁸ L. RODRIGUES, «Fixar o olhar na Misericórdia», 113.

⁸⁹ J. LOURENÇO, «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus», 30.

⁹⁰ Cf. V. PINTO, «A Misericórdia “Chave” de leitura e de ação da vida cristã», 19.

⁹¹ Cf. V. PINTO, «As provocações dos Homens à misericórdia», 171.

⁹² J. LOURENÇO, «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus», 32.

⁹³ J. AMBROSIO, «A Misericórdia “Chave” de leitura e de ação da vida cristã», 19.

para perdoar»⁹⁴, características que são atribuídas a Deus. «As entranhas traduzem, igualmente, a emoção que subindo da profundidade apanha todo o ser»⁹⁵ (sentido geral), em ambos os testamentos «estas são tidas como a sede dos sentimentos»⁹⁶ e simbolizam a «misericórdia que brota do coração»⁹⁷. De realçar que o verbo grego associado a *splánchnon* [σπλάγχνον] pertencente ao vocabulário próprio do redator do Evangelho segundo S. Lucas foi o escolhido pelo Papa Francisco para referenciar o ano da misericórdia: *splanchnízomai* [σπλαγχνίζομαι] (comoveram-se-lhes as entranhas).

Podemos mesmo encontrar uma simbólica familiar para o verbo *rahamîm* que se estende até às figuras do esposo, do noivo ou da amada. No entanto, importa reter que «todas estas dimensões da “misericórdia” de Yahwé para com o Seu povo têm como fundamento a aliança. É na aliança que Deus se compromete com o Seu povo e dele quer fazer uma família»⁹⁸.

«*Rahamîm* significa uma identificação com o outro ao ponto de se tornarem os dois numa só carne; é a experiência da união íntima do pai e da mãe com o próprio filho, dos irmãos, dos esposos entre si. É um amor experimentado, gerador de vida, um amor que se transforma em esperança escatológica, que provoca o aparecimento da eternidade no tempo»⁹⁹.

É também importante não esquecer, para compreensão da misericórdia, o conceito bíblico de «coração». Na linguagem bíblica o coração era visto como a sede da vida emotiva e intelectual, «do ponto de vista antropológico designa o centro da pessoa, a sede dos sentimentos e do julgamento»¹⁰⁰. A Bíblia avança um pouco mais ao referir-se teologicamente ao coração de Deus. Este coração divino «que Se entristece pelo ser humano e pelos pecados (cf. Gn 6,6) [...] e que estremece e que se Lhe comovem as entranhas (cf. Os 11,8)»¹⁰¹. A

⁹⁴ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, nota 52.

⁹⁵ J. AMBROSIO, «A Misericórdia “Chave” de leitura e de ação da vida cristã», 19.

⁹⁶ W. KASPER, *A Misericórdia*, 58.

⁹⁷ H. KÖSTER, «*Splánchnon*», in *Th WNT*, 7, 553-557, cit in W. KASPER, *A Misericórdia*, 58.

⁹⁸ J. LOURENÇO, «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus», 32.

⁹⁹ Cf. Is 14,1; 49, 13; Jr 12,15; Ez 39,25; Mq 7,19, cit in L. RODRIGUES, «Fixar o olhar na Misericórdia», 114.

¹⁰⁰ W. KASPER, *A Misericórdia*, 59.

¹⁰¹ *Ibidem*, 59.

expressão misericórdia em Latim, nasce da junção de *miserere* (ter compaixão) com *cordis* (coração)¹⁰²: ter compaixão do coração. Esta expressão aponta para a capacidade de sentir aquilo que a outra pessoa sente, aproximando os seus sentimentos dos sentimentos do outro, capacidade de solidariedade para a outra pessoa, colocando o coração na miséria do outro, um coração compadecido.

Não obstante a riqueza dos diversos vocábulos ligados ao conceito de misericórdia, as duas principais expressões realçam a dualidade da misericórdia de Deus que é simultaneamente pai e mãe. Enquanto *hesed* a sua misericórdia apresenta-se fiel, invencível e responsável, possui em si particularidades em que sobressai a paternidade de Deus.

«Oferece-nos a imagem de um Deus que é Pai, amigo e protetor; em termos antropológicos, é a imagem masculina do nosso Deus que se oferece ao homem pequeno, indefeso, necessitado de salvação. Ele vem com o coração aberto, braço forte e mão estendida para acolher, proteger e salvar com um amor constante e fiel»¹⁰³.

Simultaneamente a misericórdia de Deus é *rahamîm*, uma misericórdia que despoleta sentimentos gratuitos, que se comove, possui características sentimentais em certo sentido mais femininas, e que pela própria raiz da palavra remete para o amor maternal. Este modo de olhar a misericórdia está perceptível nas palavras do Papa João Paulo II: «Enquanto *hesed* acentua as características da fidelidade para consigo mesmo e da “responsabilidade pelo próprio amor” (que são características em certo sentido masculinas), *rahamîm*, já pela própria raiz, denota o amor da mãe (*rehem igual seio materno*)»¹⁰⁴. Também o Papa Francisco compartilha dessa mesma opinião sobre a parentalidade (pai e mãe) de Deus:

«A misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata mas uma realidade concreta, pela qual ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho até ao

¹⁰² A palavra do Latim, *cor*, *cordis*, significa coração.

¹⁰³ L. RODRIGUES, «Fixar o olhar na Misericórdia», 113.

¹⁰⁴ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, nota 52.

mais íntimo das suas vísceras. É verdadeiramente caso para dizer que se trata de um amor “visceral”. Provém do íntimo como um sentimento profundo, natural, feito ternura e compaixão, de indulgência e perdão»¹⁰⁵.

2. A Misericórdia no Antigo Testamento

2.1. A criação de Deus misericordioso

Ao contemplarmos os textos bíblicos encontramos inúmeras passagens da Escritura que apresentam Deus, como o Deus da misericórdia. Ao longo do Antigo Testamento «Deus vai-se autorrevelando progressivamente como um Deus clemente e cheio de misericórdia»¹⁰⁶. O significado que a misericórdia divina assume começa logo no relato bíblico da Criação, por meio do ato criador, onde se lê implicitamente a misericórdia, com que Deus fez tudo bom¹⁰⁷: «Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.» (Gn 1,31)

A misericórdia divina encontra-se na origem do mundo, aliás a criação, é «ela própria, um ato misericordioso da vontade e do agir de Deus, que, a partir do amor das entranhas, cria e dá a vida»¹⁰⁸. Foi através dela, que Deus «Criador se ligou com particular amor às suas criaturas»¹⁰⁹.

O mistério da criação preanuncia a plena revelação de Deus¹¹⁰, a voz do profeta que fala acerca de Deus diz-nos: «Tu amas tudo quanto existe e não detestas nada do que fizeste; pois, se odiasses alguma coisa, não a terias criado» (Sb 11,24) e não tem dúvidas de que «o Deus dos pais e Senhor de misericórdia é o Deus criador, que tudo criou com a sua palavra,

¹⁰⁵ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 6.

¹⁰⁶ A. MARTINS, «A misericórdia de Deus», 2.

¹⁰⁷ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia*, 60.

¹⁰⁸ J. AMBROSIO, «A Misericórdia “Chave” de leitura e de ação da vida cristã», 21.

¹⁰⁹ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 4.

¹¹⁰ Cf. *Ibidem*, 4.

privilegiando nesta criação a formação do ser humano com a sua sabedoria»¹¹¹, como nos diz o versículo «Deus dos nossos pais e Senhor de misericórdia, que tudo criaste pela tua palavra.» (Sb 9,1) Tais palavras ultrapassam a Lei e a justiça humana, «O Senhor é clemente e compassivo, é paciente e misericordioso. O Senhor é bom para com todos; a sua ternura repassa todas as suas obras.» (Sl 145,8-9) A misericórdia divina mostra que Deus criou tudo e todos por amor e que está sempre disposto a conceder a salvação pela sua misericórdia, Ele é o «Senhor! Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e de fidelidade, que mantém a sua graça até à milésima geração, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado, mas não declara inocente o culpado.» (Ex 34,6-7)

A misericórdia de Deus assume-se como razão de ser da nossa existência, ela é essencial e atua já na criação, conforme nos diz o Cardeal Kasper: «a misericórdia de Deus é o pressuposto original e o fundamento tanto da criação como de toda a história da salvação»¹¹² e atinge o seu clímax na «misericórdia divina revelada definitivamente em Jesus Cristo»¹¹³. Esse «agir misericordioso de Deus, enquanto gerador de vida e de salvação é um ato de uma nova criação»¹¹⁴.

Podemos ler em São Tomás de Aquino como a misericórdia está presente na criação, uma vez que a nossa existência é imerecida e se deve unicamente à bondade de Deus, «a misericórdia de Deus é a raiz original e o princípio primordial a que há que atribuir tudo o mais»¹¹⁵.

Sendo a misericórdia o principal atributo de Deus, ela torna-se «sinal sob o qual se desenvolve toda a história da salvação»¹¹⁶. Tendo sido criado à imagem de Deus «quase

¹¹¹ L. ALMENDRA, «Dinamismos de misericórdia no coração e nas palavras dos sábios de Israel», in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 103.

¹¹² W. KASPER, *A Misericórdia*, 124.

¹¹³ *Ibidem*, 124.

¹¹⁴ Cf. W. VOGELS, «The God who creates is the God who saves: The book of Wisdom's Reversal of the Biblical Pattern», *Eglise et Theologie* 22 (1991) 315-335, cit in L. ALMENDRA, «Dinamismos de misericórdia», 103.

¹¹⁵ TOMÁS AQUINO, *S. Th.*, I, q. 21, a. 4, cit in W. KASPER, *A Misericórdia*, 124.

¹¹⁶ W. KASPER, *A Misericórdia*, 123.

fizeste dele um ser divino» (Sl 8,6a), o Homem é chamado a partilhar a glória e a honra de Deus criador, conforme se lê no salmo «de glória e de honra o coroaste.» (Sl 8,6b) No entanto, não são a honra ou a glória que nos fazem encontrar Deus, mas principalmente a misericórdia e a ternura, que sendo das mais importantes características, sem esquecer os outros atributos divinos, fazem com que possamos participar na própria vida de Deus.

«A misericórdia divina é a origem eterna tanto do mundo como da história da salvação. Tudo está sob o signo da misericórdia de Deus. Ela é a luz que ilumina toda a criatura na obscuridade (Cf. Jo 1,5)»¹¹⁷.

2.2. *O nome de Deus revelado na sua misericórdia*

A misericórdia, no sentido bíblico, mais do que um aspeto do amor de Deus só pode ser reconhecida tendo em conta a história da salvação na sua totalidade. Um dos principais capítulos está ligado à revelação fundamental de Deus no livro do Êxodo.

Em três momentos distintos, Deus pronuncia o seu nome a Moisés. A primeira vez acontece no monte Horeb ou Sinai. Num momento de particular tensão, em que o povo de Israel se encontrava cativo no Egito, onde havia sido feito escravo, Moisés escutou a voz de Deus que o chamou no meio da sarça-ardente e lhe disse «Eu sou aquele que sou.» (Ex 3,14) A utilização do verbo *ser*, tradução do tetragrama *Yhwh*, no nome de Deus, implica duração no passado, no presente e no futuro. Esta primeira revelação do nome de Deus encontra-se «ligada ao início da história da salvação na pessoa de Abraão»¹¹⁸, conforme foi revelado por Deus «O Senhor, Deus dos vossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob, enviou-me a vós.» (Ex 3,15) Este Deus contrasta com os deuses dos antigos povos, feitos de pedra e sem vida. Porque este é um Deus que está vivo, aberto a toda a humanidade, a todos

¹¹⁷ *Ibidem*, 125.

¹¹⁸ *Ibidem*, 63.

os povos da terra, com caráter universal. Um Deus que intervém, chama, liberta, redime, faz Aliança, promete estar sempre presente ao longo do caminho e da história. É também um Deus que desce para revelar a sua soberania e santidade em relação a todas as coisas terrenas. A revelação do Nome manifesta a sua absoluta transcendência divina e simultaneamente a sua solicitude pessoal¹¹⁹.

A segunda revelação do nome de Deus dá-se após um momento de infidelidade e obstinação do povo, que quebra a aliança ainda esta mal tinha sido estabelecida, dançando à volta dum bezerro de ouro, renegando dessa forma Deus. «Ao chegar junto do acampamento, [Moisés] viu o bezerro e as danças. Acendeu-se a sua cólera, atirou com as tábuas e partiu-as ao pé do monte.» (Ex 32,19) No dia seguinte Moisés vai interceder junto de Deus pelo povo, apelando à Sua Misericórdia e recordando-lhe a sua promessa. É então que se dá a segunda revelação do nome: «Concedo a minha benevolência a quem Eu quiser e uso de misericórdia com quem for do meu agrado.» (Ex 33,19b) A compaixão divina é aqui entendida como expressão da absoluta soberania e liberdade de *Yahvé* em razão da sua misericórdia¹²⁰, Ele afirma que é livre para fazer gratuitamente misericórdia. «Deus é, em si mesmo, acolhimento eterno e oferece amor e compaixão»¹²¹. Deus «renova a aliança e concede ao povo uma nova oportunidade, fazendo-o de um modo totalmente livre e por pura benevolência»¹²². Nesta segunda vez, a cadência da frase é a mesma, no entanto, a benevolência e a misericórdia surgem em substituição do verbo ser. «Para Deus, ser quem ele é, é ter benevolência e misericórdia»¹²³.

A terceira revelação da misericórdia divina¹²⁴ irá confirmar a segunda revelação. Deus desceu na nuvem diante de Moisés e este exclamou: «Senhor! Senhor! Deus misericordioso e

¹¹⁹ Cf. *Ibidem*, 64.

¹²⁰ Cf. *Ibidem*, 66.

¹²¹ L. RODRIGUES, «Fixar o olhar na Misericórdia», 111.

¹²² *Ibidem*, 66.

¹²³ COMUNIDADE DE TAIZÉ, *Uma palavra bíblica: A misericórdia*, 2008, in http://www.taize.fr/pt_article6839.html (consultado a 29.12.2017).

¹²⁴ Devo esta abordagem à interpretação feita no ponto III.3 do livro de W. KASPER, *A Misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, Lucerna, Cascais, 2015.

clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e de fidelidade.» (Ex 34,6) Esta última revelação apresenta alguns dos atributos divinos, de modo especial, a bondade e misericórdia do Senhor. Deus revela, sem ferir a sua santidade, que a ternura divina pode triunfar sobre o pecado. Aqui «a compaixão é expressão não só da soberania e da liberdade de Deus, mas também da sua lealdade. Na sua misericórdia, Deus é fiel a Si mesmo e ao seu povo»¹²⁵. Esta última fórmula de revelação será retomada pelos profetas em geral e nos salmos em particular, transformando-se numa afirmação de fé do Antigo Testamento¹²⁶. A misericórdia de Deus, conservada intacta até à milésima geração, faz com que Ele tenha paciência infinita»¹²⁷.

A afirmação decisiva sobre Deus ser clemente e misericordioso é um enunciado de fé que nos foi revelada historicamente por Deus¹²⁸. Deus revela o âmago do seu Ser, revela a Moisés o Seu nome e torna evidente que a misericórdia também se manifesta na sua bondade e fidelidade.

2.3. *O anúncio da Misericórdia de Deus pela voz dos profetas*

A misericórdia divina é revelada ao longo dos textos veterotestamentários pela voz de Deus, através dos seus profetas. Assumindo-se como «porta-vozes» de Deus transmitiam a Sua mensagem, exercendo o papel de pedagogos e despertando consciências.

O profeta Oseias mostra-nos como, em Deus, vence sempre a misericórdia. Apesar do dramatismo em que vive, durante a fase final do reino do Norte, condicionado por fortes tensões sociais internas, pela rápida expansão do Império Assírio para sul e mergulhado por um clima de idolatria generalizada, o legado deste profeta é que Deus ama o Seu povo¹²⁹. Deus sabe que o povo lhe é infiel e o profeta chega mesmo a anunciar a rutura total entre

¹²⁵ W. KASPER, *A Misericórdia*, 66.

¹²⁶ Cf. *Ibidem*, 67.

¹²⁷ C. JULES – X. LÉON-DUFOUR, «Misericórdia», 596.

¹²⁸ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia*, 67.

¹²⁹ Cf. J. LOURENÇO, «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus», 36.

Deus e o povo: «O Senhor disse: “Põe-lhe o nome de *Lô-Ami*, porque já não sois o meu povo e Eu não estou convosco”.» (Os 1,9)¹³⁰ Quando tudo parecia terminado assistimos a uma reviravolta que apresenta uma «nova dimensão da ação de Deus e da sua identidade»¹³¹:

«Como poderia abandonar-te, ó Efraim? Entregar-te, ó Israel? Como poderia Eu abandonar-te, como a Adma, ou tratar-te como Seboim? O meu coração dá voltas dentro de mim, comovem-se as minhas entranhas. Não desafogarei o furor da minha cólera, não voltarei a destruir Efraim; porque sou Deus e não um homem, sou o Santo no meio de ti e não me deixo levar pela ira.» (Os 11,8-9)

Encontramos espelhada nestes versículos a misericórdia do Senhor. Ele age com misericórdia e não como os homens, revela-Se «totalmente distinto de qualquer ser humano»¹³². Afirma a sua santidade, «o Santo, o totalmente Outro»¹³³ e revela a sua identidade de Misericórdia. «A divindade de Deus torna-se patente na sua misericórdia. A misericórdia é expressão da essência divina»¹³⁴.

O profeta revela que a vontade de Deus é a Misericórdia e não os sacrifícios: «Porque Eu quero a misericórdia e não os sacrifícios, o conhecimento de Deus mais que os holocaustos.» (Os 6,6) Esta declaração contradiz a lógica de antepor «as normas da Lei aos princípios do amor de Deus»¹³⁵. Testemunha que a relação entre Deus e o seu povo requer uma intimidade profunda, afetiva, vivencial. Uma relação que permita conhecer o outro não só na mente mas também no coração, que o profeta figura na imagem do matrimónio e da aliança. Anuncia a entrega do coração de Deus e «interpela a um envolvimento pessoal do crente na procura de Deus»¹³⁶.

¹³⁰ O nome *Lô-Ami* significa «Não-meu-povo».

¹³¹ J. LOURENÇO, «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus», 33.

¹³² W. KASPER, *A Misericórdia*, 68.

¹³³ *Ibidem*.

¹³⁴ *Ibidem*.

¹³⁵ J. LOURENÇO, «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus», 33.

¹³⁶ *Ibidem*, 49.

«Na sua compaixão e na sua misericórdia, Deus manifesta a sua santidade e a sua grandeza»¹³⁷, no entanto é preciso deixar claro que Deus se opõe ao mal, que a mensagem da misericórdia divina traz reciprocidade. Deus espera que pratiquemos as obras do direito e da justiça conforme Ele o faz: «Então, te desposarei para sempre; desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com amor e misericórdia.» (Os 2,21) «A misericórdia de Deus para com o homem exige uma resposta de obediência, uma vontade de seguir os seus caminhos»¹³⁸.

Para Isaías a misericórdia aparece associada à santidade de Deus, o Santo de Israel, que ele escuta no cântico do três-vezes-santo: «E clamavam uns para os outros: “Santo, santo, santo, o Senhor do universo! Toda a terra está cheia da sua glória!”» (Is 6,3) Na sua mensagem encontramos «uma nova dinâmica da relação de Deus com o Seu povo»¹³⁹ que brota do coração misericordioso de Deus. Apesar de ter sido mantido em cativeiro no exílio de Babilónia, o povo nunca é abandonado por Deus: «Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria.» (Is 49,15) A promessa de Deus de libertar o povo cativo e o regresso dos exilados para Jerusalém é vista como um novo Êxodo, «a libertação de Babilónia é apresentada como um dos momentos mais sublimes da ação misericordiosa de Deus em prol do Seu povo»¹⁴⁰.

O centro da mensagem de Isaías encontra-se no coração misericordioso de Deus que pela sua misericórdia possibilita a conversão do pecador: «Por um curto momento Eu te abandonei, mas, com grande amor, volto a unir-me a ti. Num acesso de ira, e por um instante, escondi de ti a minha face, mas Eu tenho por ti um amor eterno. É o Senhor teu redentor que o diz.» (Is 54,7-8)

¹³⁷ W. KASPER, *A Misericórdia*, 70.

¹³⁸ L. RODRIGUES, «Fixar o olhar na Misericórdia», 116.

¹³⁹ J. LOURENÇO, «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus», 65.

¹⁴⁰ J. LOURENÇO, «Os Cantos do Servo. O grito da Misericórdia de Yahwé», in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 62.

Numa primeira análise vemos que o profeta se dirige à comunidade de Israel (em particular), no entanto os textos assumem uma «abrangência que não reverte apenas em favor de Israel, mas também se alarga e incorpora todos os povos»¹⁴¹: «Não basta que sejas meu servo, só para restaurares as tribos de Jacob e reunires os sobreviventes de Israel. Vou fazer de ti luz das nações, para que a minha salvação chegue até aos confins da terra.» (Is 49,6) O texto de Isaías transporta esta novidade em relação à misericórdia de Deus, ela ganha uma «dimensão universal»¹⁴². Orientada para todos os homens, a misericórdia é apresentada como um dom de Deus, «sinal de aliança e luz para as nações»¹⁴³. Encontramos explícito nas palavras do profeta, que o projeto de salvação de Deus se estende de geração em geração com uma abrangência universal e aberta ao futuro.

Nos Cantos do Servo, justo e sofredor, encontramos «o grito da misericórdia de Yahwé»¹⁴⁴. Estes Cantos segundo a análise de João Lourenço são «a pedra “angular” da teologia da misericórdia»¹⁴⁵ e têm como alicerces a experiência da fidelidade, do sofrimento e a esperança soteriológica. Estabeleceram na época, uma nova forma de olhar para a relação de Deus com a Humanidade, que ecoa através do servo e «constitui como que um “grito” de Yahwé, um eco da infinita misericórdia de Deus»¹⁴⁶: «Eis o meu servo, que Eu amparo, o meu eleito, que Eu preferi. Fiz repousar sobre ele o meu espírito, para que leve às nações a verdadeira justiça.» (Is 42,1) Encontramos numa primeira análise o Servo que na sua condição de «justo misericordioso intercede pelo seu povo»¹⁴⁷ junto de Deus. Ele evidencia em si a esperança de que Yahwé irá renovar a sua aliança e dá testemunho da misericórdia de Deus. O Deus que o Servo testemunha e de quem se faz eco é uma figura viva. Não fica indiferente, permanece, sofre no sofrimento do homem. É um Deus que escuta, vê, sente, que se faz

¹⁴¹ J. LOURENÇO, «Os Cantos do Servo», 66.

¹⁴² *Ibidem*.

¹⁴³ *Ibidem*, 67.

¹⁴⁴ *Ibidem*, 61.

¹⁴⁵ *Ibidem*, 68.

¹⁴⁶ *Ibidem*, 69.

¹⁴⁷ *Ibidem*, 70.

próximo e que tem «a sua misericórdia como expressão e forma da sua identidade»¹⁴⁸. Podemos observar a experiência da fidelidade na pessoa do Servo de Yahwé, que entrega gratuitamente a sua vida a favor de todas as pessoas. Ação de obediência extrema ao plano de Deus que dá sentido à sua vida. A salvação universal advém pela ação de uma só pessoa, o justo, a favor de todas as pessoas, uma missão com dimensão redentora, testemunho da misericórdia de Deus:

«Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas perdidas, cada um seguindo o seu caminho. Mas o Senhor carregou sobre ele todos os nossos crimes. Foi maltratado, mas humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro que é levado ao matadouro, ou como uma ovelha emudecida nas mãos do tosquiador. Mas aprouve ao Senhor esmagá-lo com sofrimento, para que a sua vida fosse um sacrifício de reparação.» (Is 53, 6-7, 10a)

A entrega da vida do justo é «sinal da misericórdia de Deus que se faz dom para os outros, para o povo eleito e, nessa mesma representatividade, faz-se igualmente sinal da sua benevolência universal»¹⁴⁹. Como fruto dessa entrega, ele obtém a salvação, não só para Israel como para todo o mundo.

O sofrimento do Servo é também um sinal da misericórdia de Deus. Esta não é uma situação de fácil entendimento, o sofrimento do inocente e do justo. Embora numa primeira análise se entenda que o sofrimento do Servo «seria causado por Deus como retribuição do seu pecado [...] a resposta que Yahwé proclama, ao exaltá-lo, nos leva a sentir que o sentido do texto é diferente»¹⁵⁰.

«Na verdade, ele tomou sobre si as nossas doenças, carregou as nossas dores. Nós o reputávamos como um leproso, ferido por Deus e humilhado. Mas foi ferido por causa dos nossos crimes, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que nos salva caiu sobre ele, fomos curados pelas suas chagas.» (Is 53,4-5)

¹⁴⁸ *Ibidem*, 72.

¹⁴⁹ *Ibidem*, 74.

¹⁵⁰ *Ibidem*, 75.

Perante este paradigma, a resposta que dá sentido ao sofrimento é fundada na bondade e misericórdia de Deus. A misericórdia de Deus «está muito para além da férrea lógica da culpa e do castigo»¹⁵¹. Este texto realça o desígnio de Deus de salvar os homens através da sua própria história, onde Deus está sempre presente. Deus nunca abandona os que creem e confiam n'Ele e dá-lhes a salvação, que abrange todo o tempo e espaço, todos os povos em todas as épocas, salvação universal e soteriológica, que chega através do sofrimento vicário do Servo. «Em Deus a misericórdia vence a justiça»¹⁵².

«Por causa dos trabalhos da sua vida verá a luz. O meu servo ficará satisfeito com a experiência que teve. Ele, o justo, justificará a muitos, porque carregou com o crime deles. Por isso, ser-lhe-á dada uma multidão como herança, há-de receber muita gente como despojos, porque ele próprio entregou a sua vida à morte e foi contado entre os pecadores, tomando sobre si os pecados de muitos, e sofreu pelos culpados.» (Is 53,11-12)

O Servo apresenta-se como uma bênção para o povo, intercede por ele, dá testemunho da gratuidade de Deus. A sua entrega e sofrimento são expressão da generosidade, clemência e santidade de Deus que concede a salvação. Esta experiência é alicerçada na confiança, fidelidade e bondade de Deus, «assim como na sua ilimitada misericórdia»¹⁵³.

Importa realçar que num segundo momento este Servo é Jesus Cristo. A esperança escatológica do povo convergia para o momento da chegada do Messias justo:

«Brotará um rebento do tronco de Jessé, e um renovo brotará das suas raízes. Sobre ele repousará o espírito do Senhor [...] Não julgará pelas aparências nem proferirá sentenças somente pelo que ouvir dizer; mas julgará os pobres com justiça e com equidade os humildes da terra.» (Is 11, 1-4a)

¹⁵¹ W. KASPER, *A Misericórdia*, 72.

¹⁵² *Ibidem*, 68.

¹⁵³ *Ibidem*, 73.

É com toda a clareza que no Novo Testamento a figura do Servo encontra uma reciprocidade em Jesus.

«A figura do “Servo” que o NT assume como “código” interpretativo da pessoa e da missão de Jesus em quem se concretiza, de forma plena, a palavra do oráculo profético, designadamente na sua entrega, na sua mansidão e no testemunho da bondade e da misericórdia de Deus»¹⁵⁴.

A missão do Servo de testemunhar a misericórdia de Deus para o mundo, torna-se evidente em Jesus Cristo, sinal da missão que lhe foi confiada.

Nas palavras do profeta devemos tomar nota que a ideia do culto meramente exterior não agrada a Deus. Fica assente que Ele se opõe ao mal, ou seja, ao pecado e à injustiça. Por tal razão devem os fiéis fazer a sua parte, escutando as vozes que apelam para a relação de proximidade, de disponibilidade para o serviço, para a justiça e meditando por exemplo, através das palavras do profeta Isaías conforme recomenda o Papa Francisco¹⁵⁵.

2.4. *O anúncio da Misericórdia de Deus pela voz dos sábios*

A sabedoria bíblica testemunha que «não existe sabedoria se não existe uma relação com Deus»¹⁵⁶, uma vez que é Ele o verdadeiro sábio. Os sábios de Israel têm noção que a sabedoria chega como um convite de Deus, ela é Dom que se recebe, ao qual eles têm de responder colocando-se ao serviço deste Dom¹⁵⁷.

Se perscrutarmos o ser e o agir dos sábios, é possível reconhecer neles alusões à misericórdia. Olhar a misericórdia como um discernimento que nos constitui como seres

¹⁵⁴ J. LOURENÇO, «Os Cantos do Servo», 81.

¹⁵⁵ Ver Is 58,6-11. Cf. FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 17.

¹⁵⁶ L. ALMENDRA, «Dinamismos de misericórdia», 88.

¹⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 88-89.

profundamente humanos¹⁵⁸, ser capaz de encarar a misericórdia como uma possibilidade de vida que ainda não vimos nem considerámos¹⁵⁹, conseguir encontrar a misericórdia como um Dom e Graça que move a inteligência e o agir na descoberta de Deus e do irmão¹⁶⁰, ou procurar olhar a misericórdia de Deus como uma sabedoria que vamos aprendendo nos caminhos mais ou menos difíceis que percorremos¹⁶¹ são quatro itinerários válidos para fazermos esse entendimento.

A partir deste ponto, e por razões de ausência de tempo para um maior aprofundamento, iremos fixar-nos apenas no último dos itinerários descritos acima, procurando, através do Livro sapiencial de Job e na sua experiência que coloca ênfase na questão do sofrimento ilustrar a misericórdia. Esta história revela-nos em consonância com o Canto do Servo de Yahwé um novo sentido para o sofrimento do inocente. «Job tinha construído a sua vida numa fé implícita de que o universo era regido por uma ordem interna coerente»¹⁶². Acreditava por isso que sendo bom iria obter uma correlação justa e lógica entre a sua maneira honesta de viver e o modo feliz como a vida lhe correria. No entanto sendo ele um homem inocente, que não tinha culpa nem pecado, passa por uma experiência de desgraça (perda de bens, dos filhos, da saúde), onde surge o sofrimento.

Pautados por um pensamento moralista e, em certa forma tradicional, da equivalência entre o sofrimento de uma pessoa e algum pecado por ela cometido, no sentido de castigo, os seus amigos acorrem para o consolar tendo cada um procurado argumentar sobre as causas da situação de Job. Acreditando que a intervenção de Deus estaria a atuar sobre Job segundo «a justiça retributiva, que consiste em dar a cada um aquilo que merece»¹⁶³, os amigos acusam-no de ter cometido algum mal e de negar o reconhecimento das suas faltas. Job no entanto sabe que é inocente, diz não ter do que se arrepender, tem consciência que nada fez de mal,

¹⁵⁸ Ver por exemplo Pr 1,20-27.33; 7,21-23.

¹⁵⁹ Ver por exemplo Sir 2,1-9.

¹⁶⁰ Ver por exemplo Sb 9,1-4, 17-18.

¹⁶¹ Cf. L. ALMENDRA, «Dinamismos de misericórdia», 91.

¹⁶² *Ibidem*, 96.

¹⁶³ J. CARVALHO, «Do Deus da justiça ao Deus da misericórdia», *Bíblica: série científica* 15 (2006) 67.

sofre e não consegue perceber qual a causa do seu sofrimento, «um tal sofrimento imerecido é incompreensível»¹⁶⁴. Ele não consegue encontrar esse fundamento específico para os males que lhe sobrevêm.

«Por que razão foi dada luz ao infeliz, e vida àqueles para quem só há amargura? Porque vive um homem cujo caminho foi barrado e a quem Deus cerca por todos os lados? Em lugar de pão, engulo os meus soluços, e os meus gemidos derramam-se como a água. Todos os meus temores caíram sobre mim e aquilo que eu temia veio atingir-me.» (Jb 3,20.23-25)

Reclama justiça para uma situação que não compreende, e principalmente para a causa maior da sua dor: um sentido para o seu sofrimento¹⁶⁵. «Experimenta os seus próprios limites e percebe que ele não tem uma resposta total, porque esta só vem de Deus, o verdadeiro e único sábio»¹⁶⁶. «O meu rosto está inchado de tanto chorar, e a escuridão cobriu as minhas pálpebras, embora não haja violência nas minhas mãos, e a minha oração seja pura.» (Jb 16,16-17)

Surge depois o discurso proferido pelo jovem sábio Eliú que introduz um ponto de viragem no texto, mudando a questão inicial das causas do porquê do sofrimento passa à introdução da novidade que dá um novo foco à questão: Para quê? Qual a finalidade do sofrimento?

Por fim Deus intervém, respondendo às anteriores intervenções e concretizando a restauração da situação de Job.

A resposta oferecida por Deus à questão do sofrimento revela que Ele não é alheio ao mesmo, nem de Job nem de todo o ser humano. Mesmo que por vezes não o consigamos vislumbrar Ele está sempre lá e ouve misericordiosamente o grito dos oprimidos, é preciso

¹⁶⁴ L. ALMENDRA, «Dinamismos de misericórdia», 96.

¹⁶⁵ Cf. J. LOURENÇO, *O Sofrimento no Pensamento Bíblico – “Releituras Hermenêuticas” de Isaías 53*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2006, 84.

¹⁶⁶ L. ALMENDRA, «Dinamismos de misericórdia», 90.

esperar: «fazendo chegar até Ele o clamor do oprimido e o grito do infeliz que Ele acolheu.» (Jb 34,28)¹⁶⁷

«A justiça de Deus não se identifica com a justiça dos homens, e a misericórdia não é sinónimo de permissividade. O Deus das misericórdias é compassivo. A sua natureza faz com que não consiga tolerar o mal e o pecado»¹⁶⁸. A justiça e a ação de Deus não se podem medir com as regras da equivalência, da moral legalista ou da justiça humana, «para superar a perspectiva legalista, seria preciso lembrar que, na Sagrada Escritura, a justiça é concebida essencialmente como um abandonar-se confiante à vontade de Deus»¹⁶⁹.

Job descobre no sofrimento um caminho insondável para o encontro profundo com Deus misericordioso. «De facto, eu falei de coisas que não entendia, de maravilhas que superavam o meu saber. Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora vêem-te os meus próprios olhos.» (Jb 42,3b.5)

A tomada de consciência dos dramas da experiência humana que nos relata o livro de Job toca-nos pessoalmente porque se estende a todo o ser humano. A questão do sofrimento e das suas repercussões, quer diretamente na experiência de quem sofre¹⁷⁰, quer indiretamente na interação que se produz entre as concepções morais e outras categorias religiosas fundamentais, tais como o sofrimento e doença, pecado e castigo, santidade e felicidade, encontra uma resposta que ultrapassa a compreensão humana nos caminhos insondáveis de um Deus misericordioso, que se vai descobrindo ao longo do sinuoso percurso.

¹⁶⁷ Também Job é considerado servo fiel de Deus à semelhança do Servo de Yahwé e pode desempenhar o papel de intercessor em favor dos seus amigos. A sua atitude revela que é necessário acolher Deus, seja nas experiências de bem e felicidade como nas de deserto e sofrimento. O sofrimento não pode ser visto como uma maldição, mas sim como um estímulo à reflexão e à tomada de consciência: «Mas Deus salvará o pobre da sua miséria e abrir-lhe-á os ouvidos com a tribulação.» (Jb 36,15)

¹⁶⁸ J. CARVALHO, «Do Deus da justiça ao Deus da misericórdia», 85.

¹⁶⁹ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 20.

¹⁷⁰ O sofrimento promove o despojamento do que distrai a pessoa, deixando somente o essencial, criando condições que lhe permitem entrar em sintonia com o ser mais íntimo que habita em si. Nessa condição, o ser humano consegue gratuitamente encontrar-se com o Espírito, abrindo o seu coração à Verdade torna-se capaz de ouvir a resposta de Deus misericórdia, tal como Job.

O Livro Sapiencial ensina pois que «a resposta à questão do sofrimento está na sua capacidade de não desesperar, mas antes [...] de esperar sempre em Deus; um Deus misericordioso, com entranhas de misericórdia»¹⁷¹.

2.5. *O louvor da Misericórdia nos Salmos*

Os salmos apresentam uma pedagogia de proximidade e encontro pessoal entre Deus e o Homem. Nascem do cruzamento de dois caminhos que conduzem a uma interioridade maior: o Homem em busca de Deus e Deus que busca o Homem¹⁷². Desse encontro brota uma verdadeira «vida a dois» feita de alegrias e tristezas, de desavenças e reconciliações que é expressa nos salmos pela fé. Os salmos traduzem em si mesmos uma atitude de verdadeira oração e «expressam em inúmeras passagens, a misericórdia divina com uma beleza poética»¹⁷³, através de um itinerário de vida e história que faz «sobressair esta grandeza do agir divino»¹⁷⁴. «Nos salmos encontramos o vocabulário *hesed/misericórdia* cerca de 90 vezes para designar o inclinar-se de Deus sobre o pobre que clama por auxílio»¹⁷⁵. Passamos a citar alguns exemplos onde se expressa a misericórdia.

O salmo 51 conhecido como *Miserere* é «o grande salmo das misericórdias do Senhor»¹⁷⁶. Este salmo de penitência que se supõe ter sido escrito por David é revestido de profundidade. Humildade e confiança constituem o binómio que é a alma deste salmo. «Apesar de aparecer muitas vezes o conceito de pecado [...] levanta-se, simultânea e paralelamente, a Misericórdia de Deus, como uma realidade muito mais sólida e visível»¹⁷⁷.

¹⁷¹ L. ALMENDRA, «Dinamismos de misericórdia», 97.

¹⁷² Cf. I. LARRAÑAGA, *Salmos para a vida*, Paulinas, Lisboa, 2001, 10.

¹⁷³ W. KASPER, *A Misericórdia*, 75.

¹⁷⁴ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 6.

¹⁷⁵ L. RODRIGUES, «Fixar o olhar na Misericórdia», 111.

¹⁷⁶ I. LARRAÑAGA, *Salmos para a vida*, 83.

¹⁷⁷ *Ibidem*, 84.

Ao percorrê-lo podemos reconhecer com humildade e confiança a nossa condição de pecadores. No entanto não nos devemos fixar nessa face negra, mas antes confiar na salvação que vem do Senhor, procurando amarrar o nosso coração nas suas entranhas de misericórdia.

«Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade; pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado. Lava-me de toda a iniquidade; purifica-me dos meus delitos. Purifica-me com o hissopo e ficarei puro, lava-me e ficarei mais branco do que a neve. Cria em mim, ó Deus, um coração puro; renova e dá firmeza ao meu espírito.» (Sl 51,3-4.9.12)

O salmista discursa numa atitude de humildade - qualidade de quem reconhece as próprias fraquezas - e simultaneamente de confiança, não se detendo sobre si mesmo, sente a segurança de quem acredita que a resposta de Deus há de ser a misericórdia e não a humilhação. «A humildade é filha de Deus»¹⁷⁸ e contrária à humilhação que se revela autodestrutiva e não agrada a Deus. Pelo contrário, ele irrompe e eleva mais alto a misericórdia, essência divina de Deus, «numa concentração interior, feita de intimidade, confiança, ternura e humildade»¹⁷⁹ quando apela à Sua «grande misericórdia.» (Sl 51,3) O seu discurso em tom passivo apela à ação salvadora de Deus, «da sua onnipotência sobre a minha impotência»¹⁸⁰.

O conceito de pecado dissipa-se e dá lugar à alegria, porque ao experimentar a misericórdia «a tristeza desaparece [...] e tudo, os muros e os recintos interiores, vestem-se de um ar primaveril, perfumado de gozo e alegria»¹⁸¹: «Não me afastes da tua presença, nem me prives do teu santo espírito! Dá-me de novo a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito generoso.» (Sl 51,13-14)

Por fim o salmista testemunha a sua salvação, proclamando as maravilhas que o Senhor fez, ao olhar para si com entranhas de misericórdia: «Então ensinarei aos transgressores os

¹⁷⁸ *Ibidem.*

¹⁷⁹ *Ibidem*, 90.

¹⁸⁰ *Ibidem.*

¹⁸¹ *Ibidem*, 93.

teus caminhos e os pecadores não-de voltar para ti. Abre, Senhor, os meus lábios, para que a minha boca possa anunciar o teu louvor.» (Sl 51,15.17)

O salmo 103 é precisamente um salmo ou hino de louvor a Deus pelo seu eterno amor. O salmista desde o início exalta a benevolência divina: «Bendiz, ó minha alma, o Senhor, e não esqueças nenhum dos seus benefícios. É Ele quem perdoa as tuas culpas e cura todas as tuas enfermidades. É Ele quem resgata a tua vida do túmulo e te enche de graça e de ternura.» (Sl 103,2-4) A ternura de Deus aparece como sinónimo da sua misericórdia que irá libertar da morte, não só o corpo como o espírito. Quando avançamos nos versículos do salmo, encontramos novamente espelhada a misericórdia: «O Senhor é misericordioso e compassivo, é paciente e cheio de amor.» (Sl 103,8) Esta fórmula, que parece o artigo fundamental da fé de Israel, resume o eterno amor de Deus que olha pelo seu Povo¹⁸². O salmista reconhece terem sido vividas experiências de deserto e de primavera desde há séculos e transcreve-as sucintamente contemplando os «factos históricos protagonizados pelo Senhor, em benefício do povo eleito»¹⁸³.

«A partir do versículo 9, o salmista mete-se no próprio íntimo de Deus, isto é, da Misericórdia, e, depois de esmiuçar todos os tecidos constitutivos, vai mostrando os mecanismos e impulsos que movem o coração de Deus»¹⁸⁴. Deus é amor, não está sempre a repreender-nos, não «nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos castigou segundo as nossas culpas.» (Sl 103,10) O mistério do seu amor é imenso e o salmista compara-o à distância entre a terra e o céu: «Como é grande a distância dos céus à terra, assim são grandes os seus favores para os que o temem» (Sl 103,11), o mesmo será dizer: assim é grande a sua misericórdia. O autor compara a misericórdia de Deus à de um pai: «Como um pai se compadece dos filhos, assim o Senhor se compadece dos que o temem.» (Sl 103,13) Conhecendo a dificuldade humana em reconhecer o Seu mistério e perante a frágil condição

¹⁸² Cf. *Ibidem*, 123.

¹⁸³ *Ibidem*, 122.

¹⁸⁴ *Ibidem*, 123.

humana, Deus não nos ignora, «não se esquece de que somos pó da terra.» (Sl 103,14b) É a misericórdia divina que suscita no Seu coração quando contempla o barro humano, obra das suas mãos. Ao percorrer os quatro versículos seguintes «o salmista mantém o mesmo motivo central; e vem dizer-nos que a caducidade e a fugacidade humanas invocam, por contraste, e provocam a misericórdia eterna»¹⁸⁵.

Mais uma vez no final se encontra a exclamação de agradecimento e júbilo do salmista, que com grande alegria apela a todas as vozes do universo para bendizerem o Senhor¹⁸⁶.

Outro exemplo que podemos citar desta admiração perante a magnificência das benevolências do Senhor em benefício do homem é: «Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom, porque o seu amor é eterno.» (Sl 106,1; 107,1) Esta exclamação de júbilo invocada 5 vezes no Salmo 118 «é repetida 26 vezes no Salmo 136»¹⁸⁷. Refrão que aparece em cada versículo do salmo, também se pode traduzir por «Eterna é a sua misericórdia»¹⁸⁸. Tal mantra «parece querer romper o círculo do espaço e do tempo para inserir tudo no mistério eterno do amor»¹⁸⁹. Este amor, misericórdia, é o próprio Deus. «É como se se quisesse dizer que o homem, não só na história, mas também pela eternidade, estará sempre sob o olhar misericordioso do Pai»¹⁹⁰.

No cântico de súplica, ou podemos dizer de esperança do Salmo 130, também está patente a misericórdia do Senhor: «Israel espera pelo Senhor; porque nele há misericórdia e com Ele é abundante a redenção.» (Sl 130,7) Ela é invocada pelo povo que clama «Lembraí-Vos, Senhor, da vossa misericórdia e do vosso amor» no refrão do salmo 25 e apela «Lembra-te, Senhor, da tua compaixão e do teu amor, pois eles existem desde sempre» (Sl 25,6), da sua misericórdia e graça que são eternas. Uma misericórdia que se estende a todas as criaturas: «O Senhor é clemente e compassivo, é paciente e misericordioso. O Senhor é bom para com

¹⁸⁵ *Ibidem*, 126.

¹⁸⁶ Ver Sl 103,20-22.

¹⁸⁷ W. KASPER, *A Misericórdia*, 76.

¹⁸⁸ Cf. FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 7.

¹⁸⁹ *Ibidem*.

¹⁹⁰ *Ibidem*.

todos» (Sl 145,8-9a), «Todos os caminhos do Senhor são amor e fidelidade, para os que guardam a sua aliança e os seus preceitos» (Sl 25,10) através de todas as gerações «O Senhor é bom! O seu amor é eterno! É eterna a sua fidelidade!» (Sl 100,5; Cf. Sl 103,17; 106,1; 117,2)

E tanto no tempo pascal como no tempo comum, a Liturgia põe nos nossos lábios as palavras do Salmo 89 no refrão: «Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor. Cantarei eternamente»¹⁹¹.

Pelo atrás exposto podemos afirmar com o Cardeal Kasper que «os salmos constituem um único cântico de louvor à misericórdia de Deus»¹⁹².

3. A Misericórdia no Novo Testamento

3.1. Jesus Cristo é o rosto da Misericórdia do Pai

A vinda de Cristo foi a grande revelação da misericórdia de Deus para com a Humanidade. Embora este desígnio de Deus já se pudesse sentir na própria criação, ao longo de toda a história da humanidade e dentro do coração de cada homem, conforme descrito nos capítulos anteriores, nunca havia sido tão claramente manifestado como o foi com a vinda de Jesus, o Filho de Deus que desceu junto dos homens. A encarnação do Senhor constitui o verdadeiro milagre da vinda de Deus ao mundo. O «acontecimento da “autocomunicação de Deus”»¹⁹³, esta sua revelação, estabelece o «vértice da “teo-logia”, ou seja, a mais alta palavra

¹⁹¹ Cf. JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 8.

¹⁹² W. KASPER, *A Misericórdia*, 76.

¹⁹³ A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», 106.

sobre Deus [...] coloca no centro da reflexão teológica sobre a misericórdia a pessoa e a história de Jesus Cristo»¹⁹⁴.

Os textos bíblico sobre a Natividade, referidos por W. Kasper como fazendo parte da pré-história de Jesus «informam-nos de quem é Jesus e de onde vem»¹⁹⁵. Neles vemos que Jesus foi concebido e investido por obra do Espírito Santo. O Filho de Deus, encarnação do Messias, constitui o verdadeiro milagre da vinda de Deus ao mundo: «O anjo respondeu-lhe: “O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus.”» (Lc 1,35) O Evangelho de Lucas esclarece que tudo isso acontece «graças ao coração misericordioso do nosso Deus, que das alturas nos visita como sol nascente.» (Lc 1,78) Pela sua misericórdia Deus enviou-nos um Salvador, fê-lo tornando-se homem como nós e deu-nos a certeza total do seu amor. Entrou na humanidade nascendo de uma mulher, a virgem Maria¹⁹⁶ e tudo isto para que os homens, agora seus irmãos, se tornassem n’Ele e por Ele, filhos de Deus. Deus fez-se um de nós, porque nos ama e quis mostrar-nos o caminho da salvação. Fê-lo sem impor o seu poder, mas pediu a colaboração de uma jovem chamada Maria, escrevendo a história da Sua aliança com a humanidade de um modo completamente novo.

O nascimento de Jesus é precedido na história de «uma esperança consistente, profundamente enraizada no coração humano, de encontrar essa empatia existencial profunda que é a misericórdia»¹⁹⁷. Ele é o Salvador há muito aguardado: «Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor.» (Lc 2,11)

Jesus passou pela terra, como missionário do amor gratuito e da Misericórdia incondicional do Pai, tendo a misericórdia assumido o papel de protagonista do seu Evangelho. «A misericórdia [...] constitui o conteúdo fundamental da mensagem messiânica

¹⁹⁴ *Ibidem*, 106-107.

¹⁹⁵ W. KASPER, *A Misericórdia*, 81.

¹⁹⁶ Ver Gal 4,4-7.

¹⁹⁷ A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», 108.

de Cristo e a força constitutiva da sua missão»¹⁹⁸. Ela «é o núcleo da mensagem evangélica, é o próprio nome de Deus, o rosto com o qual Ele se revelou na Antiga Aliança e plenamente em Jesus Cristo»¹⁹⁹.

Quem olhar para o ser e o viver de Jesus encontra neles o testemunho da Misericórdia encarnada e em ato²⁰⁰.

Jesus introduziu uma simplicidade que toca quem o escuta: «Nas vossas orações, não sejais como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos. Não façais como eles, porque o vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes.» (Mt 6,7-8) Estas palavras dão-nos a visão consoladora do Pai, que sabe tudo de nós: o que precisamos, o que não precisamos, o que nos entristece, o que nos alegra, mas acima de tudo, um Pai que nos ama em todas estas situações e um Pai que é misericordioso.

Jesus quando age não o faz por conta própria, como explica aos judeus: «Em verdade, em verdade vos digo: o Filho, por si mesmo, não pode fazer nada, senão o que vir fazer ao Pai, pois aquilo que este faz também o faz igualmente o Filho.» (Jo 5,19) Jesus vive em contínua comunhão com o Pai, no Espírito Santo, é essa comunhão que determina as suas escolhas. A sua atividade é fruto da comunhão com o Pai, Ele coloca-se em igualdade com Deus e demonstra absoluta identificação com a Sua vontade: «Pois Eu não venho de mim mesmo; há um outro, verdadeiro, que me enviou, e que vós não conheceis. Eu é que o conheço, porque procedo dele e foi Ele que me enviou. É de Deus que Eu saí e vim. Não vim de mim próprio, mas foi Ele que me enviou.» (Jo 7,28b-29.42)

São muitos os testemunhos a favor de Jesus, como podemos comprovar, pelas obras que o próprio Jesus realizava; por João Batista, que anunciava o Messias já presente no meio dos homens «Vós enviastes mensageiros a João, e ele deu testemunho da verdade» (Jo 5,33); pelo

¹⁹⁸ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 6.

¹⁹⁹ BENTO XVI, *Regina Caeli*, Castel Gandolfo, 30.3.2008, in http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2008/documents/hf_ben-xvi_reg_20080330.html (consultado a 21.6.2019).

²⁰⁰ Cf. A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», 111.

testemunho de Deus Pai «E o Pai que me enviou mantém o seu testemunho a meu favor» (Jo 5,37) ou pelas Escrituras que se cumprem na pessoa do próprio Jesus.

Jesus revela o Deus das misericórdias, o verdadeiro Deus, «cuja misericórdia deu testemunho com todo o seu agir»²⁰¹, fazendo emergir no seu rosto a misericórdia.

3.2. *As parábolas da Misericórdia*

As parábolas são um dos modos mais distintivos e significativos que Jesus escolheu para ensinar e comunicar com os seus ouvintes.

«Elas são, porventura, a forma mais expressiva de que ele se serve para introduzir na lógica do Reino dos Céus e, assim, na vivência da misericórdia. Isso mesmo resulta por de mais evidente se se tiver em conta que nelas, de forma recorrente, se apresenta uma figura central que se destaca pela magnanimidade dos seus gestos e sentimentos e que se pode interpretar como um símbolo de Deus; ou pela forma como nelas se enaltecem e propõem como código de conduta gestos de compaixão ativa e comprometida para com o próximo»²⁰².

«O Evangelista que trata de modo particular estes temas do ensino de Cristo é S. Lucas, cujo Evangelho mereceu ser chamado “o Evangelho da misericórdia”»²⁰³. É deste Evangelho que se extraem as parábolas que em comum se começaram a designar como parábolas da misericórdia. O Papa Francisco reconhece que nestas parábolas «Deus é apresentado sempre cheio de alegria, sobretudo quando perdoa. Nelas, encontramos o núcleo do Evangelho e da nossa fé, porque a misericórdia é apresentada como a força que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão»²⁰⁴.

²⁰¹ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 7.

²⁰² A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», 112.

²⁰³ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 3.

²⁰⁴ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 9.

Os fariseus acusavam Jesus de acolher os pecadores e comer com eles. Jesus responde às suas acusações com estas parábolas. Explica-lhes que foi para salvar e remir que Ele veio, para buscar as ovelhas perdidas e acolher de braços abertos os filhos perdidos. O Pai enviou-O para salvar o mundo. Os destinatários das suas parábolas «são os “pobres”, os “cativos”, os “cegos” e os “oprimidos” [...] tomando todos estes termos, por vezes, no seu sentido próprio e no sentido metafórico»²⁰⁵.

A parábola do bom samaritano que apenas aparece descrita no Evangelho segundo São Lucas²⁰⁶ situa-nos no longo caminho que liga Jerusalém a Jericó, um itinerário perigoso com um importante desnível que era conhecido do auditório de Jesus. Nesta parábola aparecem quatro personagens principais, o sacerdote, o levita, o samaritano e o homem maltratado. Os dois primeiros, sacerdote e levita, são vazios do ponto de vista da ação e do amor ao próximo. Perante a cena dramática com que se deparam, um homem ferido e maltratado que foi deixado ao abandono, meio morto a necessitar de ajuda urgente, eles veem e passam, não se envolvendo com aquele homem meio morto no caminho. Neles «não houve a revolução das vísceras, mas o sentimento da lei cumprida, como estipulava a Torah»²⁰⁷. Têm como prioridade e sentido de vida apenas o cumprir leis, tomando por isso a atitude de passar ao largo para não se tornarem impuros segundo o que está estipulado na Lei²⁰⁸. O samaritano era considerado como estrangeiro, marginalizado, um inimigo de Israel e da sua religião. Judeus e samaritanos não se davam e havia entre eles um desprezo mútuo, por isso «é significativo que Jesus nos apresente como modelo de misericórdia precisamente um samaritano»²⁰⁹. Diz o relato da parábola que o samaritano passa no caminho, vê o homem ferido e não passa adiante, ao contrário das personagens anteriores. O samaritano vai envolver-se com aquele homem, enche-se de compaixão/misericórdia, sendo utilizado no texto original o verbo grego

²⁰⁵ O. FLICHY, *La obra de Lucas*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2003, 33.

²⁰⁶ Ver Lc 10,25-37.

²⁰⁷ R. D. B. de MENESES, «Teologia aplicada O Bom Samaritano (Lc 10,25-37): pelo caminho da principiologia», *Revista de Cultura Teológica* 61 (2007) 20.

²⁰⁸ Ver Nm 19,11-13.

²⁰⁹ W. KASPER, *A Misericórdia*, 89.

splanchnízomai (comoveram-se-lhes as entranhas). Ele compreende a situação, detém-se, aproxima-se do ferido, atua, tenta aliviar as suas dores. É utilizada pelo redator uma série de verbos para descrever a ação do samaritano para com aquele homem: diz que o tratou, curou, transportou, alojou e cuidou²¹⁰, passando depois o testemunho ao estalajadeiro a quem entrega dois denários, dizendo que voltará a passar por lá, por isso, ele não deixa de se comprometer, não se desliga por completo. O samaritano envolve-se com aquele homem, cria com ele uma relação, envolve também o estalajadeiro, mas continua a manter a ligação que tinha estabelecido. Este personagem apresenta uma conceção de vida diferente do sacerdote e do levita, ele é aquele que em linha com o Evangelho se comporta com uma atitude de quem está na via da salvação. Percebe que o que dá sentido à vida não é cumprir leis, mas é dar-se ao outro, ser capaz de amar o próximo, ser misericordioso, «a verdadeira compaixão não é um sentimento, mas uma ação que produz a cura do outro»²¹¹ e são os que assim agem que vivem o amor cristão.

A perícopes não se limita à parábola, insere-se num debate teológico de acesso à vida eterna recorrendo à Escritura, realçando o seu carácter exegético e moral e os seus vínculos com o duplo mandamento, onde Jesus é apresentado como portador de uma nova interpretação das escrituras. Em Lucas é o doutor da Lei quem vai citar as escrituras enquanto nos Evangelhos de Mateus e de Marcos²¹² é Jesus a dar a resposta frente ao conteúdo da Lei com o duplo mandamento (mandamento do amor), sintetizando os 613 mandamentos da Lei que os judeus tinham de satisfazer. Esta questão será aprofundada no seguimento no ponto 3.4.1..

Jesus assume o papel de Mestre e conta esta parábola em resposta à pergunta do doutor da Lei sobre quem é o próximo. Tal qual um professor, mas utilizando uma pedagogia própria, vai conduzir este discípulo num caminho de descoberta, até que alcance a resposta e

²¹⁰ Cf. Lc 10,34.

²¹¹ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, Paulus, Lisboa, 2015, 37.

²¹² Cf. Mt 22,37; Mc 12,29.

compreenda a definição de próximo que Ele lhe quer transmitir. Jesus coloca o doutor da Lei perante a situação de ter de escolher um modo de vida: por um lado, a Lei formal de pureza ritual, importante para o judaísmo e, por outro, a capacidade de ir mais para além dessas leis e dar atenção ao outro. No seu estilo judaico, responde a uma pergunta com outra pergunta: «“Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?” Respondeu: “O que usou de misericórdia para com ele.” Jesus retorquiu: “Vai e faz tu também o mesmo.”» (Lc 10,36-37)

Jesus apresenta a misericórdia como chave de leitura da parábola, ensina a ver o próximo como uma pessoa de quem nos fazemos próximos.

«Aquele com quem nos encontramos de uma forma concreta e que, na situação que vive, precisa da nossa ajuda [...] não fica sujeito a vínculos familiares, nem à amizade, nem à pertença a um determinado grupo religioso ou étnico. Concretiza-se na pessoa concreta que sofre e que tem necessidades e com a qual nos encontramos no caminho»²¹³.

No entanto o foco não se encontra no saber quem é o nosso próximo, mas no fazer, como me torno próximo do outro. «Com uma verdade desarmante, [o doutor] reconhece que o próximo já não é o moribundo, mas quem teve compaixão dele»²¹⁴. Invertendo os papéis, Jesus coloca o próximo não como aquele que deve ser amado, mas aquele que deve amar, que deve fazer-se próximo de alguém, aproximar-se de outro movido pelo amor. Jesus utiliza por duas vezes o verbo fazer – dimensão da ação, incitando a colocar o essencial da caridade em prática. Este samaritano da parábola personifica a pessoa de Jesus. Ele vai além da Lei, transmite que o amor cristão é um amor relacional, desafia à ação e desafia à misericórdia, uma das dimensões fundamentais da sua missão. A parábola intitula-se «Bom Samaritano» e

²¹³ W. KASPER, *A Misericórdia*, 89.

²¹⁴ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 39.

este título expressa todo um paradoxo: o mal não é o que se pensa²¹⁵. O adjetivo bom não está presente no texto e o samaritano evoca um marginalizado²¹⁶. «A parábola faz luz sobre a vida porque subverte o modo comum de pensar»²¹⁷ o próximo a partir de nós. Encontra-se a surpresa de não haver conformidade entre a identidade das personagens e a sua atitude. O bem é praticado por aquele a quem, para o auditório de Jesus, se associa o mal, o inimigo de Israel e da sua religião. O “*homo viator*” - viajante ferido na margem da estrada representa a imagem da humanidade fragilizada²¹⁸. Creio que o adjetivo bom foi acrescentado ao título para representar Jesus, utilizando uma comparação e repetição com outros títulos como «Bom pastor», equivalente agora a «Bom samaritano». Através da parábola Jesus pretende realçar a importância de viver como discípulo, em linha com o Evangelho, percebendo que «o amor para com Deus não pode ser separado do amor ao próximo»²¹⁹. É no dar-se ao outro, pela sua compaixão pelo ser humano, que se dá sentido à vida e se alcança a salvação. Todos somos chamados a ser samaritanos.

Diz o Cardeal Kasper que «Jesus vai um passo mais além na parábola do filho pródigo do Evangelho de São Lucas»²²⁰. De nomeação plural, esta já foi apelidada de parábola do filho pródigo, dos dois filhos, do pai bom, ou ainda do pai misericordioso²²¹ e referenciada como «a parábola da misericórdia por excelência»²²². No entanto é curioso verificar que «não aparece no seu texto original nem uma só vez a palavra misericórdia. Todavia é nela que a “essência da misericórdia divina aparece de modo particularmente límpido”»²²³. Nesta parábola encontramos «uma figura central que se destaca pela magnanimidade dos seus gestos

²¹⁵ Cf. R. D. B. de MENESES, «O Bom Samaritano», 20.

²¹⁶ Cf. *Ibidem*.

²¹⁷ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 38.

²¹⁸ Cf. R. D. B. de MENESES, «O Bom Samaritano», 19.

²¹⁹ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 41.

²²⁰ W. KASPER, *A Misericórdia*, 89.

²²¹ Ver Lc 15,11-32.

²²² A. VAZ, «Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai», *Bíblica: série científica* 15 (2006) 114.

²²³ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 5, cit in A. VAZ, «Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai», 114.

e sentimentos»²²⁴, o pai, e também os seus dois filhos, um mais velho e outro mais novo. O filho mais novo pede ao pai a herança e este dá-lha, então parte para longe da família para viver uma nova vida e «por lá esbanjou tudo quanto possuía, numa vida desregrada» (Lc 15,13) e de libertinagem. «Quanto mais se afasta do pai, mais chega a uma degradação sem fim»²²⁵. Tendo depois chegado a uma situação extrema, em desespero decide fazer o caminho de retorno a casa. Foram a fome e a miséria que o levaram à reflexão e ao arrependimento e o repuseram no caminho direito, converteu-se deixando para trás o passado e volta-se agora para o futuro. «A autêntica declaração feita diante do pai é uma das mais sentidas formulações bíblicas da confissão dos pecados e uma das orações mais sinceras que brotou da alma esgaçada de um arrependido»²²⁶: «Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros.» (Lc 15,18b) Diz João Paulo II que «no âmago da consciência do filho pródigo, se manifesta o sentido da dignidade perdida, daquela dignidade que brota da relação do filho com o pai»²²⁷. «A abertura da sua alma tem o valor incontestável de abertura à misericórdia do pai»²²⁸.

O outro filho, o mais velho permanece sempre junto do pai, cumprindo fielmente as suas ordens, pensa e atua em relação a este segundo a lógica contratual, não entendendo a lógica gratuita do amor do pai e o dom da festa. Nem por uma vez profere a palavra pai, talvez por não saber o que significava ser filho, «não percebia que a maior recompensa era estar permanentemente na casa do pai e em comunhão com ele; não percebia que o maior prémio que o filho pode ter é o inefável gozo de sê-lo»²²⁹. Diz a parábola que este ficou encolerizado quando soube da festa que anunciava a misericórdia e perdão que o pai concedera ao irmão. Recusando-se a entrar em casa, refere-se ao irmão de uma forma depreciativa que nega a

²²⁴ A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», 112.

²²⁵ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 66.

²²⁶ *Ibidem*, 118.

²²⁷ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 5.

²²⁸ A. VAZ, «Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai», 118.

²²⁹ *Ibidem*, 119.

relação existente entre ambos, paternidade e fraternidade, não o tratando como irmão: «esse teu filho» (Lc 15,30), ao que o pai prontamente corrige para a expressão: «este teu irmão» (Lc 15,32) exortando-o a refletir nas suas afinidades. Jesus conta esta parábola aos cobradores de impostos e pecadores que se aproximaram dele e também aos fariseus e doutores da Lei, conforme podemos ler em Lc 15,1-2. Nela o filho mais novo representa os publicanos e cobradores de impostos, contados entre os pecadores públicos para os fariseus. A condição do filho mais novo é também a de todos os que procuram desfrutar da vida no imediato, usando sem limites o que estiver ao seu alcance:

«É protótipo dos marginais, dos incrédulos, dos proscritos da sociedade, daqueles que não se permitem o luxo de amar, mas que, quando se emendam, têm grande capacidade de fazer festa e de se mostrar gratos pelo dom recebido, conscientes de que todos os prazeres juntos, que tanto vazio deixaram, não têm sentido em comparação com a alegria que sentem na casa do pai.»²³⁰

Os fariseus, por sua vez, são personificados no filho mais velho, que é convidado a tomar parte na alegria pelo reencontro do filho perdido. Tal como o filho mais velho eles julgavam-se orgulhosamente justos, cumpridores da Lei e herdeiros do Pai. Vivem a cegueira pelo «cumprimento meticuloso dos seus deveres, que lhes dava orgulho e sentido de perfeição própria»²³¹ e recusam-se a entrar na casa do Pai e «fazer festa pela vida recuperada e redescoberta na pessoa do irmão»²³².

A figura do pai é o alicerce da parábola. Uma figura caracterizada pela sua misericórdia, que atua inesperadamente, contrariando as expectativas dos dois filhos e principalmente dos ouvintes de Jesus, que se regiam por critérios de justiça equitativa e retribuição. Por duas vezes o pai sai de casa e toma a iniciativa de ir ao encontro dos filhos. Numa primeira vez, quando ao longe vê o filho mais novo a chegar, «o que significa que esperava por ele desde

²³⁰ *Ibidem.*

²³¹ *Ibidem.*

²³² Cf. J. RIUS-CAMPS, «El Éxodo del hombre libre», in *Catequesis sobre el evangelio de Lucas: En torno al Nuevo Testamento 11*, El Almendro, Córdoba, 1991, 255-256, cit in A. VAZ, «Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai», 119.

que se foi embora»²³³: «Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos.» (Lc 15,20b) «Para ele, o filho [...] manchou a sua dignidade de filho, mas não a perdeu»²³⁴. A manifestação pública do pai restitui ao filho perdido a sua dignidade filial e regenera-o através da misericórdia. A misericórdia não humilha, por isso o pai não espera que o filho chegue até si e saia de casa, corre, vai ao seu encontro e quando está diante dele, abraça-o e beija-o em sinal de perdão. O texto de Lucas utiliza para o ato de misericórdia do pai, exatamente a mesma expressão de raiz grega e a mesma forma verbal que utilizou para o bom samaritano, que tomado de compaixão ao ver o homem ferido na estrada comoveram-se-lhe as entranhas: *splanchnízomai*.²³⁵ O ato de misericórdia do pai pretende trazer de novo o filho que estava morto à vida, «como introduzi-lo outra vez nas próprias entranhas e gerar de novo esse filho desfeito. O pai é como que tocado no seio maternal, que gera a vida. O amor de pai é total e implica todas as dimensões: amor paterno, materno e de amigo»²³⁶.

O filho ainda inicia a sua confissão dos pecados diante do pai, contudo não foi a sua confissão que o salvou, mas antes o amor misericordioso do pai, um amor «entranhado [...] expresso no seu abraço, nos beijos efusivos e no acolhimento afetuoso, antes ainda da confissão do filho»²³⁷. Confissão que é interrompida pelo pai antes de chegar ao final. Contrariando as expectativas do filho, o pai vai contra o que seria espetável, não censura a sua atitude, nem o questiona sobre a sua conduta, não menciona a sua absolvição. Ao invés, recebe-o de coração aberto, «acolhe sem condições»²³⁸. A volta do filho mais novo provoca uma alegria fervorosa no pai que quer fazer a festa de imediato. Ele exorta os seus servos para que sem demora vistam o seu filho com as melhores vestes e lhe coloquem um anel no dedo,

²³³ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 63.

²³⁴ W. KASPER, *A Misericórdia*, 90.

²³⁵ Cf. A. VAZ, «Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai», nota 19, 120.

²³⁶ A. VAZ, «Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai», 120.

²³⁷ *Ibidem*, 118.

²³⁸ *Ibidem*, 120.

desta forma restitui-lhe «os seus direitos filiais e reconhece-lhe outra vez a dignidade de filho»²³⁹, utiliza mesmo a expressão «depressa» realçando que essa tarefa deve ser feita no imediato, para que o filho tenha a sua dignidade restituída rapidamente de forma pública. O fazer a festa «apagou da memória o desgraçado passado»²⁴⁰, o seu «pecado contra o Céu», ou seja, contra Deus e faz com que a alegria sentida pelo pai seja conhecida e partilhada com todos.

A misericórdia não é apenas um desculpar, o seu apanágio é o perdão do pai que anula o pecado e faz renascer o filho, não «consiste em esquecer a ofensa: é antes recordá-la de modo diferente, banhada na misericórdia de Deus e na morte e ressurreição de Jesus»²⁴¹.

Mas o pai não ama apenas o filho pródigo, ama incondicionalmente os dois filhos, e é por causa do filho mais velho, aquele que ficou em casa a seu lado e que deixou que o seu coração se endurecesse que ele volta a sair de casa. «Dramática é a recusa do mais velho, que decide nem sequer entrar em casa»²⁴². O pai sai novamente de casa, não o deixa na solidão e vai ao seu encontro para lhe pedir que participe na alegria do reencontro e da festa. Contudo, a raiva que dele se apodera leva-o a «deformar a verdade que conhece desde o início»²⁴³, numa lógica calculista acusa o pai de ser avarento por nunca lhe ter dado um cabrito para festejar. Há no seu discurso uma rejeição às ações do pai, mas este não acusa o filho do seu pecado, inversamente mostra-se compreensivo, estimula-o a reconhecer as suas relações e dirige-lhe um «termo mais afetuoso *téknon*, “querido filho”, diferente do usado no resto da narração, *hyiós*, simplesmente “filho”»²⁴⁴.

²³⁹ W. KASPER, *A Misericórdia*, 90.

²⁴⁰ A. VAZ, «Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai», 121.

²⁴¹ Cf. A. CENCINI, *Vivir en paz: Perdonados y reconciliados*, Mensajero, Bilbao, 1997, cit in A. VAZ, «Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai», nota 22, 121.

²⁴² CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 64.

²⁴³ *Ibidem*, 65.

²⁴⁴ A. VAZ, «Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai», 119.

«O essencial da parábola é o festival da misericórdia, promovido pelo pai, pródigo de amor»²⁴⁵. Nem o abandono do mais novo, que abusou da sua liberdade, nem a mesquinhez do mais velho, que não soube ser livre, conseguiram demover o pai da sua misericórdia para com ambos os filhos²⁴⁶, onde a história de cada um «termina de forma idêntica, com um apelo efusivo do pai à necessidade de fazer festa»²⁴⁷. Falta apenas dizer o óbvio, que «a figura daquele pai é a epítome de um Deus, acima de tudo o mais, misericordioso»²⁴⁸, que Jesus apresenta, de forma íntima, como um pai cuja maior alegria é perdoar, sem impor condições. Um pai que sai ao encontro de todos os seus filhos para os acolher e converter e toma atitudes que surpreendem e excedem as expectativas humanas e as suas regras. «A parábola revela o rosto mais humano de Deus e representa-O em excesso e não por defeito»²⁴⁹. Jesus quer dizer-nos que «este filho [...] em certo sentido é o homem de todos os tempos»²⁵⁰, esta também é a nossa história, às vezes assemelhamo-nos mais ao filho mais velho, outras vezes ao filho mais novo, o importante é reconhecermos o nosso pecado e sermos capazes de nos converter, na certeza que Deus pai de misericórdia, sente compaixão por nós, «sai ao nosso encontro e nos toma nos seus braços»²⁵¹.

As outras duas parábolas da misericórdia, que se encontram no Evangelho Segundo São Lucas, a da ovelha perdida e a dracma perdida também colocam «em evidência a mesma alegria, que transparece no caso do filho pródigo»²⁵². Ambas as parábolas põem em relevo primeiramente a saída, a procura, seja pela ovelha que se havia perdido, deixando para traz as outras noventa e nove; ou da moeda também perdida, colocando todo o empenho nesta busca. Numa segunda parte e depois de alcançado o objetivo, o encontro termina com uma festa, seja pelo reencontro da ovelha que se havia perdido, seja pelo encontrar da moeda. O retorno a

²⁴⁵ *Ibidem*, 120.

²⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 121.

²⁴⁷ *Ibidem*, 120.

²⁴⁸ A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», 112.

²⁴⁹ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 61.

²⁵⁰ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 5.

²⁵¹ W. KASPER, *A Misericórdia*, 91.

²⁵² JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 6.

casa para fazer a festa, convocando os amigos e vizinhos, para partilharem também desta alegria «liga a parábola à vida: encontrar a ovelha perdida é a felicidade do pastor e de Deus, que se alegram por mais um pecador convertido do que pelos noventa e nove justos»²⁵³. Da mesma maneira e «apesar do relativo valor de uma moeda de prata, a dona de casa empenha-se totalmente em encontrá-la»²⁵⁴, são a sua dedicação e alegria que tornam esta moeda tão valiosa, um valor que supera o valor nominal. «A dona de casa procura a moeda de prata por causa do valor que tem para ela e não pelo confronto com as outras moedas. Mesmo que fosse apenas um pecador valeria a pena procurá-lo, encontra-lo e alegrar-se»²⁵⁵.

A conversão tem origem divina, «é fruto não do sujeito que se converte mas do agir divino que procura quem anda perdido»²⁵⁶, ação de graças dada por Deus que indica a salvação e deve ser festejada com todos.

Também a parábola do rico e de Lázaro demonstra que o pobre Lázaro, que apenas «vestia a sua pele chagada, tem um nome; é até o único nome lembrado em todas as parábolas de Jesus: chama-se Lázaro, que significa “Deus ajudou”»²⁵⁷. Nesta parábola apresentada em dois atos, o da história terrena e o da morada dos mortos, «o rico, vestido de rei, está destinado ao anonimato; o pobre, que tem um nome, é lembrado para a eternidade»²⁵⁸. Nela, o pedido do rico não é atendido. Este contraste com as demais parábolas reside no facto de, no tempo da história terrena, o rico nunca ter sentido compaixão, tendo espelhado no seu agir o oposto da misericórdia. «O pobre que o rico não vê no tempo é reconhecido na eternidade, onde qualquer compaixão é completamente inútil»²⁵⁹. A misericórdia divina não é um direito adquirido, implica compromisso com a Palavra de Deus e dever para com o próximo e revela-se «implacável contra quem ignorou as assim chamadas “obras de misericórdia corporais e

²⁵³ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 50.

²⁵⁴ *Ibidem*, 52.

²⁵⁵ *Ibidem*, 53.

²⁵⁶ *Ibidem*, 50.

²⁵⁷ *Ibidem*, 80.

²⁵⁸ *Ibidem*.

²⁵⁹ *Ibidem*, 87.

espirituais”»²⁶⁰. Jesus identifica-se com o pobre Lázaro, Ele não condena a abundância de bens, mas antes a ausência da sua partilha com quem precisa, ou por outras palavras, a ausência de misericórdia.

Na parábola dos trabalhadores da vinha narrada no Evangelho segundo Mateus²⁶¹, ou na dos dois devedores narrada no Evangelho segundo Lucas²⁶², Jesus pretende chamar a atenção para a diferença que existe entre os critérios humanos e os critérios de Deus. Procurando desobstruir os corações dos que o escutam, o Senhor quer levá-los a entender a «lógica do amor do Pai, que é gratuito e generoso»²⁶³. As parábolas mostram-nos que a bondade de Deus ultrapassa os critérios humanos da retribuição e que o prémio divino, não coincide com o salário devido por justiça humana no caso da parábola dos trabalhadores da vinha. Da mesma, forma na parábola dos dois devedores, percebe-se que a graça recebida por ambos se traduz num amor proporcional ao pecado de cada um, uma lógica inversa à humana: «Não tendo eles com que pagar, perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?» (Lc 7,42) Jesus exprime que «somente a graça pode colmatar a dívida que todos têm com Deus»²⁶⁴, e em casa do fariseu Simão concede essa graça à pecadora, que encarna o maior devedor da parábola, aquele a quem foram perdoados os seus muitos pecados. O Papa salienta que Deus é misericordioso: «Ele é misericordioso – não nos esqueçamos disto: Ele é misericordioso – perdoa amplamente, está cheio de generosidade e de bondade, que derrama sobre cada um de nós»²⁶⁵. Jesus mostra-nos que o Pai, mais do que olhar com os olhos da razão, olha cada um com os olhos do coração, por isso a justiça humana nunca será igual à justiça divina.

Através das parábolas, Jesus «revela a natureza de Deus como a de um Pai que nunca se dá por vencido enquanto não tiver absolvido o pecado e superado a recusa com a compaixão e

²⁶⁰ *Ibidem*, 85.

²⁶¹ Ver Mt 20,1-16.

²⁶² Ver Lc 7,41-43.

²⁶³ FRANCISCO, *Angelus*, Cidade do Vaticano, 24.9.2017, *in*

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papa-francesco_angelus_20170924.html (consultado a 1.2.2019).

²⁶⁴ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 25.

²⁶⁵ FRANCISCO, *Angelus*, 24.9.2017.

a misericórdia»²⁶⁶, simultaneamente revela-nos o seu modo de agir, com bondade, perdão, compaixão e sobretudo com misericórdia. A alegria do pastor que encontra a ovelha perdida, da mulher que encontra a moeda ou do Pai que reencontra o filho, são o símbolo da alegria de Jesus e de Deus quando nos deixamos tocar pelo seu perdão e juntos fazemos a festa. «As personagens das parábolas são anónimas [...] qualquer ouvinte se sente envolvido nas parábolas de Jesus e nelas se reflete com uma verdade desarmante forçando-o a repensar-se nas relações que tece quotidianamente»²⁶⁷, elas atribuem significado à vida de cada um e questionam-na de tal forma que abalam quem as ouve. «Não dão a salvação [...] mas indicam de modo incomparável os caminhos da salvação»²⁶⁸.

A misericórdia de Deus «não se decreta sozinha, nem somente através de uma relação entre mim e Deus»²⁶⁹, conjuga-se sempre com a que favorece o próximo, são os pobres do mundo o caminho para a salvação, a capacidade de ver e de sentir compaixão pelo outro. Essa é a via para que nasça no coração a conversão, a escuta da Palavra de Deus, para que se abra à fé, se transforme em Palavra viva e em obras, o garantir que somos dignos de alcançar a herança do Reino. «“Sede misericordiosos como (e porque) também o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36) é a trave mestra da misericórdia nas parábolas»²⁷⁰.

3.3. *A presença da Misericórdia nas Bem-Aventuranças*

A forma como a misericórdia se diz e manifesta em Jesus mostra-nos que ela não foi apenas anunciada por Ele, ela foi sobretudo vivida e encarnada. O Papa recomenda-nos que «escutemos a palavra de Jesus que colocou a misericórdia como um ideal de vida e como

²⁶⁶ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 9.

²⁶⁷ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 13-14.

²⁶⁸ *Ibidem*, 123.

²⁶⁹ *Ibidem*, 15.

²⁷⁰ *Ibidem*.

critério de credibilidade para a nossa fé»²⁷¹. Fosse quando se dirigia aos discípulos que o aclamavam como rabi ou quando falava para as multidões, Jesus colocou a misericórdia como nota central do seu discurso.

Diz-nos Jesus: «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordiosos.» (Lc 6,36) Em seguida deixa as pistas sobre como o podemos fazer: «Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e ser-vos-á dado: uma boa medida, cheia, recalçada, transbordante será lançada no vosso regaço. A medida que usardes com os outros será usada convosco.» (Lc 6,37.38) Não julgar, não condenar, perdoar, dar e dar-se, são as atitudes a adotar, todas difíceis de concretizar, mas todas possíveis com Jesus. Não há segredos, nem impossíveis, basta olhar para a forma como Jesus vive a vida e viver do mesmo modo. Não é fácil, mas é possível.

O sermão da montanha de onde se extraem as bem-aventuranças denota bem esse carisma. «Contra toda a lógica meramente humana, os pobres, os aflitos, os não-violentos, os misericordiosos, os pacíficos e os perseguidos são chamados bem-aventurados»²⁷². Jesus proclama-os: bem-aventurados!

As primeiras sete bem-aventuranças do discurso de Mateus referem-se à pobreza²⁷³, tendo as duas restantes como tema central a perseguição²⁷⁴. Em Lucas as bem-aventuranças resumem-se a quatro²⁷⁵. Estas promessas feitas àqueles que acolhem a sua mensagem exprimem a alegria de se traduzirem já no presente num sinal do Reino, mas que terão a sua realização plena com a esperança de libertação, quando se alcançar a plenitude do Reino de Deus.

No sermão da montanha destacam-se diversos tipos de pobreza que merecem uma atenção particular, não só a pobreza de bens materiais mas também a pobreza de espírito. A

²⁷¹ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 9.

²⁷² W. KASPER, *A Misericórdia*, 82.

²⁷³ Cf. Mt 5,3-9.

²⁷⁴ Cf. Mt 5, 10-12.

²⁷⁵ Cf. Lc 6,20-23.

primeira bem-aventurança do sermão da montanha: «Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.» (Lc 6,20; cf. Mt 5,3) reporta-se aos pobres que passam por situações de carência económica e social, mas simultaneamente a situações de pobreza moral e espiritual, «os que têm o coração dilacerado, os desanimados e desesperados, aqueles que se apresentam diante de Deus como mendigos»²⁷⁶. O Mestre exprime sob a forma de bênção a bem-aventurança «Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.» (Mt 5,7)²⁷⁷ «A única [bem-aventurança] em que a forma da vida cristã (“felizes os misericordiosos”) se identifica com o seu fruto (“alcançarão misericórdia”), reforça a centralidade do tema na pregação e no estilo de vida de Jesus»²⁷⁸. São palavras que constituem «uma síntese de toda a Boa-Nova, [...] mostrando desde o ponto de partida as possibilidades do “coração humano” (“ser misericordioso”）」²⁷⁹.

As bem-aventuranças são um código da santidade, como um mapa do caminho da perfeição. Jesus pede que vivamos assim: pobres, castos, humildes, construtores da paz, sofrendo a fome e sede de justiça, sofrendo por Jesus e pelo seu Reino.

«Se todas as bem-aventuranças do sermão da montanha indicam o caminho da conversão e da mudança de vida, a que se refere aos misericordiosos é particularmente eloquente a tal respeito. O homem alcança o amor misericordioso de Deus e a sua misericórdia, na medida em que ele próprio se transforma interiormente, segundo o espírito de amor para com o próximo»²⁸⁰.

²⁷⁶ H. SCHÜRMAN, «Das Lukasevangelium» (HThKNT III/1), Friburgo, 1969, 231, (v. nota 159); U. LUZ, «Das Evangelium nach Matthäus» (EKK I/1), Zurique, 1985, 204-207, (v. nota 167), cit in W. KASPER, *A Misericórdia*, 86.

²⁷⁷ Ausente no Evangelho Segundo São Lucas.

²⁷⁸ A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», 113.

²⁷⁹ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 8.

²⁸⁰ *Ibidem*, 14.

3.4. *Vivência prática da Misericórdia*

Os ensinamentos de Jesus invertem a lógica do mundo, onde o poder, o ter e o fazer estão em destaque. Com Jesus dá-se a subversão das normas, Ele convida todos a seguirem a sua lógica, a lógica do amor, pobreza e humildade, aguarda que cada coração se entregue a Deus e aos irmãos por amor e misericórdia, compadecido das misérias do mundo. Jesus pede que reconheçamos no rosto de cada necessitado o seu próprio rosto que nos diz: «Eis-me aqui».

3.4.1. Os mandamentos de Jesus

Perante esta nova lógica não é de estranhar a resposta que Jesus deu quando lhe perguntaram qual era o maior dos mandamentos da Lei. Jesus responde com o mandamento do amor: «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.» (Mt 22,37-39)²⁸¹ A esse respeito faz o Cardeal Kasper destaque num dos seus subtítulos: «O amor: o principal mandamento cristão»²⁸². Os mandamentos eram inicialmente dez, mas depois multiplicavam-se numa exuberância infundável de preceitos. Citando as Escrituras a resposta que Jesus dá apresenta dois mandamentos já conhecidos do Antigo Testamento²⁸³ que aparecem em passagens distintas, mas que aqui são apresentados como o complemento um do outro. Jesus atribui igual importância aos dois mandamentos, para Ele, «eles formam, no seu todo, uma unidade indissolúvel»²⁸⁴. O amor a Deus e o amor ao próximo não são alternativos um do outro, só em

²⁸¹ Também referido em Mc 12, 28-34; Lc 10,25-28.

²⁸² W. KASPER, *A Misericórdia*, 164.

²⁸³ Lv 19,18; Dt 6,5.

²⁸⁴ W. KASPER, *A Misericórdia*, 166.

conjunto, os dois, constituem «a quinta-essência, a sùmula, a encarnação da existência cristã»²⁸⁵ e encerram toda a lei. João Paulo II salientou:

«Cristo, ao revelar o amor-misericórdia de Deus, exigia ao mesmo tempo dos homens que se deixassem guiar na própria vida pelo amor e pela misericórdia. Esta exigência faz parte da própria essência da mensagem messiânica e constitui a medula do “*ethos*” evangélico. O Mestre exprime isto mesmo, [...] por meio do mandamento por Ele definido como “o primeiro e o maior”»²⁸⁶.

A resposta que Jesus dá vai diretamente ao essencial, responde com o mandamento do amor, aquele que nos capacita para pôr em prática todos os outros. Agindo assim, encontramos a harmonia, e vemos como todos os mandamentos estão contidos neste único mandamento do amor, com duas vertentes: amar a Deus e ao próximo. O Papa Francisco afirmou que «a missão, que Jesus recebeu do Pai, foi a de revelar o mistério do amor divino na sua plenitude. “Deus é amor” (1Jo 4,8.16): afirma-o, pela primeira e única vez em toda a Escritura, o evangelista João. Agora este amor tornou-se visível e palpável em toda a vida de Jesus»²⁸⁷. Esta fundamentação para o amor a Deus aplica-se também no amor ao próximo que se estende a todos os homens.

«A Deus nunca ninguém o viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor chegou à perfeição em nós. Se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.» (1Jo 4,12.20)

Percebe-se por estas palavras a importância do amor ao próximo para poder alcançar o conhecimento de Deus, um amor que seja incondicional, sem o qual não pode haver vida cristã. «Não é o amor a Deus que gera o amor ao próximo, mas o amor ao próximo é o

²⁸⁵ *Ibidem*.

²⁸⁶ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 3.

²⁸⁷ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 8.

espelho do amor a Deus»²⁸⁸. Um amor que ultrapasse as fronteiras físicas de assistência ao próximo, como a distribuição de bens pelos pobres e chegue até ao íntimo do ser, para alcançar a perfeição: «Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada me vale.» (1Cor 13,3) Para amar a Deus temos sempre de amar os outros de quem nos devemos fazer próximos. Como realça o Papa Francisco «não esqueçamos as palavras de São João da Cruz: “Ao entardecer desta vida, examinar-nos-ão no amor”»²⁸⁹.

Mas o amor de Jesus vai ainda mais longe e «o ponto culminante como exigência da misericórdia e do amor é, para Jesus, o mandamento do amor aos inimigos»²⁹⁰. Jesus numa revelação progressiva pede mais: «Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.» (Mt 5,44) Diz-nos o Cardeal Kasper que não há dúvida que esta «é talvez, de um ponto de vista humano, a exigência mais difícil de Jesus e, contudo, trata-se ao mesmo tempo de um dos principais mandamentos cristãos, enraizado na essência mais íntima do mistério cristão»²⁹¹. Talvez por isso seja testemunho de tantos fracassos individuais e coletivos na sua realização, o ato de conseguir concretizar na prática efetiva o amor aos inimigos, a ponto de ter sido posta em causa a sua exequibilidade, questionando se este seria um mandamento realista ou apenas uma utopia, demasiado exigente para o ser humano.

Jesus, de coração generoso e magnânimo, ensina-nos as dimensões da verdadeira caridade para as colocarmos em prática na nossa vida. Trata-se de viver a generosidade sempre com todos, multiplicando atos de serviço e de dons. São estes os registos que devem pautar as nossas vidas, numa abertura ao próximo, plena de misericórdia e amor.

«Não oponhais resistência ao mau. Mas, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém quiser litigar contigo para te tirar a túnica, dá-lhe também a capa. E

²⁸⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 42.

²⁸⁹ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 15.

²⁹⁰ W. KASPER, *A Misericórdia*, 170.

²⁹¹ *Ibidem*, 171.

se alguém te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, caminha com ele duas. Dá a quem te pede e não voltas as costas a quem te pedir emprestado.» (Mt 5,38-42)

Para tal torna-se necessário tomar a iniciativa de fazer o bem sem esperar ser retribuído, por isso Jesus diz: «O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também. Vós, porém, amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem nada esperar em troca.» (Lc 6,31.35a) Jesus propõe que adotemos uma atitude de perdão humilde na nossa vida assim como Ele o fez. Ele não despreza ninguém, caminha sempre a nosso lado e sofre connosco. Este apelo é tão intenso que se aplica mesmo quando somos agredidos ou magoados. Um perdão que Ele viveu sempre e intensamente, mesmo do alto da cruz, quando pediu misericórdia ao Pai para os que O estavam matando dizendo: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.» (Lc 23,34) É visível que o amor de Deus por nós vai até à morte na cruz, «a Cruz de Cristo é o juízo de Deus sobre todos nós e sobre o mundo, porque nos oferece a certeza do amor e da vida nova»²⁹². A cruz é a verdade última do amor e da misericórdia do Pai, a palavra definitiva sobre a misericórdia.

«A dimensão divina da Redenção não se verifica somente em ter feito justiça do pecado, mas também do facto de ter restituído ao amor a força criativa, graças à qual o homem tem novamente acesso à plenitude de vida e de santidade, que provém de Deus. Deste modo, Redenção traz em si a revelação da misericórdia na sua plenitude. O mistério pascal é o ponto culminante da revelação e atuação da misericórdia»²⁹³.

A palavra de Jesus é reveladora da sua identidade, da sua misericórdia. Pode levar-nos a pensar que a sua exigência «ultrapassa a força humana normal e requer uma grandeza de alma e um domínio de si, tanto humanos como cristãos, capazes de romper a circulação do mal e o círculo vicioso da violência e da contraviolência»²⁹⁴. A realidade mostra que é preciso não

²⁹² FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 21.

²⁹³ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 7.

²⁹⁴ W. KASPER, *A Misericórdia*, 170.

desistir, é necessário continuar a tentar, ter fé e acreditar que com a ajuda de Deus nada é impossível: «Fixando neles o olhar, Jesus disse-lhes: “Aos homens é impossível, mas a Deus tudo é possível.”» (Mt 19,26)

«Não se trata de esquecer sem mais a injustiça cometida [...] é necessário enfrentar e reconhecer com franqueza a injustiça que alguém cometeu [...] chegar a uma memória de reconciliação [...] que afasta as feridas do passado [...] e tornar possível um novo futuro»²⁹⁵. «Depois das terríveis experiências de abominação do século XX, o problema do perdão e do amor aos inimigos ganhou uma nova atualidade [...]. Ficou demonstrado que a misericórdia, o perdão e a absolvição, embora sejam atos quase sobre-humanos, também constituem atos sumamente racionais»²⁹⁶.

Jesus ensina-nos como devemos fazer para alcançar o que parece impossível. A prática orante de Jesus terá suscitado nos discípulos o desejo de rezarem como ele. A oração do Pai Nosso²⁹⁷ que Jesus lhes ensina surge como uma resposta ao pedido dos discípulos, após o terem visto a orar e «parece refletir a própria oração de Jesus»²⁹⁸. Um modelo de oração onde despontam elementos de misericórdia. A versão da oração que se encontra em dois dos Evangelistas é semelhante, em Mateus a oração é constituída por sete petições, enquanto Lucas apresenta uma versão mais breve com menos duas petições.

É original a forma como nela o Pai é invocado, demonstrando uma confiança filial com Deus: «Pai Nosso», que simultaneamente, pela formulação no plural, reflete um duplo caráter, pessoal e comunitário. Pessoal porque «expressa o cerne mais profundo da nossa compreensão de Deus e da nossa relação com Ele. Diz-nos que estamos numa relação pessoal com um Tu divino que nos conhece e escuta, nos ampara e ama»²⁹⁹. Comunitário porque revela que Deus é Pai de todos, «Ele é o nosso Pai e o Pai de todos os seres humanos; todos

²⁹⁵ *Ibidem*, 174.

²⁹⁶ *Ibidem*, 173-174.

²⁹⁷ Cf. Mt 6,9-13; Lc 11,2-4.

²⁹⁸ A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», 117.

²⁹⁹ W. KASPER, *A Misericórdia*, 87.

somos seus filhos e filhas»³⁰⁰. Jesus ensina que a oração está ao alcance de qualquer um, basta querer e estar disponível para se encontrar com o Senhor. No contexto de Mateus esta oração evidencia «ainda mais dois aspetos conexos com o tema da misericórdia: em primeiro lugar, Deus como Pai (nomeado 6 vezes); e, em segundo, o perdão»³⁰¹.

Toda a oração do Pai Nosso espelha uma coerência intrínseca com a vida e o ensinamento de Jesus. Ensina-nos que devemos perdoar quem nos tem ofendido, para nos apresentarmos diante do Senhor com as mãos limpas e o coração puro. Ao pedir o perdão fraterno para as nossas ofensas, exprimimos o reconhecimento da condição de pecadores, sempre necessitados do perdão e misericórdia de Deus: «Perdoa as nossas ofensas, como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.» (Mt 6,12) Ele ensina-nos a perdoar a quem nos tem ofendido e acrescenta que «se perdoares aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai celeste vos perdoará a vós.» (Mt 6,14) E quando questionado sobre o número de vezes que deveríamos perdoar: «Jesus respondeu: “Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.”» (Mt 18,22) Significa que devemos perdoar sempre como Ele o fez. A fé é a única condição que Jesus pede para quem quer ser salvo aliada à misericórdia para com o outro.

Cristo apresenta-nos o seu Reino e espera que sejamos capazes de compreender e aceitar a misericórdia. Pede que sejamos santos como Ele o é, que abramos as portas e nos deixemos abraçar. Todos os dias Ele nos dará o que precisamos. Não existem fórmulas mágicas. É preciso perdoar sempre, mesmo que isso cause dor, Ele não nos deixará cair na tentação com que o mundo nos persegue e livrar-nos-á do mal, esse é o seu alimento diário: o Pão do Céu. Jesus desperta este interesse naqueles que escutam a sua oração, donde emergem expressões de misericórdia. O texto reflete todo o seu ser. Com as suas palavras Ele ensina a partilhar a oração do Pai Nosso com os outros, através da oração, mas também vivendo-a na carne como Ele o fez.

³⁰⁰ *Ibidem*, 88.

³⁰¹ A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», 118.

Muitos não foram capazes de entender Jesus, escandalizavam-se com a sua conduta, com as suas palavras, porque não só permitia que os pecadores se aproximassem dele, recebendo-os de braços abertos, como também, ia ele próprio ao seu encontro, sentando-se à mesma mesa. Abrindo-lhes o coração, tornou visível o seu rosto de misericórdia e acrescentou: «Quem me vê, vê o Pai.» (Jo 14,9b) Apresentou uma nova visão do Pai, um Deus que acolhe e perdoa incondicionalmente a todos e que tem um amor de predileção pelos mais necessitados.

3.4.2. As obras de Misericórdia em Mt 25, 31-46

O texto paradigmático do Evangelho Segundo São Mateus 25,31-46, aparece como uma continuação da parábola do rico e de Lázaro descrita em Lc 16,19-31³⁰². Este discurso de Jesus apresenta uma descrição profética do juízo universal. Numa primeira parte Jesus, descreve que «o Filho do Homem abençoa e acolhe todos os que, sem O conhecerem, deram de comer aos famintos, de beber aos sedentos, acolheram o estrangeiro, vestiram quem estava nu, visitaram quem estava doente e preso»³⁰³. Surgem depois as interrogações: «Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos? E quando te vimos doente ou na prisão, e fomos visitar-te?» (Mt 25,37-39) Jesus identifica todos os necessitados como seus irmãos e acrescenta para os que ficam à sua direita: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes.» (Mt 25,40)

³⁰² Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 85.

³⁰³ *Ibidem*.

«A segunda parte é implacável para quem ignorou as assim chamadas “obras de misericórdia corporais e espirituais”»³⁰⁴ e termina dizendo em oposição aos que ficam à sua direita «Sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer.» (Mt 25,45)

«Os atos louvados por Jesus correspondem às obras de piedade características do Antigo e do Novo Testamento, das quais não eram separáveis as virtudes da justiça e da caridade, em relação aos irmãos mais pequeninos»³⁰⁵.

As obras enumeradas fundamentam-se na tradição judaica presente no Antigo Testamento:

«O jejum que me agrada é este: libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que levam às costas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus e não desprezar o teu irmão.» (Is 58,6-8)

Podemos observar outros exemplos também em Is 61,1-2; Jb 22,6-9; Tb 1,17; 4,16; Sir 8,34-35; 42,8³⁰⁶.

À semelhança do Antigo Testamento, também no Novo Testamento se encontram incluídos catálogos de virtudes respeitantes à misericórdia: «Finalmente, tende todos o mesmo pensar e os mesmos sentimentos, o amor de irmãos, a misericórdia e a humildade.» (1Pe 3,8)

Paralelamente também se podem observar outros exemplos em Rm 12,8.15; Cl 3,12; Heb 13,3³⁰⁷.

As obras de misericórdia «são as ações caridosas pelas quais vamos em ajuda do nosso próximo, nas suas necessidades corporais e espirituais»³⁰⁸ e encontram-se descritas no

³⁰⁴ *Ibidem*.

³⁰⁵ BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, Lisboa/Fátima, 2008⁵, Mt 25,31 nota bíblica.

³⁰⁶ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Obras de Misericórdia Corporais e Espirituais*, Paulus, Lisboa, 2015, 32.

³⁰⁷ Cf. *Ibidem*, 33.

Catecismo da Igreja Católica. Como base da tradição cristã para a redação das obras de misericórdia, estiveram as obras enumeradas no texto de Mt 25,31-46. Tendo também sido utilizados outros textos bíblicos para especificar e detalhar o total das 14 obras de misericórdia.³⁰⁹

As sete obras de misericórdia corporais são: «dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos»³¹⁰.

«Cada uma das obras de misericórdia corporais é remédio para uma lacuna do próximo. Com efeito, no seu corpo, o ser humano pode experimentar a falta de recursos que são constantemente necessários, seja internos (1.^a [obra]: comida e 2.^a: bebida), seja externos (3.^a: roupa e 4.^a: casa), ou sofrer carências momentâneas internas (5.^a: doença) ou externas (6.^a: privação de liberdade ou 7.^a: a sepultura): a tudo isto respondem as sete obras de misericórdia tradicionais conhecidas como corporais»³¹¹.

As sete obras de misericórdia espirituais são: «aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos»³¹². Estas sete obras de misericórdia espirituais podem ser agrupadas em três grupos: vigilância (1.^a, 2.^a e 3.^a), reconciliação (4.^a, 5.^a e 6.^a) e oração (7.^a)³¹³.

³⁰⁸ Cf. *Is 58,6-7; Heb 13,3*, cit in *Catecismo da Igreja Católica*, 2447, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999².

³⁰⁹ Durante o Ano Jubilar, a 1 de setembro de 2016 «Dia Mundial de Oração pelo cuidado da criação» o Papa Francisco acrescentou uma nova obra de Misericórdia, às tradicionais obras de misericórdia, corporais e espirituais. A oitava obra de misericórdia «o cuidado da casa comum» vem complementar os dois elencos das obras de misericórdia, enuncia-se na vertente corporal e temporal de cuidar da casa comum e na vertente espiritual de contemplação do mundo. Na mensagem intitulada «Usemos de Misericórdia para com a nossa casa comum», o Papa deixando-se guiar pelos pontos fundamentais da Carta Encíclica *Laudato Si*, convida cada pessoa que habita o planeta a mudar o estilo de vida, orientando os comportamentos através de pequenos gestos e a contemplar com gratidão o mundo, casa comum, doada pela misericórdia de Deus. Conferir em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco_20160901_messaggio-giornata-cura-creato.html (consultado a 27.9.2019).

³¹⁰ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 15.

³¹¹ Cf. I. NOYE, «Misericorde (Oeuvres de)», *DSp X* (1980) 1328-1349, cit in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Obras de Misericórdia*, 49.

³¹² FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 15.

³¹³ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Obras de Misericórdia*, 74.

«Os seres humanos sofrem lacunas relativamente à sua dimensão espiritual, que correspondem às obras de misericórdia espirituais, seja implorando o auxílio de Deus (7.^a [obra]: oração), seja intervindo sobre o próximo instruindo-o ou aconselhando-o (2.^a: soluções para dificuldades através do ensinamento, em que a 1.^a é dar bom conselho), seja consolando (4.^a: contra o sofrimento e a tristeza), seja reagindo contra as desordens da sua ação (3.^a: corrigindo-o, 5.^a: perdoadando-o ou 6.^a: suportando-o)»³¹⁴.

Na descrição profética que Jesus faz sobre o juízo, «não são a riqueza nem a pobreza enquanto tais que garantem ou excluem o êxito positivo ou negativo do juízo final»³¹⁵. Em consonância com o discurso de Jesus, as obras de misericórdia corporais e espirituais não têm a ver com a transgressão de preceitos divinos explícitos³¹⁶. Jesus pede «para perdoar e oferecer gestos concretos de bondade, paciência e vizinhança a quem se encontrar em necessidade»³¹⁷. Em ambos os casos a condenação prende-se com «a omissão do bem»³¹⁸. O âmago da questão não está apenas na capacidade de agir com justiça, mas na capacidade de ir mais além, de sentir compaixão pelo outro, de conseguir alcançar a misericórdia. Jesus identificou-Se com os mais pequeninos de entre os seus irmãos³¹⁹, «identificou-Se com quem tem fome, sede, se encontra nu e é estrangeiro, doente ou está preso, com quem tem dúvidas ou está na aflição e necessita de ajuda e de consolação para não cair na angústia»³²⁰. As obras de misericórdia são testemunho concreto e visível do amor e da opção preferencial pelos pobres. O Papa Francisco reforçou esta ideia dizendo que, este amor preferencial pelos pobres não é opcional para a nossa Igreja, mas antes uma questão básica do Evangelho³²¹.

³¹⁴ Cf. I. NOYE, «Misericorde (Oeuvres de)», *DSp X* (1980) 1328-1349, cit in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Obras de Misericórdia*, 73.

³¹⁵ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 86.

³¹⁶ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia*, 175.

³¹⁷ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Obras de Misericórdia*, 6.

³¹⁸ W. KASPER, *A Misericórdia*, 176.

³¹⁹ Cf. Mt 25,40.45.

³²⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Obras de Misericórdia*, 6.

³²¹ Cf. FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 15.

A opção e amor preferencial que a Igreja possui para com os pobres encontra-se espelhada na enunciação das obras de misericórdia corporais e espirituais, que tentam ir ao encontro das várias formas de pobreza, nomeadamente procurando uma correspondência com quatro classes de pobreza. As quatro classes de pobreza são: física/económica; cultural; social/relacional e espiritual³²².

A pobreza física e económica refere-se à situação dos que não conseguem satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência, onde há uma carência de subsistência, faltam bens e serviços essenciais, necessários à vida quotidiana, como alimentação, água potável e saneamento, vestuário e calçado, falta-lhes alojamento, não podem pagar educação e não dispõem de acesso a cuidados de saúde.

A segunda classe da pobreza cultural abrange o analfabetismo, a ausência e escassez de oportunidades de formação, a carência de oportunidades de futuro e a exclusão da vida social e cultural.

A pobreza social e relacional é vista como dependente do contexto social, o problema de pertença a uma malha social, ou antes, de exclusão e não participação desse mesmo sistema, são os que vivem sem acesso a bens culturais, entretenimento, cuidados de saúde de qualidade, educação, em rotura urbanística, com desemprego persistente, precariedade social e laboral. São alvo de uma medida de desigualdade dentro do contexto social em que se inserem que conduz ao isolamento, marginalização e desterro.

A quarta classe da pobreza espiritual ou psicológica constitui um problema grave de desorientação, vazio interior, onde faltam perspetivas de futuro, sem sentido da própria existência, confusão moral e espiritual que leva ao abandono do ser humano de si mesmo.

A primeira classe de pobreza engloba as primeiras quatro obras de misericórdia corporais, a segunda classe, as primeiras três obras de misericórdia espirituais, a terceira classe de pobreza, as três últimas obras de misericórdia corporais e também a quinta e sexta

³²² Cf. W. KASPER, *A Misericórdia*, 176.

obras espirituais e finalmente a quarta classe inclui a quarta e a sétima obras de misericórdia espirituais³²³.

O Papa pede-nos que redescubramos as obras de misericórdia e que olhando para a pregação de Jesus sejamos capazes de perceber «se vivemos os não como seus discípulos»³²⁴. Este é o grande mandamento do amor, sermos capazes de descobrir Jesus no pobre, no que tem fome e sede, no que está nu, naquele que está preso ou doente. É necessário atender não só às obras de misericórdia corporais mas simultaneamente às obras de misericórdia espirituais.

Este é um chamamento para todos, «somos chamados a atender a toda a pessoa e à pessoa toda»³²⁵.

3.4.3. A Misericórdia como resposta ao sofrimento dos mais necessitados

«O amor e a solicitude de Deus têm como destinatários especiais os pobres e débeis»³²⁶. Conforme descrito no Evangelho segundo São Lucas, a missão de Jesus já anunciada pelos profetas, esclarece que o «Messias é enviado aos pobres e aos pequenos, a fim de lhes levar a Boa Nova»³²⁷: «O Espírito do Senhor Está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.» (Lc 4,18-19)

³²³ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Obras de Misericórdia*, 99-100.

³²⁴ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 15.

³²⁵ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Obras de Misericórdia*, 6.

³²⁶ W. KASPER, *A Misericórdia*, 74.

³²⁷ *Ibidem*, 75.

Este fragmento do livro do profeta Isaías que Jesus lê na sua primeira aparição pública na sinagoga de Nazaré vincula a obra de Jesus à sua pessoa: «Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir.» (Lc 4,21) «Os pobres não estão fora, nem numa parte secundária, mas no centro do Evangelho»³²⁸.

Jesus tem a missão de salvar o mundo segundo a vontade de Deus, da sua promessa escatológica, para a eternidade. Mas tem também a missão de Se preocupar com cada um dos que tem a seu lado, o seu próximo, interessa-Lhe o hoje. Jesus escolhe e chama com a sua palavra, com os seus gestos, com o seu olhar de misericórdia. Nesse chamamento não é critério ser bom ou perfeito, mas antes chama aqueles que precisam d'Ele para serem salvos, precisam da sua graça e misericórdia. Ele quer curar e salvar de uma situação de exclusão, seja ela social, religiosa ou de outra natureza, «pois , o filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.» (Lc 19,10) Os destinatários, resgatados a partir dessa experiência de encontro com Ele, são introduzidos na novidade do Reino de Deus, passando eles próprios a ser instrumentos, fazendo com que essa graça e misericórdia recebidas sejam agora transmitidas aos outros em Seu nome.³²⁹ Contemplemos o exemplo do chamamento de Mateus, «Jesus olhou Mateus com amor misericordioso e escolheu-o»³³⁰. «Era um olhar cheio de misericórdia que perdoava os pecados daquele homem»³³¹, um cobrador de impostos, um pecador, que não hesitou ao apelo feito por Jesus: «Segue-Me!»³³². Perante as críticas dos fariseus que não entendiam porque aquele Mestre se misturava com os pecadores, Jesus responde: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Ide aprender o que significa: Prefiro a misericórdia ao sacrifício. Porque Eu não vim chamar os

³²⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 90.

³²⁹ Ao longo da história foram muitos os que se deixaram interpelar por esse chamamento. A esse respeito leia-se o artigo de T. Messias sobre os santos mediadores da misericórdia do século XX, onde encontramos Santa Teresa de Calcutá e Santa Faustina Kowalska em T. MESSIAS, «Protagonistas da misericórdia de Deus», in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 166-194.

³³⁰ Cf. BEDA, *O VENERÁVEL*, Homilia 21: CCL 122, 149-151, cit in FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 8.

³³¹ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 8.

³³² Cf. Mt 9,9-13.

justos, mas os pecadores.» (Mt 9,12-13) «A misericórdia é [...] a razão de ser daquele seu chamamento. É a misericórdia que o explica e justifica»³³³.

São diversos os exemplos da Escritura em que Jesus manifesta a sua predileção pelos pobres: «Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos.» (Lc 14,13); apela à generosidade para os diversos tipos de pobreza e sofrimento afirmando que a nossa preferência deve recair sobre os mais pobres, os mais necessitados, os mais doentes, por outras palavras, os marginalizados. Jesus invoca e age em função dos pobres e dos que sofrem, explicita que só dessa forma poderemos participar da misericórdia divina e encontrar a felicidade genuína, com que Deus nos retribuirá.

Jesus «por amor à libertação dos oprimidos, vítimas de doenças físicas, psíquicas, de opressão económica, social ou religiosa – a multidão de existências “sacrificadas”, foi capaz de todos os sacrifícios»³³⁴. Ele é o sacrifício dos nossos pecados, «Ele é a vítima que expia os nossos pecados» (1Jo 2,2a), deu a própria vida para resgate de todos.

Na Eucaristia participamos do perdão dos pecados que nos foi concedido por Jesus e pelo Pai. Nela comungam na mesma mesa não apenas os que não precisam de cura mas também os pecadores³³⁵. «Os pecadores são destinatários da mensagem de Jesus de um modo especial: eles são espiritualmente pobres»³³⁶.

Jesus, missionário da Misericórdia apresenta-nos Deus como Pai que ama os seus filhos, o mais querido *Abba* para quem perdoar é uma festa, alguém que dá preferência aos mais pobres e fracos, aqueles cujas vidas são as mais infelizes moralmente e que são considerados os últimos. «Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo nele fala de misericórdia»³³⁷.

³³³ A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», 112.

³³⁴ B. DOMINGUES, «Prefiro a misericórdia ao sacrifício», *Bíblica: série científica* 15 (2006) 102.

³³⁵ Cf. *Ibidem*, 110.

³³⁶ W. KASPER, *A Misericórdia*, 87.

³³⁷ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 8.

Interpela-nos a que nos deixemos amar e apela à generosidade para com o próximo: «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso.» (Lc 6,36) Deste modo poderemos experimentar o amor eterno e gratuito de Deus por cada um e sermos capazes «de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são privilegiados da misericórdia divina»³³⁸.

Cada pessoa é um dom e em cada necessitado é preciso reconhecer o rosto de Cristo. «A solicitude pelos miseráveis e pelos pobres, pelos pequenos e pelos insignificantes de um ponto de vista humano é, deste modo, a quinta-essência da missão messiânica de Jesus»³³⁹. Não esqueçamos as palavras de João Paulo II: «a misericórdia apresenta-se como particularmente necessária nos nossos tempos»³⁴⁰.

4. Vivência da Misericórdia como mistério eclesial

A Igreja tem como missão o anúncio do amor misericordioso de Deus e do seu plano salvífico universal. O seu testemunho faz com que a leitura cristológica da misericórdia seja continuada no tempo e prolongada no espaço, projetando-se sobre a vida eclesial³⁴¹.

Jesus fala no templo que é o seu Corpo, um templo em que Deus habita³⁴². São Paulo reforça com a metáfora do Corpo de Cristo, do qual os cristãos se tornam membros: «Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro.» (1 Cor 6,15a; 12,27) A Igreja, Corpo de Cristo, tem em Cristo a sua cabeça: «Sim, Ele tudo submeteu a seus pés e deu-o, como cabeça que tudo domina, à

³³⁸ *Ibidem*, 15.

³³⁹ J. GNILKA, «Das Matthäusevangelium» (HThKNT I/1), Friburgo, 1986, 409s, (v. nota 158); U. LUZ, «Das Evangelium nach Matthäus» (EKK I/2), Zurique, 1990, 168-170, (v. nota 162), cit in W. KASPER, *A Misericórdia*, 85.

³⁴⁰ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 6.

³⁴¹ Cf. A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», 120.

³⁴² Cf. Jo 2, 13-22.

Igreja, que é o seu Corpo, a plenitude daquele que tudo preenche em todos.» (Ef 1,22-23) «É Ele a cabeça do Corpo que é a Igreja.» (Cl 1,18) «É esta singular vinculação a Jesus que define e dá identidade à comunidade dos seus discípulos e que permite descrevê-los como um corpo»³⁴³.

O corpo eclesial surge e integra-se pela misericórdia, «o mandamento da misericórdia está alicerçado no ser da Igreja como corpo de Cristo»³⁴⁴. «Alcançar misericórdia [...] capacita cada indivíduo para se tornar membro do corpo eclesial, [...] gera um corpo que antes não existia. Assim a comunidade eclesial é [...] uma comunidade da misericórdia. Ela nasce da misericórdia e por causa da misericórdia de Deus em Cristo»³⁴⁵. Como disse João Paulo II «a Igreja deve professar e proclamar a misericórdia divina em toda a sua verdade, tal como nos é transmitida pela Revelação»³⁴⁶. Acentuando esta mensagem é necessário que a Igreja vivencie a misericórdia como verdade salvífica de fé.

João Paulo II afirma que «a Igreja vive vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia, o mais admirável atributo do Criador e do Redentor, e quando aproxima os homens das fontes da misericórdia do Salvador, das quais ela é depositária e dispensadora»³⁴⁷. O Cardeal Kasper reforça esta ideia dizendo que «a primeira tarefa da Igreja consiste em anunciar a mensagem da misericórdia»³⁴⁸.

Em Cafarnaúm apresentaram a Jesus um parálítico que estava deitado num catre. Vendo a fé deles e para convencer os Doutores da Lei que o julgavam por perdoar os pecados, Jesus cura-o dizendo: «Filho, tem confiança, os teus pecados estão perdoados.» (Mt 9,2) Jesus realizou duas curas, a corporal da paralisia e a espiritual dos pecados. «Ao ver isto, a multidão ficou dominada pelo temor e glorificou a Deus, por ter dado tal poder aos homens.» (Mt 9,8) Jesus tinha o poder de curar, salvar e perdoar os pecados. Esse poder foi mais um dos legados

³⁴³ A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», 120.

³⁴⁴ W. KASPER, *A Misericórdia*, 191.

³⁴⁵ A. PALMA, «Jesus: rosto da misericórdia», 121.

³⁴⁶ JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*, 13.

³⁴⁷ *Ibidem*.

³⁴⁸ W. KASPER, *A Misericórdia*, 194.

que deixou à Igreja, juntamente com tudo o que foi anteriormente referido acerca do Antigo Testamento e Novo Testamento. Por isso se diz como aspeto nuclear que a Igreja é Sacramento de Salvação, no entanto, este ser Sacramento da Salvação, não se resume somente ao perdão dos pecados, mas a toda a ação da Igreja como expressão da Misericórdia de Deus:

«Este povo messiânico tem por cabeça Cristo [...] tem por lei o mandamento novo: amar como Cristo nos amou (cf. Jo 13,34). Por último, tem por fim o Reino de Deus, começado já na terra pelo próprio Deus [...] Estabelecido por Cristo em ordem à comunhão de vida, amor e verdade, nas mãos dEle serve também de instrumento da redenção universal [...] À assembleia daqueles que olham com fé para Jesus [...], Deus convocou-a e constituiu-a em Igreja, a fim de ser, para todos e cada um, sacramento visível desta unidade portadora de salvação»³⁴⁹.

«A Igreja assume o rosto do Pai misericordioso»³⁵⁰ que sai ao encontro do seu filho. Ela tem de sair ao encontro dos filhos pregando a misericórdia de Deus. Tal como o bom samaritano que recolhe, trata e cura as feridas, a Igreja assume o papel comunitário de se dedicar ao próximo e continuar o que Jesus começou. O estalajadeiro a quem o samaritano deu dois denários para continuar a cuidar do homem maltratado, representa hoje a Igreja, «a comunidade cristã, onde a dedicação ao próximo se transforma em atenção cuidadosa, [...] para qualquer pessoa que se reconhece no outro»³⁵¹ capaz de transformar por dentro. Ela é envolvida pela parábola do Bom Pastor, dando espaço aos pequeninos e procurando os que se encontram tresmalhados. Toda a sua missão deve testemunhar a misericórdia do Bom Pastor e a alegria do encontro com a misericórdia que transforma a vida.

Diz-nos o evangelho que «Jesus chamou doze discípulos e deu-lhes poder de expulsar os espíritos malignos e de curar todas as enfermidades e doenças.» (Mt 10,1) Depois de os escolher, enviou-os em missão, com o poder para realizar o que Jesus desejava. A Igreja é

³⁴⁹ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja (Lumen Gentium)*, 9, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002.

³⁵⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 55.

³⁵¹ *Ibidem*, 41.

hoje chamada por Jesus para ser enviada às periferias, onde falta a fé, o pão, o amor, a paz, onde falta Deus, chamada a ser missionária. Todos os seus membros devem ser apóstolos, ou seja, enviados como nos diz o Papa Francisco: «Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém»³⁵².

³⁵² FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 23, Cidade do Vaticano, 24.11.2013, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#L_Uma_Igreja_%C2%ABem_sa%C3%ADda%C2%BB (consultado a 12.7.2019).

CAPÍTULO III

A MISERICÓRDIA DE DEUS NO PROGRAMA DE EMRC

O ser humano tem no ensino, uma das bases fundamentais do seu desenvolvimento. Importante passo desta dinâmica essencial que é o ensino foi o aparecimento da escrita, criada por volta do ano 3500 a.C. na zona do Médio Oriente³⁵³, a qual serviu como o primeiro arquivo concreto da história humana. Os primeiros escritos mostram que a educação formal em habilidades básicas de comunicação, linguagem, costumes e práticas comerciais, agrícolas e religiosas começou no Egito entre 3000 a 500 a.C.. Na China, por volta de 500 a.C. Confúcio marcou significativamente o foco da educação. O filósofo chinês introduziu, entre outras coisas, os valores pessoais no ensino, de forma a definir um melhor e mais eficiente contexto educativo, por exemplo, o autocontrolo e o respeito foram incorporados como aspetos fundamentais no desenvolvimento do pensamento lógico³⁵⁴.

O conteúdo da educação formal mudou com os gregos. Surge a *Paidéia* com seu objetivo de formar o cidadão perfeito. Platão pensava que «a essência de toda a verdadeira educação ou paideia é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento»³⁵⁵. O ensinamento para a virtude, como dirá Aristóteles, será o fulcro principal da educação clássica³⁵⁶, mas esta comportava também a transmissão de conhecimentos e a prática de alguma arte ou ofício. Esta ideia clássica da educação, que incluía os quatro locais privilegiados do ensino, escola,

³⁵³ Cf. VERBO: ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA: EDIÇÃO SÉCULO XXI, Editorial Verbo, Volume X, Lisboa/São Paulo, 1999²⁵¹⁹, 787.

³⁵⁴ Cf. *Ibidem*, Volume VII, 891.

³⁵⁵ W. JAEGER, *Paidéia: A formação do homem grego*, WMF Martins Fontes, S. Paulo, 1995³, 147.

³⁵⁶ Cf. F. F. SOARES, «Reflexões sobre a educação no pensamento de Aristóteles», *Revista Filosofia Capital* 9 (2014) 79.

família, cultura e trabalho³⁵⁷ continuará no império romano e influenciará todo o ensino até aos dias de hoje.

Com exceção do mundo islâmico que teve instituições académicas diferentes das religiosas logo no século X³⁵⁸, o resto do mundo conhecido usou as instituições religiosas como locais para a educação formal. Igrejas e templos serviram como primeiras escolas oficiais.

Na tradição bíblica o ensino assumiu desde cedo um papel de destaque. A história do Povo de Deus põe em relevo a importância do ensino. Este foi também um dos domínios da vida de Jesus, tendo posteriormente brotado como tarefa fundamentalmente importante para os discípulos através do anúncio da Boa-Nova e também como missão da Igreja para quem «a evangelização é uma tarefa co-natural»³⁵⁹. Mostra o âmago da experiência cristã que Jesus instruía as multidões como um mestre e rabi. Formou os Apóstolos para darem continuidade à sua missão, e estes mantiveram-se fiéis ao essencial: o anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo³⁶⁰.

A Igreja, ciente deste mandato assumiu com particular preocupação esta incumbência, «porque deve ser reconhecida como sociedade humana capaz de educar, mas sobretudo, porque tem a missão de anunciar o caminho da salvação a todos os homens, de comunicar a vida de Cristo»³⁶¹. As obras de misericórdia descritas no Catecismo da Igreja Católica refletem este encargo, em especial as três primeiras obras espirituais: «aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores»³⁶². Na Igreja envidam-se esforços colocando a misericórdia em ação, seja através da sua Doutrina desenvolvida, proclamada, posta em ação ao longo das épocas, seja através da liturgia ou ainda pelo ensino, através da

³⁵⁷ Cf. *Ibidem*.

³⁵⁸ Cf. A. ATMORE... [ET AL.] (Colab.), *História do Homem: nos últimos dois milhões de anos*, Selecções do Reader's Digest, Lisboa, 1992^o, 152.

³⁵⁹ J. NUNES, «Evangelização - Tarefa de ontem, hoje e sempre», *Pastoral Catequética* 5 (2006) 19.

³⁶⁰ Ver Act 6, 2.

³⁶¹ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração sobre a Educação Cristã (Gravissimum Educationis)*, 3, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002.

³⁶² FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 15.

promoção da instrução catequética ou do ensino religioso escolar onde sobressai a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

1. A educação integral da pessoa e da sociedade

«A verdadeira educação [...] propõe-se realizar a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, simultaneamente, o bem das sociedades em que o homem se insere como membro e em cujas responsabilidades terá parte ativa»³⁶³. Nesta afirmação salientam-se dois vértices da educação: o desenvolvimento da pessoa e o da sociedade. Defende Werneck que a educação «deve levar ao conhecimento do essencial de si mesmo, do mundo e do outro, que vai permitir a autodeterminação, é preciso que se encaminhe o processo educativo para o essencial, não para o acidental, logo, a educação encaminha-se para a autenticidade»³⁶⁴. Em síntese, a educação deve criar condições para que o ser humano seja capaz de se confrontar com a singularidade, com a totalidade da existência e com a presença do mistério de modo a descobrir em si mesmo a dimensão que o caracteriza.

A educação para todos, foi consagrada como o primeiro objetivo mundial da UNESCO. Constitui um direito que deve ser universal e que em primeira instância deve ser ministrado pela família, mas que requer a colaboração fundamental da sociedade, do Estado e da Igreja. Nos nossos dias, e porque as primeiras instâncias muitas vezes falham, é a escola que assume o papel cada vez mais importante na formação das sociedades, transferem-se para ela simultaneamente funções de socialização e de educação. O aprender a conhecer; aprender a

³⁶³ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, GE, 1.

³⁶⁴ V. R. WERNECK, *O Eu educado: Uma teoria da educação fundamentada na fenomenologia*, Rio Fundo Ed., Rio de Janeiro, 1991, cit in L. S. L. de A. FERRAZ, «Religião se aprende na Escola», *Mirandum* 16 (2005) 5.

fazer; aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros e o aprender a ser; constituem os quatro pilares fundamentais para a Educação no século XXI³⁶⁵.

Sabendo que «a dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana, [...] não haverá educação integral, se esta não for tomada em consideração; nem se compreenderá verdadeiramente a realidade social, sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais»³⁶⁶. Como afirmou Bento XVI «a dimensão religiosa, com efeito, é intrínseca ao facto cultural, contribui para a formação global da pessoa e permite transformar o conhecimento em sabedoria de vida [...] ela é parte integrante da pessoa. [...] A dimensão religiosa torna o homem mais homem»³⁶⁷.

2. O Ensino Religioso Escolar na especificidade de Educação Moral e Religiosa Católica

Pelo atrás exposto assume-se que o ensino religioso escolar tem de ser adotado como um bem essencial à sociedade. O aprofundamento das religiões é também o aprofundamento da democracia. Na atual sociedade, a escola não pode demitir-se de proporcionar um ensino religioso escolar aos seus alunos. Este constitui um lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, oportunidade de humanização e promoção do ser humano e uma plataforma que viabiliza a confrontação deste com a totalidade da existência e com a presença do mistério último da pessoa à luz da perspectiva religiosa. Afirmava D. Tomaz da Silva Nunes que:

³⁶⁵ J. DELORS, *Educação: um tesouro a descobrir* Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Edições ASA, Porto, 1991, 77-87, cit in J. AMBROSIO, «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares: Programa de EMRC, edição de 2014», *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 65.

³⁶⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 6, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2006.

³⁶⁷ BENTO XVI, *Discurso aos professores de religião católica nas escolas italianas*, Roma, 25.4.2009, cit in SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 162.

«O Ensino Religioso Escolar é fator decisivo para a educação integral das crianças, adolescentes e jovens. De facto, seria empobrecedor entender a educação excluindo dela a interpretação e análise do fenómeno religioso, bem como a proposta de uma visão do mundo e da vida humanista e cristã»³⁶⁸.

«Na educação está a chave do futuro das sociedades humanas»³⁶⁹. Com o sentido nesta verdade e no cumprimento do seu múnus de educadora, a Igreja, preocupa-se com a instrução catequética e procura valorizar as escolas enquanto instituições que contribuem para a formação do ser humano³⁷⁰. Por isso «a Igreja, consciente do gravíssimo dever de cuidar com todo o empenho da educação moral e religiosa dos seus filhos, assiste com o seu particular afeto e ajuda aos muitíssimos alunos»³⁷¹.

Perante uma sociedade que possui «uma crescente necessidade valores hierarquizados, que pautem a vida, e uma procura de transcendência e de religiosidade, sem os quais a vida perde horizontes»³⁷², a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica assume um papel cada vez mais importante. Ela pode e deve marcar a diferença. João Paulo II salientou que o contributo da EMRC para o desenvolvimento dos alunos passa pelo reconhecimento da «componente religiosa como fator insubstituível para o crescimento em humanidade e em liberdade»³⁷³.

A EMRC apresenta-se como uma disciplina capaz de aceitar os desafios da nova escola, de lidar com as novas realidades sociais, com o novo mundo. Para combater posições economicistas da escolarização e sistemas cada vez mais racionais é necessário reestruturar a

³⁶⁸ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 154.

³⁶⁹ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, GE, anotação introdutória.

³⁷⁰ Cf. *Ibidem*, 4.

³⁷¹ *Ibidem*, 7.

³⁷² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *EMRC: Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 4.

³⁷³ J. PAULO II, «Conhecer o património do cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica», *L'Osservatore Romano* 16 (1991), cit in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *EMRC: Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 6.

sabedoria intuitiva e experiencial. Hoje na sociedade ocidental prevalece o ensino racional e de ciência em detrimento do ensino religioso. Mas no entanto, como disse Bento XVI:

«Graças ao ensinamento da religião católica, a escola e a sociedade enriquecem-se de verdadeiros laboratórios de cultura e de humanidade, nos quais, decifrando a contribuição do cristianismo, habilita-se a pessoa a descobrir o bem e a crescer na responsabilidade, a procurar o confronto e a apurar o sentido crítico, a inspirar-se nos dons do passado para compreender melhor o presente e projetar-se conscientemente para o futuro»³⁷⁴.

A Educação Moral e Religiosa Católica possui «um alcance cultural e “um claro valor educativo”»³⁷⁵. Impõe-se pela força e fecundidade do Evangelho. Orienta-se segundo o pensamento de João Paulo II para «formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade»³⁷⁶. Pretende trabalhar o sagrado, promover a análise crítica e a ligação íntima com as grandes questões da humanidade, «a totalidade da realidade, como campo do agir humano»³⁷⁷. Procura estabelecer a relação e mediação entre a prática do quotidiano e a educação para a busca do transcendente, isto através da sua capacidade de «ler criticamente a realidade e de salvaguardar a sua complexidade, pelo conhecimento justo das coisas humanas e das coisas espirituais»³⁷⁸.

Apresenta como desafio a educação da consciência ética e religiosa, face aos projetos pessoais e globais feitos em chaves de leitura cristãs. Ela tenta percorrer um caminho de

³⁷⁴ BENTO XVI, *Discurso aos professores de religião católica nas escolas italianas*, Roma, 25.4.2009, cit in SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 162.

³⁷⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *EMRC: Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 6.

³⁷⁶ J. PAULO II, *Discurso aos participantes no Simpósio do Conselho das Conferências Episcopais da Europa sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública*, 4, 15.4.1991, cit in SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 163.

³⁷⁷ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: edição de 2007*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2007, 20, cit in SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 154.

³⁷⁸ J. F. CORREIA, «Educação Moral e Religiosa Católica: profecia e dom, um jeito de ser Igreja», *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 100.

abertura ao transcendente, de procura de Deus. Pretende que os alunos sejam capazes de construir uma identidade pessoal através da indagação e da reflexão e a construção de um projeto de vida. Encontra-se «direcionada para o ensino do religioso e da educação ético-moral, interpreta e favorece a significação do facto cultural compreendido como campo do agir humano, livre e responsável, que se deve orientar por princípios e valores que preservem e desenvolvam a dignidade da pessoa humana»³⁷⁹.

Atualmente a Educação Moral e Religiosa Católica é uma disciplina curricular presente no ensino básico e secundário, desde o 1.º ao 12.º ano e está consignada na Lei a sua existência na modalidade de oferta obrigatória e frequência facultativa. Insere-se na escola, partilha das suas finalidades, é uma disciplina «oferecida a todos os alunos, independentemente da sua diversidade de crenças e opções religiosas»³⁸⁰. Devido à especificidade facultativa da disciplina, que permite que os alunos a frequentem de forma descontinuada, a organização curricular «desenvolve-se em espiral, sendo os conhecimentos, as capacidades e atitudes trabalhadas com maior profundidade ao longo do tempo, na medida em que a capacidade de cognição dos alunos evolua»³⁸¹, e se tornem cada vez mais capazes de transformar as representações mentais, as competências e as atitudes.

3. Metodologia

O Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica propõe a adoção de uma metodologia do ensino religioso confessional que parte de uma análise existencial e

³⁷⁹ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 163.

³⁸⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *EMRC: Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 6.

³⁸¹ APRENDIZAGENS ESSENCIAIS – Ensino Básico – 2 Ciclo -6.º Ano –Educação Moral e Religiosa Católica homologadas pelo Despacho 6944-A/2018, de 18 de julho, do Ministério da Educação *in* https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/emrc_2c_6a.pdf (consultado a 31.8.2019).

hermenêutica³⁸² dessa tradição religiosa. A sua opção metodológica apresenta três dimensões pedagógicas sequenciais, de ordem variável, constituintes do próprio método: «Experiência Humana, Reflexão Religiosa, Interpretação Ético-moral»³⁸³ conforme representado no esquema seguinte.

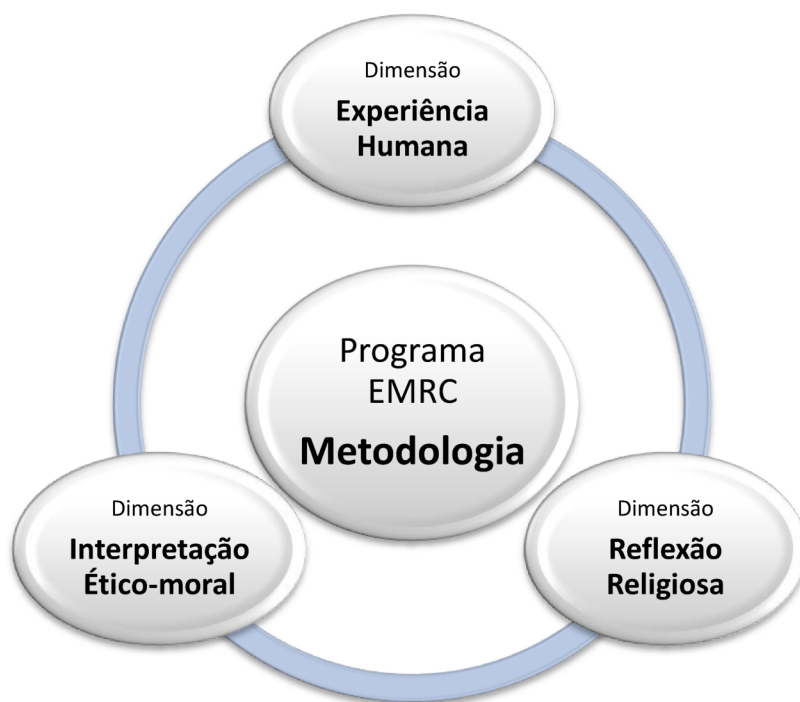


Figura 1: Esquema conceitual da Metodologia do Programa de EMRC

A metodologia pressupõe que «no desenvolvimento de cada Unidade Letiva, as três dimensões estão presentes»³⁸⁴, ainda que a ordem possa ser definida por cada docente.

O objetivo da metodologia e a identidade desta disciplina pretendem: «a “interpretação religiosa e ético-moral da realidade através de uma chave de leitura cristã”, em que a

³⁸² Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 154.

³⁸³ *Ibidem.*

³⁸⁴ *Ibidem.*

dimensão religiosa surge não só como objeto e produto da cultura, mas também como processo de leitura, interpretação e conhecimento da cultura e da realidade»³⁸⁵.

Essa chave de leitura, no caso particular desta disciplina é a concepção religiosa e ética cristã de confissão católica como se encontra descrito em seguida:

«No caso específico da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, “a confessionalidade da disciplina significa que a perspectiva a partir da qual a disciplina lê a realidade – a sua visão do mundo – é a perspectiva cristã, em geral, e católica, em particular, proposta como uma visão coerente e articulada com os diversos âmbitos da cultura e da ciência” que o Sistema Educativo oferece, isto é, “o património objetivo do cristianismo, segundo a interpretação autêntica que lhe dá a Igreja católica»³⁸⁶.

É de realçar que o Programa ainda refere que «é essencial que o docente aplique a metodologia proposta de forma articulada»³⁸⁷ para que se consigam alcançar com sucesso as Metas enunciadas, sem que seja suprimida nenhuma das três dimensões pedagógicas.

4. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica

O Programa da disciplina de EMRC foi construído sob uma marca identitária, a de «estruturar o agir ético e moral a partir de uma matriz específica»³⁸⁸, que neste caso é a cristã, para que «ao configurar-se a plenitude do humano se esteja em simultâneo, a configurá-lo com Cristo»³⁸⁹, uma vez que «a plenitude em Deus terá de ser a máxima realização do humano»³⁹⁰. A sua estruturação desenvolve-se numa relação hierárquica de tópicos em progressão e interrelacionados entre si.

³⁸⁵ *Ibidem*, 155.

³⁸⁶ *Ibidem*.

³⁸⁷ *Ibidem*.

³⁸⁸ *Ibidem*, IV.

³⁸⁹ *Ibidem*.

³⁹⁰ *Ibidem*.

O Programa tem origem a partir das Finalidades da Disciplina formuladas pela Conferência Episcopal Portuguesa. A partir das Finalidades determinam-se os Domínios de Aprendizagem próprios da disciplina de EMRC. Foi também a partir das Finalidades da Disciplina que se definiram as Metas Curriculares que se alicerçam nos Domínios de Aprendizagem. Seguidamente foram traçados os Objetivos Programáticos de acordo com cada um dos Níveis de Ensino. «Para cada nível de ensino foram determinadas Unidades Letivas. Cada uma das Unidades Letivas desenvolve-se em Objetivos Programáticos de Unidade que operacionalizam a aprendizagem dos conteúdos específicos do tema de cada Unidade Letiva»³⁹¹. Veja-se o quadro 2 que sintetiza e define esta estruturação.

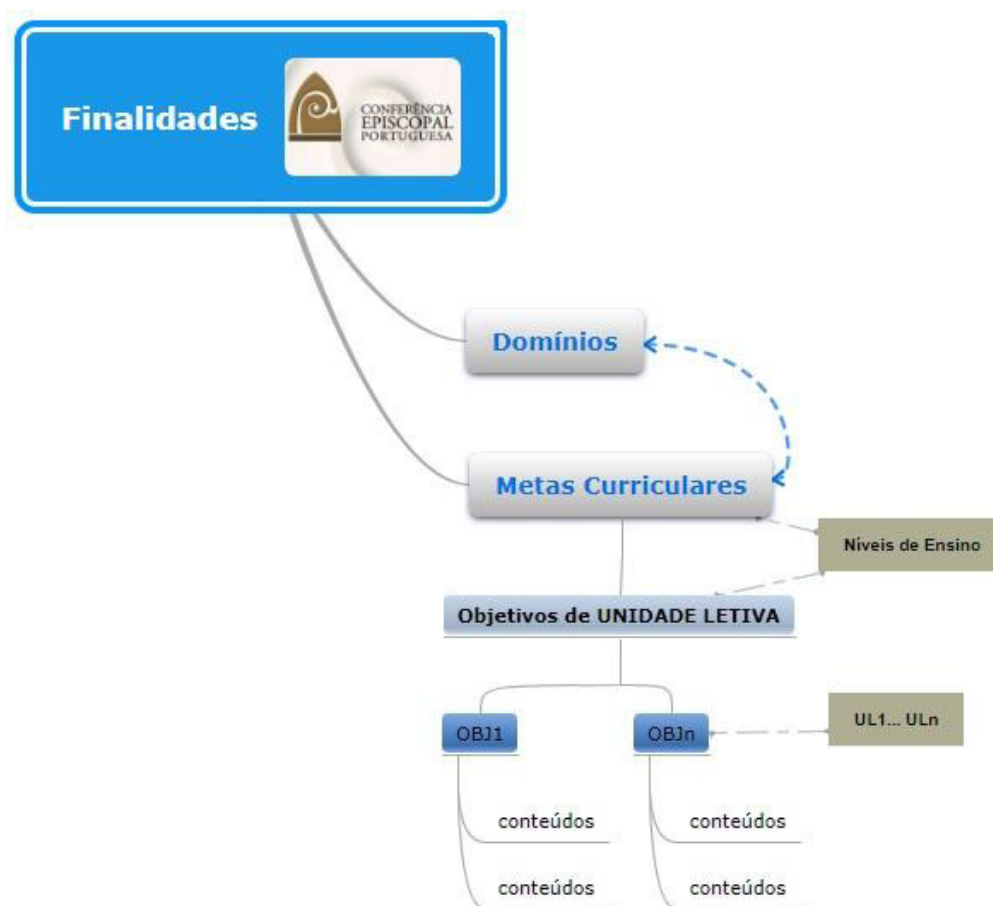


Figura 2: Esquema da estruturação programática de EMRC³⁹²

³⁹¹ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*: 2014, 9.

³⁹² Cf. *Ibidem*, 15.

4.1. Finalidades

«As finalidades de uma disciplina definem, em *termos ideais*, o que se pretende que um aluno adquira com a sua frequência, a partir da sua experiência como pessoa em crescimento e em desenvolvimento, no contexto de uma determinada sociedade e de um dado sistema de ensino»³⁹³.

As finalidades da disciplina de EMRC e do seu Programa em vigor foram definidas pela Conferência Episcopal Portuguesa no documento «Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade» publicado em 2006, conforme referenciado na bibliografia. «Na ótica dos Bispos portugueses, a EMRC tem como grande finalidade “a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida”»³⁹⁴.

O modo como esta grande finalidade se concretiza é explicitado pelas onze finalidades que se apresentam de seguida:

³⁹³ *Ibidem*, 5.

³⁹⁴ *Ibidem*.

● Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
● Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
● Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
● Adquirir uma visão cristã da vida;
● Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
● Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
● Apreender o fundamento religioso da moral cristã;
● Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
● Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
● Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
● Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.

Figura 3: Tabela das Finalidades da Disciplina de EMRC³⁹⁵

Entre as onze finalidades encontramos referências que explicitamente se referem à dimensão religiosa característica da EMRC, de suma importância para a formação integral do aluno. Estas aludem ao que é específico cristão, uma vez que essa é a chave hermenêutica concreta a partir da qual se reflete e trabalha a dimensão religiosa nesta disciplina. Também estão presentes referências à dimensão ético-moral, aos valores, atitudes e comportamentos. Na opinião de Ambrósio, estas finalidades articulam-se em torno de alguns eixos que ele formula do seguinte modo: «o eixo do desenvolvimento integral do aluno, em todas as

³⁹⁵ *Ibidem.*

dimensões constitutivas do humano; o eixo da sua inserção na sociedade que é chamado a entender e a transformar, o eixo da identidade cristã/católica»³⁹⁶.

Estas são as finalidades, as grandes metas que se desejam que alcancem os alunos no final da escolaridade, se em função da flexibilidade da disciplina de EMRC, a frequentarem com continuidade e longa duração. Entre as onze Finalidades, destaca-se a última «como uma mega finalidade ou mega meta que é a de, no final de todo este Programa de formação, os alunos poderem “Aprender a posicionar-se perante o fenómeno religioso”, já que esta disciplina é, de alguma forma, uma experiência de primeiro anúncio»³⁹⁷. Esta Finalidade é transversal a todos os Domínios de Aprendizagem.

4.2. *Domínios de aprendizagem*

Os Domínios de Aprendizagem são:

«Áreas de ensino que a disciplina compreende e que agregam logicamente os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer (campos de conhecimento, conteúdo) e do que o aluno deve saber fazer (processos ou competências); determinam-se a partir das suas Finalidades e do estatuto epistemológico da Teologia e das Ciências da Religião»³⁹⁸.

³⁹⁶ J. AMBROSIO, «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares: Programa de EMRC, edição de 2014», *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 72.

³⁹⁷ C. S. CARVALHO, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição de 2014», *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 48.

³⁹⁸ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 8.

São os seguintes:

1	Religião e Experiência Religiosa.
2	Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida.
3	Ética e Moral.

Figura 4: Tabela dos Domínios de Aprendizagem da Disciplina de EMRC³⁹⁹

Os dois primeiros Domínios apresentam uma natureza essencialmente intelectual: Domínios da Religião e Experiência Religiosa; Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida⁴⁰⁰. O terceiro Domínio manifesta-se centrado no desenvolvimento social e moral, por outras palavras, na aquisição de competências que facilitem e permitam um maduro agir moral: Domínio da Ética e Moral⁴⁰¹.

Em linha com o que refere Ambrósio no capítulo anterior, «os Domínios de Aprendizagem que são formulados no Programa vão, em certo sentido, agrupar as finalidades tendo em atenção estes»⁴⁰² três eixos: identidade cristã, inserção na sociedade e desenvolvimento integral do aluno.

4.3. *Metas curriculares*

No Programa da disciplina encontram-se estruturadas as Metas Curriculares, «nas quais são definidos, de forma consistente, os conhecimentos e as capacidades essenciais que os

³⁹⁹ *Ibidem.*

⁴⁰⁰ Cf. *Ibidem*, 11.

⁴⁰¹ Cf. *Ibidem*.

⁴⁰² J. AMBROSIO, «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares», 72.

alunos devem adquirir, nos diferentes anos de escolaridade ou ciclos e nos conteúdos dos respetivos programas curriculares»⁴⁰³.

Esse itinerário pode no entanto ficar comprometido se, como foi anteriormente referido, o percurso de frequência da disciplina não obteve uma assiduidade «ao longo de todos os ciclos de escolaridade, uma vez que esse horizonte foi pensado no contexto da globalidade do Programa»⁴⁰⁴.

No processo de desenho deste Programa e na construção e definição das Metas Curriculares existiu a preocupação de «tratar a disciplina como “área de conhecimento” definida pela Teologia e as Ciências da Religião, através de esquemas conceptuais e temáticos significativos para esses campos do conhecimento»⁴⁰⁵. Moviada por esse desejo, a Comissão Episcopal elaborou o exercício de articular a *Lumen Fidei* com as metas curriculares. «Podemos avaliar o resultado da empresa detendo-nos no exercício que D. António Francisco dos Santos nos propõe, ao “ler” as Metas a partir da síntese do Papa Francisco na Carta Encíclica *Lumen Fidei*, no seu número 19»⁴⁰⁶ e que se encontra transcrita na página V do texto de apresentação do Programa da Disciplina.

As Metas Curriculares têm também a pretensão de orientar os docentes, uma vez que a sua definição «organiza e facilita o ensino, pois fornece uma visão o mais objetiva possível daquilo que se pretende alcançar, permite que os professores se concentrem no que é essencial e ajuda a delinear as melhores estratégias de ensino»⁴⁰⁷. Elas funcionam como catalisador «para que os alunos façam a tal leitura da realidade, tendo em conta uma determinada chave, em ordem à sua transformação»⁴⁰⁸.

⁴⁰³ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 6.

⁴⁰⁴ J. AMBROSIO, «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares», 75.

⁴⁰⁵ C. S. CARVALHO, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular», 37.

⁴⁰⁶ *Ibidem*, 43.

⁴⁰⁷ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 6.

⁴⁰⁸ J. AMBROSIO, «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares», 75.

As Metas proporcionam:

«organização dos conteúdos programáticos da disciplina de modo que se evidenciem os seus conteúdos fundamentais e que estes possam ser objeto de uma ordenação sequencial e hierárquica ao longo das várias etapas da escolaridade. Essa ordenação deve ser orientada a partir de núcleos de conhecimento e capacidades a adquirir e desenvolver pelos alunos e poderá culminar na definição ulterior de padrões de desempenho, se se julgar adequado às finalidades da disciplina»⁴⁰⁹.

No caso específico de EMRC, a tarefa de definição das Metas Curriculares, foi orientada a partir dos núcleos de conhecimento dos três Domínios de Aprendizagem e de forma ainda mais relevante a partir das capacidades a adquirir e desenvolver pelos alunos expressas nas Finalidades da Disciplina indicadas no documento da Conferência Episcopal Portuguesa. As Metas são 17 no total e encontram-se agrupadas em, 4 no primeiro Domínio, 8 no segundo e 5 no terceiro, conforme a tabela.

⁴⁰⁹ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 7.

DOMÍNIOS	METAS CURRICULARES	
RELIGIÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	A	Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.
	B	Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.
	C	Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.
	D	Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.
CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA	E	Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.
	F	Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.
	G	Identificar os valores evangélicos.
	H	Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.
	I	Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.
	J	Descobrir a simbólica cristã.
	K	Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.
	L	Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.
ÉTICA E MORAL	M	Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.
	N	Promover o bem comum e o cuidado do outro.
	O	Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.
	P	Identificar o fundamento religioso da moral cristã.
	Q	Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

Figura 5: Tabela das Metas Curriculares por Domínios⁴¹⁰

A Meta L é a grande meta da disciplina de EMRC: Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. Esta Meta encontra uma correspondência quase que literal nas finalidades, especificamente na finalidade: Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé. Nesta Meta e em todo o Programa, este diálogo é enunciado com essa ordem, primeiro a cultura e depois a fé, não se quer aqui valorizar mais uma em detrimento de outra, mas antes «explicitar a

⁴¹⁰ *Ibidem*, 8.

consciência que existiu na realização do Programa de que o ponto de partida, porque estamos na escola, é a cultura e não a fé»⁴¹¹.

Foi a partir das Metas que se definiram os Objetivos. «As Metas Curriculares permitem a definição de um conjunto de Objetivos Programáticos e estes articulam-se em torno de um conjunto de Conteúdos»⁴¹². Os Objetivos Programáticos, aquilo que se espera que os alunos aprendam nos Conteúdos específicos de cada Unidade Letiva traduzem-se em «enunciados do tipo de resultados de aprendizagem que se esperam da lecionação de determinados conjuntos de conteúdos, descrevem a intenção do professor em relação ao desenvolvimento e à mudança pretendidos no aluno»⁴¹³.

5. Análise do tema da Misericórdia no Programa de EMRC

Cientes dos limites da investigação, onde a escassez do fator tempo, por carência, surge como um obstáculo, optámos por não ser objeto explícito deste trabalho analisar profundamente onde é que no Programa já está presente a Misericórdia. Esta análise que em muito enriqueceria este trabalho, permitiria perceber junto de que outros conteúdos e em que metas se trabalha a Misericórdia e perceber se se faz essa aprendizagem no essencial ou não se faz de todo.

Ao analisarmos o atual Programa da disciplina de EMRC, conseguimos encontrar um conjunto de conteúdos que dentro dos vários níveis de ensino trabalham a Misericórdia. No entanto, esta temática é apresentada de forma mais ou menos implícita, sem fazer referência direta ao conceito, nem estudar em concreto o tão importante tema da Misericórdia.

⁴¹¹ J. AMBROSIO, «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares», 72.

⁴¹² SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: 2014*, 9.

⁴¹³ *Ibidem*.

O exercício que se segue consiste na análise e identificação efetiva, no Programa da disciplina de EMRC, onde é feita a exploração do tema da Misericórdia. Após a apresentação desses resultados numa primeira tabela, será seguidamente apresentada uma segunda tabela, com os conteúdos das abordagens que remetem, de uma forma mais implícita, à Misericórdia. Fica salvaguardada no entanto a referência de que, de algum modo, se pode ver em todos os aspetos do Programa uma referência à Misericórdia, mas esse aprofundamento não é o objetivo explícito deste trabalho, como já foi anteriormente referido.

ANO	UNIDADE LETIVA	OBJETIVO	CONTEÚDOS
5.º	UL 4 - Construir a Fraternidade	5. Identificar a perspetiva cristã sobre o perdão.	<ul style="list-style-type: none"> • A mensagem cristã sobre o perdão: - Lc 6,36-38, ser misericordioso.
6.º	UL 2 - Jesus, um Homem para os outros	2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.	<ul style="list-style-type: none"> • Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura.
7.º	UL 2 - As Religiões	5. Identificar a perspetiva cristã sobre o perdão.	<ul style="list-style-type: none"> • O Deus de Jesus Cristo: - Deus de salvação, misericórdia, inequivocamente bom.
ES	UL 6 - Um Sentido para a Vida	9. Reconhecer os valores fundamentais da vida social.	<ul style="list-style-type: none"> • Dar sentido à vida: - A misericórdia <i>Evangelii Gaudium</i> 44.

Figura 6: Tabela dos conteúdos que exploram explicitamente o tema da Misericórdia

Olhando para a tabela dos conteúdos que exploram explicitamente o tema da Misericórdia vemos como a abordagem que é feita no Programa a esta temática se revela insuficiente. Ao longo de todo o Programa da disciplina, são apenas quatro os conteúdos onde a Misericórdia é trabalhada de forma explícita.

ANO	UNIDADE LETIVA	CONTEÚDOS
1.º	UL1 - Ter um Coração Bondoso	<ul style="list-style-type: none"> • Cuidamos uns dos outros e não deixamos ninguém de lado: a parábola da ovelha perdida, Lc 15, 4-7. • Como estar atento a quem precisa da minha ajuda.
2.º	UL1 - Ser Amigo	<ul style="list-style-type: none"> • Jesus é amigo de todos, mesmo daqueles que são mais esquecidos. • Jesus pede-nos para amarmos os outros como Deus o amou e como ele nos ama: Jo 15, 9-10.12.
	UL3 - A Páscoa dos Cristãos	<ul style="list-style-type: none"> • Jesus anuncia uma boa notícia: Deus ama todas as pessoas. • A Páscoa e os últimos acontecimentos da vida de Jesus: a narrativa da entrada em Jerusalém, do lava-pés, da última ceia, traição, julgamento, caminho para o calvário, morte, ressurreição e aparição do Ressuscitado: Mt 21,1-11; Jo 13,2-11; Mt 26, 17-29; Mc 14,43-50.53-15,20; Mt 27,32-66; Jo 20, 1-28. • Ser construtores da vida.
	UL 4 - Deus é Amor	<ul style="list-style-type: none"> • Deus conhece as nossas necessidades e dá-nos aquilo de que precisamos para viver felizes: Sl 23; Mt 6,25-34. • As ofertas de Deus para mim. • Os amigos de Jesus amam os outros, como Jesus ama: Jo 15,9-17.
3.º	UL2 - Ser Solidário	<ul style="list-style-type: none"> • Deus criou-nos por amor, à sua imagem e semelhança: Gn 1, 27.31. • Todas as pessoas têm dignidade, por isso têm direito a viver uma vida feliz e construtiva. • Ser solidário é dar-se aos outros e atender às suas necessidades. • O que posso eu fazer, em concreto, para ser solidário:
	UL 4 - A Igreja	<ul style="list-style-type: none"> • As comunidades dos cristãos vivem a fé através de: <ul style="list-style-type: none"> - Testemunho e Anúncio; - Celebrações comunitárias; - Prática da caridade.
4.º	UL 3 – O Perdão	<ul style="list-style-type: none"> • Porque erramos. • Dar o perdão. • Aceitar o perdão. • Jesus convida a perdoar sempre: Mt 18,21-22. • O Papa João Paulo II perdoou a quem o tentou matar.

ANO	UNIDADE LETIVA	CONTEÚDOS
5.º	UL 2 - Advento e Natal	<ul style="list-style-type: none"> • O nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus que chegam até nós. • Jesus veio para nos salvar: significado da esperança cristã.
	UL 3 - A Família, Comunidade de Amor	<ul style="list-style-type: none"> • Comunhão de pessoas que vivem no amor.
	UL 4 - Construir a Fraternidade	<ul style="list-style-type: none"> • Deus, como Pai, ama a todas as pessoas. • A mensagem cristã sobre o perdão: - Lc 6,36-38, ser misericordioso.
		<ul style="list-style-type: none"> • Construir um mundo fraterno promovendo a concórdia nas relações interpessoais: • A regra de ouro, Lc 6,31: “O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também”. • Propostas para promover o bem comum e o cuidado do outro na nossa vida.
6.º	UL 1 – A Pessoa Humana	<ul style="list-style-type: none"> • O contributo da Igreja Católica nos cuidados. • Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”.
	UL 2 - Jesus, um Homem para os outros	<ul style="list-style-type: none"> • Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura. • Deus quer a vida e não a morte. • Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros?
		UL 3 - A partilha do Pão
7.º	UL 1 - As Origens	<ul style="list-style-type: none"> • O Deus de Jesus Cristo: - Deus de salvação, misericórdia, inequivocamente bom.
	UL 2 - As Religiões	<ul style="list-style-type: none"> • A proposta de Jesus para a construção da paz: . O amor aos inimigos: Mt 5, 43-48; . O perdão: Mt 18, 21-22; . O Sermão da Montanha: Mt 5, 1-12.
	UL 4 - A Paz universal	
8.º	UL3 – A Liberdade	<ul style="list-style-type: none"> • Um Deus que respeita a liberdade humana. A parábola do Filho pródigo e do pai misericordioso: Lc 15,11-24; • Um Deus bom que chama a optar pelo bem e pela verdadeira liberdade: Rm 6, 22-23; <i>Gaudium et Spes</i> 41.
9.º	UL 1 - A Dignidade da Vida Humana	<ul style="list-style-type: none"> • A vida como dádiva de Deus e primordial direito humano. • A Parábola do Bom Samaritano: Lc 10,25-37, valorizar a vida, tornando-se próximo de quem precisa. • A fraternidade humana, centro das escolhas morais.
	UL2 - Deus, o grande Mistério	<ul style="list-style-type: none"> • A imensidão e bondade de Deus: Sir 43,27-33; • A coerência entre a fé e as obras: Jr 7,4-11 e Tg 2, 14-17. • Cada crente é o rosto e as mãos de Deus a atuar no mundo; • Vidas com sentido.

ANO	UNIDADE LETIVA	CONTEÚDOS
ES	UL1 – Política, Ética e Religião	<ul style="list-style-type: none"> • A finalidade da organização política. • A via da caridade. • Fecundar e fermentar, com o Evangelho, a sociedade. • Doutrina social, evangelização e promoção humana. • Direito e dever da Igreja.
	UL2 - Valores e Ética Cristã	<ul style="list-style-type: none"> • Os princípios religiosos do cristianismo que fundamentam os valores cristãos: • Conceção antropológica cristã e fundamentação da ética: • A vida moral segundo o cristianismo.
	UL 3 - Ética e Economia	<ul style="list-style-type: none"> • Uma visão cristã da economia e da sociedade, a opção pelos pobres: • A opção pelos pobres, Lc 4, 18-19: A «opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza (cf. 2Cor 8,9)», Bento XVI, 13 de maio de 2007. • A justiça é o objetivo de toda a política: <i>Deus Caritas est</i> 28.
	UL 4 - A Civilização do Amor	<ul style="list-style-type: none"> • A elaboração cronológica da categoria «Civilização do Amor»: <ul style="list-style-type: none"> - Papa João Paulo II (<i>Dives in Misericordia</i> 14, 1980; «Diálogo entre as culturas para uma Civilização do Amor e da paz», Mensagem para a celebração do XXXIV Dia Mundial da Paz, 2001). • Critérios para uma Civilização do Amor. • A revelação do amor na Tradição cristã. • O poder transformador do amor.
	UL 5 – A Religião como Modo de Habitar e Transformar o Mundo	<ul style="list-style-type: none"> • Os aspetos nucleares da experiência crente cristã.
	UL 6 - Um Sentido para a Vida	<ul style="list-style-type: none"> • Vocação e sentido da vida. • O projeto salvífico de Deus para a humanidade: <i>Spes Salvi</i> 24-26. • A plenitude da ressurreição, sentido da vida humana. • Dar sentido à vida: <ul style="list-style-type: none"> - A misericórdia <i>Evangelii Gaudium</i> 44.
	UL 7 – Ciência e Religião	<ul style="list-style-type: none"> • O Mistério da Pessoa Humana.
	UL 8 - A Comunidade dos Crentes em Cristo	<ul style="list-style-type: none"> • O seguimento de Jesus. • Igreja, identidade e missão.
	UL 10 - Amor e Sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> • O amor na criação e na História da Salvação - <i>Deus Caritas est</i> 1-18.

Figura 7: Tabela dos conteúdos que abordam implicitamente o tema da Misericórdia

Através da análise à tabela dos conteúdos que abordam implicitamente a Misericórdia, vemos que o tema aparece com uma maior frequência no Programa, não só abrange todos os ciclos de ensino como também todos os anos de escolaridade, desde o básico ao secundário. No entanto, podemos constatar que a abordagem que a ela se faz, não é uma abordagem direta ao tema da Misericórdia. Trabalham-se outros temas e implicitamente de forma generalizada. Encontramos conteúdos com objetivos de aproximação ao tema da Misericórdia, como é exemplo a Unidade Letiva da Dignidade da Vida Humana.

CAPÍTULO IV

PROPOR A MISERICÓRDIA EM EMRC

A Misericórdia apresenta-se como um tema fundamental, tanto para Igreja como para o mundo, daí a pertinência da sua abordagem no Programa da disciplina de EMRC. O estudo desta temática constitui um valioso contributo para a formação da personalidade e forma de servir os interesses e necessidade de todos, neste caso específico, dos alunos, famílias, comunidades e escolas.

Conforme se verificou no capítulo anterior, a atual abordagem que é feita no Programa ao tema da Misericórdia trabalha de forma esmagadora o desenvolvimento do tema de forma indireta. As pouquíssimas abordagens diretas ao tema são feitas através de conteúdos que se encontram dispersos ao longo da estrutura do Programa e não permitem que se sublinhe a importância da Misericórdia, que para além das consequências éticas ou sociais que abarca, trata-se sobretudo de uma mensagem sobre Deus e a sua Misericórdia.

Após esta análise, e apesar das limitações da investigação anteriormente mencionadas, continuamos a entender que se justifica a produção de uma nova Unidade Letiva para a abordagem e desenvolvimento da Misericórdia, uma vez que ela se enquadra amplamente no Programa da disciplina de EMRC onde não é suficientemente trabalhada.

1. Criação da Unidade Letiva da Misericórdia

A proposta pedagógica deste trabalho consiste na criação de uma nova Unidade Letiva para o Programa da Disciplina de EMRC intitulada: *A Misericórdia*.

Na construção do projeto de elaboração da nova unidade seguimos a lógica do Programa em vigor. Adotou-se a escolha de uma estratégia de desenvolvimento curricular que permitisse a estruturação dos Conteúdos da Unidade e Objetivos de Aprendizagem. Seguindo a estrutura do atual Programa procurou-se organizar a unidade em função das Finalidades da Disciplina, dos Domínios de Aprendizagem e das Metas Curriculares. Partindo dos Conteúdos e à luz das Metas definidas para a Unidade, perscrutamos um caminho até à definição dos Objetivos que serão necessários para a aprendizagem dos Conteúdos. Foram selecionadas sete Finalidades para integrar a unidade, o tema desenvolve-se nos três Domínios existentes e foram escolhidas onze Metas para o introduzir. A definição de onze Metas pode parecer excessiva e ambiciosa, mas para um tema tão estrutural pareceu-nos uma abordagem correta e consciente.

FINALIDADES		DOMÍNIOS	METAS
<p>III. Adquirir uma visão cristã da vida;</p> <p>IV. Entender e protagonizar o diálogo ecumênico e inter-religioso;</p>	<p>XI. Apreender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenômeno religioso e agir com responsabilidade e coerência</p>	<p>RELIGIÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA</p>	<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p>
<p>V. Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;</p> <p>VI. Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;</p> <p>VIII. Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;</p>		<p>CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA</p>	<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>H. Articular uma perspectiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.</p> <p>I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.</p>
<p>IX. Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;</p> <p>X. Apreender o fundamento religioso da moral cristã;</p>		<p>ÉTICA E MORAL</p>	<p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>

Figura 8: Tabela de Finalidades, Domínios e Metas Curriculares da UL da Misericórdia

Foram definidos oito objetivos que abordam o tema da Misericórdia. O itinerário seguido partiu da exploração do mundo e a sua situação perante a Misericórdia, passando pelos fundamentos bíblicos da Misericórdia tanto do Antigo como do Novo Testamento, onde se fez a abordagem a Jesus Cristo e aos Evangelhos. Conclui-se com a posição da Igreja e do

Cristianismo perante a Misericórdia e com a solicitação de uma posição pessoal perante o tema.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p>	<p>1. Descobrir que a Misericórdia divina é a origem do mundo e da salvação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O nome de Deus é Misericórdia: <ul style="list-style-type: none"> - A misericórdia como o principal atributo de Deus. - A revelação do nome a Moisés: Ex 3,14; 33,19;34,6. • Tudo criado pela Misericórdia: Gn 1,31; Sb 9,1; Jo 1,5. • Humanidade ferida pelo pecado: Gn 6,6 • Salvos pela Misericórdia de Deus: <ul style="list-style-type: none"> - O louvor da Misericórdia nos Salmos: Sl 51, Sl 103, Sl 118. - O anúncio da Misericórdia de Deus nos Profetas e na Sabedoria; - Canto do Servo de Yahwé.
<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p>	<p>2. Identificar Jesus como o rosto da Misericórdia do Pai.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Jesus enquanto revelação e manifestação da Misericórdia de Deus para com a humanidade: <ul style="list-style-type: none"> - O Filho de Deus encarnação do Messias: Jo 14,9. • Jesus é o Servo anunciado pelos Profetas: <ul style="list-style-type: none"> - A salvação vem pela entrega misericordiosa de Jesus na cruz.
<p>G. Identificar os valores evangélicos.</p>	<p>3. Conhecer a mensagem cristã da Misericórdia através das palavras e gestos de Jesus.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Chamados à Misericórdia: <ul style="list-style-type: none"> - O chamamento de Mateus: «Prefiro a misericórdia ao sacrifício» Mt 9, 12-13. • As parábolas da misericórdia: <ul style="list-style-type: none"> - Bom Samaritano: Lc 10,25-37; - Filho Pródigo: Lc 15,11-32; - Ovelha perdida: Lc 15,4-7. • As bem-aventuranças: Mt 5, 1-12. • O mandamento do amor: Mt 22,37-39. • A regra de ouro: <ul style="list-style-type: none"> - Amor aos inimigos: Mt 5,43-48; Lc 6, 35-36. • A misericórdia e a justiça: <ul style="list-style-type: none"> - Oração do Pai Nosso: Mt 6,9-13; Lc 11,2-4.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p>	<p>4. Reconhecer a Misericórdia como núcleo da mensagem da Igreja.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A Igreja nascida pela Misericórdia: <ul style="list-style-type: none"> - Igreja como corpo de Cristo; - Penitência: O sacramento privilegiado da misericórdia. • A vontade salvífica universal de Deus: <ul style="list-style-type: none"> - Igreja Sacramento de Salvação: CVII.
<p>H. Articular uma perspectiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.</p> <p>I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.</p>	<p>5. Descobrir a Igreja enquanto testemunha da Misericórdia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As obras corporais e espirituais de misericórdia: Mt 25, 31-46. • A missão de ser e anunciar a Misericórdia: <ul style="list-style-type: none"> - A prática eclesial e a cultura da misericórdia: Tg 2, 14.17; Tg 2, 1.8-9; • A ação da Igreja ao longo da história: <ul style="list-style-type: none"> - Vicentinos; - Santa Casa da Misericórdia; - Encíclica <i>Dives in Misericordia</i> de João Paulo II; - Jubileu Extraordinário da Misericórdia convocado pelo Papa Francisco.
<p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>	<p>6. Valorizar a dignidade da vida humana nascida da imagem e semelhança de Deus.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • «Sede misericordioso como o vosso Pai»: Lc 6,36-38; 1Jo 4,8.16. • A misericórdia chamada à construção plena do ser humano.
<p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p>	<p>7. Reconhecer exemplos de vida orientados pela Misericórdia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A Misericórdia como resposta ao sofrimento dos mais necessitados. • Testemunhos de vida cristãos do apelo “sede misericordiosos”: <ul style="list-style-type: none"> - São João de Deus; - Santa Teresa de Calcutá; - Santa Faustina; - São João Paulo II.
<p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>8. Assumir escolhas de vida fundamentadas, que promovam uma vivência e cultura da misericórdia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como viver com empenho pessoal a misericórdia? • Ser missionário da misericórdia na vida.

Figura 9: Tabela de Metas, Objetivos e Conteúdos da UL da Misericórdia

A proposta pedagógica que aqui se apresenta, a criação de uma nova Unidade Letiva resume-se a uma entre muitas outras possibilidades de abordagem existentes, que podem ser feitas à Misericórdia.

Procuramos traçar um caminho para a apreensão da noção de Misericórdia que fosse funcional e se apresentasse como uma mais-valia para eventualmente integrar um Programa futuro do 9.º Ano. Nesta faixa etária pretende-se que os alunos já estejam aptos a assumir compromissos pessoais aliados ao sentimento de solidariedade e de responsabilidade pelas posições que defendem, sendo capazes de com espírito crítico argumentar as suas escolhas.

Um dos motivos que presidiu à elaboração deste trabalho, como acima referimos, foi o facto de constatararmos que a Misericórdia estaria menos presente no Programa da disciplina, e principalmente, menos presente nas perspetivas e consciências dos alunos, do que seria desejável. Sentimos uma preocupação pela ausência em encontrar olhares mais misericordiosos como os do samaritano no mundo que nos rodeia e também de uma caridade praticada como a dele. Confirmou-se através da análise que fizemos, que os conteúdos da Misericórdia não se encontravam suficientemente explícitos.

Nas décadas do final do século XX até aos dias de hoje, o tema da Misericórdia tem sido trazido à centralidade do discurso magisterial da Igreja Católica pela Encíclica *Dives in Misericordia* do Papa João Paulo II, tendo renascido através da proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia pelo Papa Francisco. Certamente que um Programa futuro da disciplina de EMRC procurará concretizar esse itinerário, onde eventualmente se poderá integrar esta proposta.

CONCLUSÃO

Vivemos hoje numa sociedade onde a definição do campo educativo não se esgota no ensino, mas abrange uma diversidade de vertentes que englobam a cultura familiar, social, política, cívica e também religiosa. Apesar da massificação do ensino, toda esta diversidade de práticas e percursos ajudam a transformar os alunos em cidadãos e a prepará-los para o mundo que os rodeia.

Ao longo desta experiência didática procurei aplicar uma pedagogia caracterizada pela proximidade. Acredito que tem de haver paixão e sentido de missão no ensino, no ser professor e isto aplica-se com maior veemência na missão do professor de Educação Moral e Religiosa e Católica. Tendo eu assumido esta missão educativa, desejei ser modelo e com gosto, representar a instituição eclesial. Procurei no contacto com a comunidade escolar - direção, professores, funcionários, alunos - apresentar um testemunho coerente e organizando e desenvolvi a atividade pedagógica centrada nas responsabilidades e nas liberdades pessoais.

Na escola D. Fernando II encontrei uma relação de amizade, que se desenvolvia entre os mestres e os educandos. Eu própria dou testemunho dessa amizade, quer na relação que desenvolvi com a professora cooperante Margarida Portugal, quer na relação com os alunos, onde procurei levá-los a construírem um estilo próprio baseado na clareza moral e espiritualidade livre.

Todas as aulas foram planificadas tendo em conta os objetivos a atingir. Recorremos abundantemente a métodos lúdicos que procurassem ir ao encontro dos interesses dos alunos. Procuramos estar sempre atentos aos desafios colocados pelos alunos, principalmente pelos referenciados como possuidores de maiores dificuldades no percurso escolar. Os critérios definidos para cada aula foram aplicados, mas simultaneamente, foram sendo sujeitos a

alguma flexibilidade, à medida que no decorrer das aulas se verificava a necessidade de alargar o campo da compreensão e no plano educativo era necessário proceder a ajustes, criando espaço para novas abordagens e entradas, por vezes, propostas pelos próprios alunos. Temos consciência dos desvios que foram necessários fazer e que não conseguimos evitar, mas que contribuíram, na minha opinião, para uma educação mais inclusiva que vai ao encontro do olhar dos alunos e os ensina a olharem para a sua própria dimensão, pondo-os em comunicação das suas ideias.

Valorizo toda a experiência pedagógica vivida, este foi um processo de aprendizagem gradual, tão completo quanto possível, que me colocou em contacto com as realidades da comunidade educativa e em especial dos alunos. No meu agir procurei valorizar a experiência já vivida nos anos anteriores de lecionação e a ação pessoal da qual dei testemunho nas aulas. Compreendo a lecionação como um lugar de formação e desenvolvimento da consciência cristã e cívica. Estou ciente dos objetivos pedagógicos que se assumem na formação da pessoa integral (corpo e espírito) e convicta das responsabilidades de capacitar os alunos para que olhem o mundo através da chave de leitura cristã. Considero uma mais valia pensar que enquanto professores de EMRC somos responsáveis pelo amanhã destes alunos. Numa conceção dinâmica de desenvolvimento, contribuímos para a sua formação integral, para a sua educação como membros de uma sociedade com caráter cristão, que se quer mais humana e misericordiosa.

Ao longo dos séculos, na longa jornada da fé, Deus foi-se revelando paulatinamente ao ser humano de inúmeras formas. Porém, fê-lo sempre de maneira processual, através de manifestações, pela voz dos profetas e sábios, em revelações inesperadas, até que chegada a plenitude dos tempos se revelou pelo seu Filho Jesus Cristo, em quem a sua Misericórdia encarnou. Jesus, revelação da Misericórdia, expressa admiravelmente os traços fundamentais do rosto divino e enquanto testemunho vivo ensinou que a Misericórdia é a origem e meta dos caminhos de Deus cuja vontade salvífica é universal.

O ser humano, criado pela Misericórdia, nascido das entranhas e do coração de Deus, esquece facilmente a ação criadora de Deus, mergulhado que vive em sociedades que parecem querer adquirir o poder absoluto sobre a vida. Na nossa humanidade somos todos pecadores a precisar da luz de Deus na nossa existência. O segredo está em ser capaz de abrir o coração à Misericórdia de Deus que é inexcedível, para conseguir afastar de nós as trevas do mal e do pecado. Como nos diz o Papa Francisco é importante que no nosso tempo se assuma o compromisso de repor a Misericórdia com novo entusiasmo. Esse compromisso não se restringe à Igreja, mas antes a todo o mundo, todos os povos e gentes, a cada um de nós pessoalmente.

A misericórdia de Deus por nós é de tal ordem, que faz com que Ele corra ao nosso encontro, à imagem do Pai Misericordioso, para nos abraçar na nossa humanidade ferida e magoada, para nos envolver como seus filhos e restituir-nos a dignidade.

Jesus ao contrário dos homens, não vê com os olhos, mas antes com o coração, sabe o que cada um de nós precisa, por isso ensinou-nos o caminho para encontrar a verdadeira e profunda felicidade, a Misericórdia, é ela a chave que abre a porta de uma vida com sentido.

Torna-se evidente que muito há ainda a fazer para combater o atual panorama de crise que assola a sociedade, a escola e a religião. Promover a Misericórdia como chave de um futuro promissor para toda a humanidade passa também pelo contributo do Ensino Religioso Escolar para alcançar a inversão deste barómetro, particularmente pela disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Enquanto disciplina curricular, a Educação Moral e Religiosa Católica tem contribuído com uma metodologia e itinerário válido, para que se alcance uma educação mais plena de sentido e valor. Hoje a Educação Moral e Religiosa Católica assume uma responsabilidade cada vez maior, intervindo no processo de ensino-aprendizagem da escola, contribui para a formação integral dos alunos, para a sua inserção na sociedade e para a descoberta da sua identidade cristã. Dentro deste currículo a Misericórdia emerge hoje como uma proposta que sustenta e dá corpo a esse caminho.

A partir da lecionação da unidade de referência durante a prática pedagógica deu-se início ao estudo da «Dignidade da Vida Humana». A dignidade da vida humana é fundamentada pela presença de Deus que existe em cada um, nascidos à imagem e semelhança de Deus, Ele que tudo criou por misericórdia. É a partir dessa presença de Deus, que se faz presente na pessoa, que se vai desvelando a dimensão da misericórdia que se assume como dom e vocação. A misericórdia que se recebe de Deus, e simultaneamente se dá e recebe dos outros.

Através do Capítulo II deste trabalho procurámos demonstrar a axial importância da misericórdia enquanto condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. Percorremos todo um caminho através dos fundamentos bíblicos da misericórdia. Iniciamos este itinerário através da linguagem bíblica procurando a raiz da palavra misericórdia e encontramos as entranhas de Deus, que numa relação de parentalidade tem por nós uma compaixão e um amor tão íntimo que coloca o coração a sentir o que o outro sente.

No estudo sobre o Antigo Testamento descobrimos como a misericórdia não é apenas mais um atributo, mas o principal atributo de Deus. Encontramos um Deus compadecido, que sofre com o seu Povo e reconhecemos que a Misericórdia é o próprio Deus em si, Ele que tudo cria e que se revela por misericórdia. Um Deus que é anunciado pela voz dos profetas, dos sapienciais e em particular nos Salmos, como benevolente e misericordioso, que a todos quer dar a salvação.

No estudo sobre o Novo Testamento encontramos o êxtase da revelação da misericórdia de Deus em Jesus Cristo, que é o rosto da misericórdia do Pai. Toda a vida de Jesus foi uma revelação constante da misericórdia do Pai. Os seus gestos, as suas palavras, a sua vivência foi uma prática da misericórdia.

Aprendemos que a misericórdia de Deus abrange sempre três dimensões: eu, Deus e o próximo, por isso compreendemos a importância que o texto de (Mt 25, 37-39) teve para a definição das obras de misericórdia corporais e espirituais. Jesus diz-nos quais as implicações

do que significa ter uma vida cristã fundada na misericórdia e deste amor preferencial que a Igreja possui para com os pobres.

Colocamos em evidência como a Igreja tem a importante missão de anunciar e vivenciar a misericórdia divina enquanto corpo eclesial. Ela tem de sair por toda a parte a anunciar o Evangelho de Deus que é misericórdia, como pede o Papa Francisco, e como salientou João Paulo II, deve adotar o culto da Divina Misericórdia enquanto dimensão integrante da fé e da oração dos cristãos⁴¹⁴.

Este estudo teórico revelou-se fundamental para a fundamentação da realização do objetivo a que nos propusemos, de criar no Programa a Unidade Letiva da Misericórdia. Uma nova Unidade que não existe e que pela reflexão feita se assume como essencial para resolver o problema da carência deste conteúdo no Programa.

Na continuidade, no Capítulo III, foi possível verificar através da análise ao atual Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica que as abordagens que nela são feitas ao conteúdo efetivo da Misericórdia são ínfimas, existe uma quase ausência do termo Misericórdia. Transversalmente verificou-se existir uma abordagem indireta dos seus conteúdos que se encontra sumariamente dispersa por todos os ciclos de ensino, mas que não permite captar a essência do que o tema da Misericórdia comporta.

Face a estes resultados, que nos conduziram a considerar que a Misericórdia é abordada de modo insuficiente no Programa da disciplina, legitimou-se a construção de uma nova Unidade Letiva, que pela sua especificidade concretize o estudo da Misericórdia de forma global, procurando abarcar todos os aspetos constituintes deste tema tão nuclear. Foram tomadas decisões substantivas para definir os conteúdos e metas, assim como em termos de objetivos, como a atividade pedagógica se poderá desenvolver, para proporcionar aos alunos a aprendizagem e vivência pessoal da Misericórdia.

⁴¹⁴ Cf. BENTO XVI, *Regina Caeli*, Cidade do Vaticano, 23.4.2006, in http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2006/documents/hf_ben-xvi_reg_20060423.html (consultado a 21.6.2019).

Levar o aluno a descobrir que é Deus o nosso Criador e é Ele que nos mantém na existência, fazer com que tome consciência da importância de nos deixarmos guiar pelo Espírito de Deus, pela sua Misericórdia, seguindo o Senhor, mesmo que o caminho seja caminhar contra a corrente e pareça que estamos a ir em contramão em relação ao mundo, fazem parte dos objetivos da nova Unidade Letiva da Misericórdia. Fazer com que cada um, na sua individualidade e perante a sociedade, através do ensino e pelo que experiencia, seja capaz de realizar um exame de autoconsciência da sua vida e perguntar se é capaz de seguir como o Pai nos pede, agindo como Jesus o fez, adotando a Misericórdia como opção fundamental na sua vida, constitui outros dos objetivos da Unidade da Misericórdia.

Podemos dizer que mais importante do que o que fazemos, é o amor que colocamos no que fazemos. Ser capaz de colocar lado a lado o amor a Deus e o amor ao próximo, considerando-os superiores ao mero cumprimento de preceitos e obrigações, levará a que se possa adotar um estilo de vida que coloque a atenção no outro, no ser humano e permitirá trabalhar a dimensão religiosa e a dimensão ético-moral da Misericórdia. Como nos diz o Papa Francisco:

«Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói. Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs, privados da própria dignidade, e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. [...] Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira da indiferença»⁴¹⁵.

Temos a plena convicção de que a Misericórdia divina deve assumir um lugar de relevo no Programa da disciplina de EMRC, legitimada enquanto condição primordial e critério de revelação de toda a história do mundo e da salvação. Por isso se pede aos alunos, como aludia João Paulo II por ocasião da consagração do mundo à Divina Misericórdia: «Sede testemunhas da Misericórdia.»

⁴¹⁵ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 15.

BIBLIOGRAFIA

- BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, Lisboa/Fátima, 2008⁵.

1. Documentos do Magistério

- BENTO XVI, *Regina Caeli*, Castel Gandolfo, 30.3.2008, in http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2008/documents/hf_ben-xvi_reg_20080330.html (consultado a 21.6.2019).
- BENTO XVI, *Regina Caeli*, Cidade do Vaticano, 23.4.2006, in http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2006/documents/hf_ben-xvi_reg_20060423.html (consultado a 21.6.2019).
- *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999².
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja (Lumen Gentium)*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002, 11-103.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração sobre a Educação Cristã (Gravissimum Educationis)*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002, 613-632.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2006, 7-16.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaração sobre o aborto provocado*, Cidade do Vaticano, 18.11.1974, in

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19741118_declaration-abortion_po.html (consultado a 9.8.2017).

- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DA SAÚDE, *Carta dos Profissionais de Saúde*, Paulinas, Lisboa, 1995.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Obras de Misericórdia Corporais e Espirituais*, Paulus, Lisboa, 2015.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, Paulus, Lisboa, 2015.
- FRANCISCO, *Angelus*, Cidade do Vaticano, 24.9.2017, *in* http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papa-francesco_angelus_20170924.html (consultado a 1.2.2019).
- FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, Cidade do Vaticano, 24.11.2013, *in* http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#I._Uma_Igreja_%C2%ABem_sa%C3%ADda%C2%BB (consultado a 12.7.2019).
- FRANCISCO, *O rosto da misericórdia (Misericordiae vultus): Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, Paulinas Editora - Secretariado Geral do Episcopado, Prior Velho, 2016.
- JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Dives in Misericordia*, Cidade do Vaticano, 30.11.1980, *in* http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html (consultado a 13.9.2017).

- JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Evangelium Vitae*, Cidade do Vaticano, 25.3.1995, *in*
http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html (consultado a 9.8.2017).
- *Liturgia das Horas segundo o Rito Romano*, Volume II, Quaresma e Tempo Pascal, Gráfica de Coimbra, 1999⁴.

2. Outra Bibliografia

- ALMENDRA, L. M. V., «Dinamismos de misericórdia no coração e nas palavras dos sábios de Israel», in AMBROSIO, J. (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 84-103.
- AMBROSIO, J., «A Misericórdia “Chave” de leitura e de ação da vida cristã», in AMBROSIO, J. (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 9-26.
- AMBROSIO, J., «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares: Programa de EMRC, edição de 2014», *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 63-81.
- APRENDIZAGENS ESSENCIAIS – Ensino Básico - 2 Ciclo – 6.º Ano – Educação Moral e Religiosa Católica homologadas pelo Despacho 6944-A/2018, de 18 de julho, do Ministério da Educação *in*
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/emrc_2c_6a.pdf (consultado a 31.8.2019).
- ARENDS, R., *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 2008.
- ATMORE, A. ... [ET AL.] (Colab.), *História do Homem: nos últimos dois milhões de anos*, Selecções do Reader's Digest, Lisboa, 1992⁶.

- AUTIERO, A., «Autodeterminação para o aborto», in LEONE, S. e PRIVITERA, S., CUNHA, J. (Coords.), *Dicionário de Bioética*, Editorial Perpétuo Socorro, Vila Nova de Gaia, 2001, 70-74.
- BONGARDT, M., «Existencia estética e identidad cristiana: sobre la posible forma del cristianismo en la sociedad de la vivencia», *Concilium* 282 (1999) 639-651.
- CARVALHO, C. S., «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição de 2014», *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 29-61.
- CARVALHO, J., «Do Deus da justiça ao Deus da misericórdia», *Bíblica: série científica* 15 (2006) 65-98.
- COMUNIDADE DE TAIZÉ, *Uma palavra bíblica: A misericórdia*, França, 2008, in http://www.taize.fr/pt_article6839.html (consultado a 29.12.2017).
- CORREIA, J. F., «Educação Moral e Religiosa Católica: profecia e dom, um jeito de ser Igreja», *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 95-105.
- DOMINGUES, B., «Prefiro a misericórdia ao sacrifício», *Bíblica: série científica* 15 (2006) 99-111.
- FERRAZ, L. S. L. de A., «Religião se aprende na Escola», *Mirandum* 16 (2005) 1-8.
- FLICHY, O., *La obra de Lucas*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2003.
- GAFO, J., *Bioética*, Paulus Editora, Lisboa, 2011.
- JAEGER, W., *Paidéia: A formação do homem grego*, WMF Martins Fontes, S. Paulo, 1995³.
- JULES, C. – LÉON-DUFOUR, X., «Misericórdia», in LÉON-DUFOUR, X. (Ed.), *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Vozes, Petrópolis, 1992, 594-598.

- KASPER, W., *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, Lucerna, Cascais, 2015.
- LADARIA, L. F., *Introducción a la antropología teológica*, Verbo Divino, Navarra, 2011⁹.
- LARRAÑAGA, I., *Salmos para a vida*, Paulinas, Lisboa, 2001.
- LEONE, S., «Interrupção voluntaria da gravidez», in LEONE, S. e PRIVITERA, S., CUNHA, J. (Coords.), *Dicionário de Bioética*, Editorial Perpétuo Socorro, Vila Nova de Gaia, 2001, 600-607.
- LOURENÇO, J., *O Sofrimento no Pensamento Bíblico – “Releituras Hermenêuticas” de Isaías 53*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2006.
- LOURENÇO, J., «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus», in AMBROSIO, J. (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 27-50.
- LOURENÇO, J., «Os Cantos do Servo. O grito da Misericórdia de Yahwé», in AMBROSIO, J. (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 61-83.
- MARTINS, A. da S., «A misericórdia de Deus num mundo de violência», *Bíblica: série científica* 15 (2006) 1-9.
- MENESES, R. D. B. de, «Teologia aplicada O Bom Samaritano (Lc 10,25-37): pelo caminho da principiologia», *Revista de Cultura Teológica* 61 (2007) 9-31.
- MESSIAS, T., «Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis», *Communio* XXIX (2012) 113-128.
- NUNES, J., «Evangelização - Tarefa de ontem, hoje e sempre», *Pastoral Catequética* 5 (2006) 19-25.
- NUNES, T. S., «Sobre as Finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica», *Pastoral Catequética* 5 (2006) 75-80.

- PALMA, A., «Jesus: rosto da misericórdia», in AMBROSIO, J. (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 104-123.
- PINTO, V. F. X. F., «As provocações dos Homens à misericórdia de Deus», *Bíblica: série científica* 15 (2006) 165-177.
- PRIVITERA, S., «O valor “vida”: Dom de Deus – Responsabilidade do Homem», in CUNHA, J. e OSSWALD, W. (Ed.), *Ética da vida: Vitalidade da ética*, Universidade Católica, Porto, 1997, 5-12.
- RODRIGUES, L. M. F., «Fixar o olhar na Misericórdia, ser sinal eficaz do agir do Pai», *Pastoral Catequética* 34/35 (2006) 107-117.
- SCHOCKENHOFF, E., *Ética de la vida*, Herder, Barcelona, 2012.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, (Colab.) CORDEIRO, A., MOITA, F., DIAS, J. L., PORTUGAL, M., *Manual do aluno Educação Moral e Religiosa Católica 9.º ano do Ensino Básico: Quero Ser*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2015.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, (Colab.) CARVALHO, C. S., PEDRINHO, D., URBANO, E., MOITA, F., AMBRÓSIO, J., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos, edição de 2014*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2014.
- SOARES, F. F., «Reflexões sobre a educação no pensamento de Aristóteles», *Revista Filosofia Capital* 9 (2014) 77-84.
- VAZ, A. dos S., «Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai», *Bíblica: série científica* 15 (2006) 113-130.
- VERBO: ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA: EDIÇÃO SÉCULO XXI, Editorial Verbo, Volume VII e X, Lisboa/São Paulo, 1999²⁵¹⁹.

ÍNDICE

RESUMO	5
ABSTRACT	6
SIGLAS E ABREVIATURAS	7
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - A fonte da Dignidade Humana	16
1. Reflexão no contexto da Prática Letiva	17
2. A vida humana, imagem e semelhança de Deus	26
3. O Homem unidade corpo - alma	29
4. Dignidade da vida humana	31
5. Dignidade ferida e reparada	34
CAPÍTULO II - A Misericórdia como dom e Missão	37
1. Diferentes aceções do termo misericórdia presentes na cultura bíblica	39
2. A Misericórdia no Antigo Testamento	44
2.1. A criação de Deus misericordioso	44
2.2. O nome de Deus revelado na sua misericórdia	46
2.3. O anúncio da Misericórdia de Deus pela voz dos profetas	48
2.4. O anúncio da Misericórdia de Deus pela voz dos sábios	54
2.5. O louvor da Misericórdia nos Salmos.....	58
3. A Misericórdia no Novo Testamento	62
3.1. Jesus Cristo é o rosto da Misericórdia do Pai	62
3.2. As parábolas da Misericórdia	65
3.3. A presença da Misericórdia nas Bem-Aventuranças	77
3.4. Vivência prática da Misericórdia.....	80
3.4.1. Os mandamentos de Jesus.....	80
3.4.2. As obras de Misericórdia em Mt 25, 31-46	86
3.4.3. A Misericórdia como resposta ao sofrimento dos mais necessitados	91
4. Vivência da Misericórdia como mistério eclesial	94

<i>CAPÍTULO III - A Misericórdia de Deus no Programa de EMRC</i>	98
1. A educação integral da pessoa e da sociedade	100
2. O Ensino Religioso Escolar na especificidade de Educação Moral e Religiosa Católica	101
3. Metodologia	104
4. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica	106
4.1. Finalidades.....	108
4.2. Domínios de aprendizagem	110
4.3. Metas curriculares.....	111
5. Análise do tema da Misericórdia no Programa de EMRC	115
<i>CAPÍTULO IV - Propor a Misericórdia em EMRC</i>	121
1. Criação da Unidade Letiva da Misericórdia	121
<i>CONCLUSÃO</i>	127
<i>BIBLIOGRAFIA</i>	133
<i>ÍNDICE</i>	139